

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Mestrado em Comunicação e Informação

Caroline da Rosa dos Santos

O extermínio dos indesejáveis:
Análise de discurso na rede social (ex)Twitter sobre as chacinas praticadas por
policiais no Brasil

Porto Alegre
2024

Caroline da Rosa dos Santos

O extermínio dos indesejáveis:

Análise de discurso na rede social, (ex)Twitter, sobre as chacinas praticadas por policiais no Brasil

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de mestra em Comunicação e Informação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Raquel Recuero

Porto Alegre

2024

CIP - Catalogação na Publicação

da Rosa dos Santos, Caroline
O extermínio dos indesejáveis: Análise de discurso
na rede social, (ex)Twitter, sobre as chacinas
praticadas por policiais no Brasil / Caroline da Rosa
dos Santos. -- 2024.
130 f.
Orientadora: Raquel Recuero.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação,
Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Racismo. 2. Ex-twitter. 3. Chacina. 4.
Violência. 5. Discurso. I. Recuero, Raquel, orient.
II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Caroline da Rosa dos Santos

O extermínio dos indesejáveis.

Análise de discurso na rede social, (ex)Twitter, sobre as chacinas praticadas por policiais no Brasil

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de mestra em Comunicação e Informação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dra. Raquel Recuero

Porto Alegre, 06 de maio de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

Dr. André Iribure Rodrigues
PPGCOM – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dra. Carla Baiense Felix
PPGMC – Universidade Federal Fluminense

Dra. Laura Guimarães Corrêa
PPGCOM – Universidade Federal de Minas Gerais

AGRADECIMENTOS

Durante esse percurso, muitas vozes e mãos fizeram parte do meu processo de escrita e sou eternamente grata a todas elas por me impulsionarem até aqui. Em especial, agradeço primeiramente à minha mãe Oxum, dona do meu Orí, por me preparar para as quedas e levantes, por sempre me guiar e me mostrar que, com fé nela e nos Pais, sozinha eu nunca irei trilhar a vida.

Agradeço à minha mãe, Isabel, por me apoiar e sonhar junto, por acreditar nos meus sonhos e não me limitar. Mesmo com medo, você me encoraja a viver. Não é à toa que és a filha da grande Mãe Iemanjá, a mãe de todos os santos.

Ao meu pai, Ronaldo, meu herói, meu amor, o cara da minha vida. Tu me apoias incondicionalmente, me eleva, me ensina a ter foco e confiar no meu propósito. Não é segredo que sou tua fã!

Aos meus queridos irmãos Carina, Juliano, Fabiane, Adriélly, vocês são os meus primeiros eternos amigos e a minha base.

Para as crianças da minha família, em especial aos meus sobrinhos: Laura, Thomas e Zuri, e aos meus afilhados Isabelli e Theodoro. Vocês são o começo de tudo, são o futuro.

Agradeço à minha Mãe de Santo, Jaqueline. Eu te amo infinitamente. Sou grata a todos os ensinamentos e cuidado que você tem comigo e com meu espiritual. Tenho muita sorte de poder te chamar de mãe, e antes mesmo de te conhecer, os meus caminhos já tinham te escolhido.

Agradeço à minha família materna, aos primos, em especial ao Vinicius, que me acompanha desde sempre; aos tios e tias, vulgo minhas velhas: Tia Tonha, Tia Marta, Tia Neza e meu Dindo Nei. Amo vocês.

Aos amigos que acolheram a minha ausência, vocês estiveram comigo mesmo quando eu não queria estar, foram o meu refúgio em dias que nada fazia sentido, em dias que pareciam noites. Obrigada com carinho a Beyoncé, Laura, Julia, Inayara, Eduardo, Tainá P., Luli, Kellen, Karen, Jenni, Anne, Nana, Gugão, Ariel,

Rich, Fer Fiuza, Ariane, Senna, Thai B., Jaynan, Mau, Lauren, Sol, Dina, Keyla, Alisson, Dessa Moraes, Henrique, Marina, Karima, Samanta e lury, e também à minha madrinha espiritual, Fabi.

Ter chegado na materialização dessa etapa não foi nada fácil, mas com alegria e certeza afirmo que nunca me senti sozinha e este agradecimento escrevo com muito carinho a vocês, que foram ouvidos e muitos abraços.

À minha orientadora, Raquel, por me inspirar e me incentivar. Os teus ensinamentos foram primordiais, foram acalantos. Já te admirava antes e hoje muito mais. Aos professores por aceitarem compor a banca deste trabalho.

À minha psicóloga, Rossana, você é luz.

À minha comunidade, dos meus irmãos e amigos de rua, pessoas por quem nutro carinho e que somaram com a minha jornada, vocês me abriram os olhos para o mundo.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos que contribuíram para a realização deste trabalho. Em especial, agradeço à família Oliveira Pereira e à Andressa A. pelo incentivo durante uma fase importante da minha vida.

E para encerrar, agradeço a mim, por ser firme e leal à minha versão criança, essa que me guia, não tem medo de viver e faz dos meus sonhos a bússola do meu caminho.

A resposta sempre está no mar.

[...]

Imploro-te Exu
plantares na minha boca
o teu axé verbal
restituindo-me a língua
que era minha
e me roubaram

[...]

(Padê de Exu libertador, Abdias Nascimento)

RESUMO

O presente estudo objetiva compreender como o discurso sobre a negritude aparece em *tweets* que falam sobre violência policial. Para sustentar esse projeto, parto dos conceitos elaborados por Nascimento (2017; 2019) sobre a política de democracia racial e o imaginário construído a partir do processo de miscigenação no Brasil. Me construo a partir de autores que explicitam as suas perspectivas raciais, como Gonzalez (1984), Munanga (2019), Fanon (2008), Carneiro (2023) e Wilderson (2021), assim como em autores que discutem sobre a construção dos sujeitos, identidades e negritude, denunciando o racismo e a forma como a violência permeia a sociedade brasileira desde da época da escravidão. Para discorrer sobre discursos e plataformas digitais, parto das ideias apresentadas por Andréa (2018), Van Dijck (2013), Gillespie, (2010), Recuero (2019), entre outros pesquisadores. Os procedimentos metodológicos têm viés qualitativo, com foco na análise dos discursos produzidos no (ex)Twitter, em episódios que envolvem civis e a polícia. Para isso, me baseio nos estudos de Herring (2004), especialmente o conceito de Discurso Mediado por Computador (CMDA). O recorte feito para análise foram comentários publicados a respeito das chacinas praticadas por agentes do estado no Guarujá (São Paulo) e Complexo da Penha (Rio de Janeiro), no mês de agosto de 2023. Os resultados da pesquisa mostram que o processo de desumanização praticada historicamente contra os negros é efetivo, seja de forma velada nos discursos produzidos nas redes sociais, quanto por meio de práticas explicitamente racistas. Vivemos numa sociedade racialmente demarcada, que de forma frequente nos deixa em estado de reação por nos violar de diversas maneiras, seja alimentando e construindo estereótipos racistas nas redes sociais, seja operando no extermínio da população negra, sob amparo das instituições que são braços do Estado, tais como as polícias.

Palavras-chave: Racismo. (ex)Twitter. Chacina. Violência. Discurso. Plataformas.

ABSTRACT

The present study aims to understand how discourse on blackness appears in tweets discussing police violence. To support this project, I draw upon concepts developed by Nascimento (2017; 2019) regarding the politics of racial democracy and the imagery constructed from the process of miscegenation in Brazil. I engage with authors who explicitly express their racial perspectives, such as Gonzalez (1984), Munanga (2019), Fanon (2008), Carneiro (2023), and Wilderson (2021), as well as authors who discuss the construction of subjects, identities, and blackness, denouncing racism and the way violence permeates Brazilian society since the time of slavery. To discuss discourse and digital platforms, I draw on ideas presented by Andréa (2018), Van Dijck (2013), Gillespie (2010), Recuero (2019), among other researchers. The methodological procedures have a qualitative bias, focusing on the analysis of discourses produced on (ex)Twitter, in episodes involving civilians and the police. To do this, I rely on studies by Herring (2004), especially the concept of Computer-Mediated Discourse (CMDA). The analysis focused on comments published regarding the massacres perpetrated by state agents in Guarujá (São Paulo) and Complexo da Penha (Rio de Janeiro) in August 2023. The research results show that the historically practiced process of dehumanization against blacks is effective, whether in veiled form in the discourses produced on social networks or through explicitly racist practices. We live in a racially demarcated society that frequently leaves us in a state of reaction by violating us in various ways, whether by feeding and constructing racist stereotypes on social networks or by operating in the extermination of the black population, under the auspices of institutions that are arms of the State, such as the police.

Keywords : Racism. (ex)Twitter. Massacre. Violence. Discourse. Platforms.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Folha de São Paulo relata o perfil de umas pessoas executadas na Operação Escudo do Guarujá	68
Figura 2 - Notícia publicada pelo G1 sobre os policiais que tentaram alterar a cena do crime.....	69
Figura 3 - Manchete do portal o Globo sobre a operação policial no Complexo da .	70
Figura 4 - Perfil da pesquisadora.....	72
Figura 5 - Interação no tweet compartilhado pelo perfil do G1 sobre a operação policial ocorrida no Guarujá (SP) e que ocasionou 20 mortes.....	73
Figura 6 - Interação gerada após Tweet do G1	75
Figura 7 - Perfil de entretenimento “Choquei” descrevendo o perfil das vítimas da operação policial	77
Figura 8 - Interação na postagem do perfil Choquei que descreve as vítimas executadas na operação policial	78
Figura 9 - Publicação do perfil de entretenimento Choquei sobre suposta comemoração policial a respeito do número de mortos durante a operação Escudo	79
Figura 10 - Interação provocada pela notícia publicada pela Choquei a respeito da comemoração policial sobre o número de mortos na operação	80

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 A HISTÓRIA DA VIOLÊNCIA CONTRA A POPULAÇÃO NEGRA	18
1.1 A HISTÓRIA QUE OS LIVROS NÃO CONTAM: SILENCIAMENTO E APAGAMENTO DO POVO NEGRO	18
2 NEGRO É A RAIZ DA LIBERDADE: CONCEITO DE NEGRITUDE	31
2.1 O PROBLEMA SÃO OS OUTROS: A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NEGRA	39
2.2 RACISMO NO BRASIL	42
3 PLATAFORMAS DIGITAIS	48
3.1 CONCEITOS E SIGNIFICADOS	49
3.1.1 Infraestrutura técnica e algoritmos	54
3.1.2 Relevância dos algoritmos	55
3.2 PLATAFORMAS E DISCURSO	58
3.3 PLATAFORMA E RACISMO	61
4 METODOLOGIA	64
4.1 MÉTODO DE COLETAS DE DADOS	71
4.2. MÉTODO DE ANÁLISE	81
4.2.1 Análise dos comentários na rede social (ex)Twitter após episódios de violência nos casos: Chacina do Guarujá e Chacina da Penha	82
4.2.2 Delimitação do corpus para análise sobre a Chacina no Guarujá e Chacina da Penha	82
4.3 ANÁLISE A PARTIR DOS COMENTÁRIOS DOS USUÁRIOS SOBRE AS CHACINAS NA REDE SOCIAL EX-TWITTER	100
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERENCIAS	115

INTRODUÇÃO

Quanto vale a vida do negro no Brasil? Uma das expressões mais nefastas do racismo é a violência praticada contra a população negra, à qual é recorrente e naturalizada pelas instituições. Historicamente, o Brasil não se responsabilizou pela escravização dos africanos e muito menos condenou aqueles que a praticaram, um dos maiores crimes contra a humanidade.

As desigualdades políticas e socioeconômicas que vivemos atualmente são frutos de séculos de omissão da branquitude frente às práticas exploratórias praticadas contra negros e indígenas. Gerações foram interrompidas e não conseguiram sentir o gosto da justiça. A história não muda, os atores continuam os mesmos, as vítimas têm a cor de pele igual a minha, de meus pais, irmãos e dos amigos da minha família. Vivemos um problema crônico, o qual infelizmente estamos distantes de solucionar.

E os índices não mentem. O número de assassinatos durante a última década no Brasil mostrou que 408.605 foram contra pessoas negras. A cada 100 pessoas assassinadas no Brasil em 2021, 78 eram negras, conforme os dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022. O Brasil segue falhando com a vida das pessoas negras. E quando paramos para analisar as violências institucionais praticadas contra esse grupo naturalmente marginalizado, percebemos que o país falha ainda mais.

O Estado tem a obrigação constitucional de proteger todos os cidadãos de maneira igualitária, sem distinção social, de raça e gênero. É um direito fundamental. Na prática, porém, a proteção não acontece. A negritude brasileira é um grupo de risco em mortes violentas, diariamente exposta a todo tipo de violência, especialmente a homicídios evitáveis. A segurança pública, ao invés de proteger, atua de maneira tendenciosa e desigual, mostrando que o tratamento é diferenciado quando a cor de pele é negra e parda. A exclusão é um estigma direcionado para as pessoas negras na sociedade.

Racismo é um marcador determinante que prejudica a experiência de uma vida plena para essa população. São tantas camadas que o racismo atravessa que é preocupante idealizar um futuro enquanto pessoa negra. As instituições policiais atuam de forma seletiva. Ao mencionar o braço protetor do Estado - a polícia - não ignoramos as outras instituições responsáveis pela justiça criminal do país. Contudo,

neste trabalho vamos nos ater as polícias e os discursos que legitimam o extermínio perpetuado por estas instituições.

Durante a última semana de julho e a primeira semana de agosto de 2023, os estados de São Paulo¹ e Rio de Janeiro² somaram 32 mortos em intervenções policiais³. No dia 27 de julho, em um curto espaço de tempo, foi baleado na Baixada Santista, o soldado Patrick Bastos Reis, de 30 anos. Ele não resistiu ao ferimento ocorrido enquanto realizava o patrulhamento na Comunidade da Vila Júlia, em Guarujá, São Paulo. A morte do policial originou a Operação Escudo naquela região. Os moradores alegam que os agentes prometeram vingança e que haveria mais mortes. Conforme reportagem do site, “Publica”, as denúncias dos moradores sobre a execução da Operação foram tratadas como “narrativas”, por Guilherme Derrite secretário de Segurança Pública do Governo Tarcísio de Freitas. Durante os oito dias da operação das polícias Civil e Militar, foram registradas 16 mortes e 146 prisões. Um mês após a megaoperação, foram contabilizadas 22 mortes e 634 prisões, além de apreensões de armas e drogas. Grupos de Direitos Humanos, junto a moradores e líderes sociais da comunidade, denunciam o comportamento violento e os abusos e torturas praticadas pelos agentes.

No dia 02 de agosto, no Complexo da Penha e Vila Cruzeiro, no Rio de Janeiro, ocorreu outra operação, resultando em 10 mortes e 5 pessoas feridas. A justificativa reportada pela polícia para a operação está relacionada ao combate às facções e à expansão do tráfico de drogas na região.

Essas notícias deveriam chocar a população e receber a devida importância midiática dos tradicionais portais de notícias. Porém, tem sido tão recorrente essas operações de vingança e extermínio por parte da polícia, que a sociedade se mostra anestesiada e grande parte parece não se importar. Cabe dizer que o Brasil naturalizou as chacinas nas periferias, sob a justificativa da necessidade de reforço

¹ Nesta publicação do portal Publica, é possível acessar maiores informações sobre a chacina ocorrida no Guarujá, em São Paulo: <https://apublica.org/2023/08/chacina-no-guaruja-morador-denuncia-que-policiais-apagaram-imagens-em-local-de-mort>

² Nesta publicação do portal G1, é possível acessar mais informações sobre a chacina ocorrida no Complexo da Penha, no Rio de Janeiro: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/08/02/policiais-militar-e-civil-fazem-operacao-no-complexo-da-penha-moradores-relatam-intenso-confronto.ghml>

³ Neste artigo de Miriam Leitão para o portal digital do Jornal O Globo, se pode acessar algumas informações sobre as intervenções policiais em contextos de favela, chamada pela jornalista de “rotina do absurdo”: <https://oglobo.globo.com/blogs/miriam-leitao/coluna/2023/08/sangue-no-asfalto-e-a-rotina-do-absurdo.ghml>

da segurança pública, com a premissa de que no combate à criminalidade são necessários “sacrifícios e abusos” por parte da polícia militar.

Isto não é um fenômeno isolado, ainda que seja tratado nas redes sociais como se fosse. Dentro dos estudos da comunicação, é importante analisar o papel das redes sociais na disseminação de discursos com viés racista acerca dessas mortes. A ideia de acompanhar essas violências, sobretudo no (ex)Twitter⁴, a grande repercussão que a plataforma tem e ao fato desta ser uma rede social onde a dinâmica das interações possibilita a coleta e o acompanhamento dos discursos em tempo real.

As redes sociais tornaram-se fundamentais para a construção de debate sobre diversos temas importantes para a sociedade. Neste sentido, a questão que me norteia para esse estudo é: como o discurso racista a respeito da população negra, envolvendo violência policial, aparece nas redes sociais, sobretudo no (ex)Twitter?

A escolha dessa rede social é porque a plataforma proporciona um acompanhamento em tempo real. Além disso, o (ex)Twitter tem ferramentas pontuais de busca que funcionam como etiqueta de palavras, o que facilita a nossa pesquisa. Essas etiquetas são conhecidas por serem hashtag de contexto. Com elas podemos resgatar a opinião completa do usuário sobre vários assuntos do cotidiano. Além disso, dentro desse ambiente podemos verificar as palavras e termos mais comentados durante determinados períodos. Ou seja, conseguimos analisar o que está sendo pautado no dia.

Nesse contexto, o objetivo dessa pesquisa é compreender como o discurso sobre a negritude aparece em tweets que falam sobre violência policial. Os objetivos específicos são: a) Identificar os padrões discursivos dos usuários relacionados aos episódios de violência policial no (ex)Twitter; b) Analisar quais os termos que recorrentemente são utilizados pelos usuários das redes sociais frente às notícias de violência policial; c) Verificar o tom geral de discursos referentes aos episódios de violência policial contra a negritude.

⁴ A rede social lançada em março de 2006 com o nome de Twitter, por Jack Dorsey, Noah Glass, Biz Stone e Evan Williams, sofreu uma mudança de nome em 2023, implementada pelo atual proprietário da empresa, Elon Musk. Nesta pesquisa, considerando que a coleta e análise dos dados se deram antes desta mudança, optou-se pela utilização do termo “(ex)Twitter”, como forma de resguardar o contexto da rede social durante a realização da pesquisa.

Esta pesquisa se justifica por buscar compreender de maneira crítica, como os discursos racistas aparecem nas redes sociais, em episódios que envolvem a polícia e civis. É um tema de relevância que vem sendo estudado de maneira crescente entre os pesquisadores da área da comunicação, devido a dependência tecnológica e a centralidade que as plataformas adquiriram na sociedade. Enquanto pesquisadora da UFRGS, tenho como desejo que minha dissertação colabore com o debate acerca da comunicação e estudos de Raça e Discurso, especialmente em ambientes virtuais. Nesses espaços, alguns discursos parecem ser inocentes, porém expõe o racismo mascarado e naturalizam a violência praticada contra a população negra. Esta pesquisa se interessa em saber como os discursos racistas se desdobram nesses ambientes virtuais.

É importante mencionar que os discursos estão sendo moldados e reproduzidos dentro desses espaços virtuais. As plataformas digitais se tornaram fontes prioritárias de busca de informação e interação. Para Herring (2001), a definição para Discursos mediados por computador diz respeito à comunicação que é produzida entre as pessoas por meio de mensagens mediadas por computador. Essa interação deixa vestígios linguísticos, o que possibilita analisar como os discursos são compreendidos e interpretados nesses espaços virtuais. É necessário explorar e compreender o funcionamento dessas plataformas que não atuam de forma neutra na sociedade e sim com interesses políticos e econômicos para a manutenção do poder. As plataformas determinam os discursos e pequenos grupos econômicos estão definindo e influenciando o comportamento da sociedade.

A metodologia adotada tem caráter qualitativo, com foco em analisar os discursos produzidos no (ex)Twitter em episódios que envolvem civis e a polícia. Para esse recorte, o caso analisado será a chacina praticada por agentes do estado no Guarujá (São Paulo) e Complexo da Penha (Rio de Janeiro), no mês de agosto de 2023. A análise de Discurso Mediado por Computador (Herring, 2004), é uma abordagem que tem um olhar para a linguagem, o que permite estudar as interações verbais, assim como a relação entre o discurso e a prática social.

1 A HISTÓRIA DA VIOLÊNCIA CONTRA A POPULAÇÃO NEGRA

Não seria possível discutir a história sem ter o cuidado de fazer recorte de raça. Além disso, é importante pontuar que historicamente a população negra tem sido violentada e negligenciada desde o primeiro africano que foi escravizado no mundo. Dessa forma, a construção deste capítulo, se propõe a pensar como esses processos de violência e discriminação que constituem a sociedade, formaram a sociedade brasileira.

Infelizmente não é preciso o período exato em que os africanos traficados do continente foram obrigados a ser mão de obra no Brasil. Mas estima-se que a chegada ocorreu durante o século 16 e essa inconsistência de informações oficiais, foram propositalmente queimadas pelo Ministro da economia Rui Barbosa. Segundo Nascimento (2017) esta é uma das medidas políticas tomadas durante a escravidão que tinha como finalidade um apagamento histórico da população negra. Isso resultaria num desconhecimento das gerações futuras sobre a história. Já se passaram 132 anos pós abolição (1888) e os negros continuam lutando por direitos básicos. A violência é uma prática de desumanização e controle de grupos socialmente vulneráveis.

Nas seções iniciais falaremos sobre o apagamento histórico do negro e como as estruturas silenciam e os colocam em posição de atraso. Como o uso da violência física e simbólica é um marcador presente para o controle da negritude. A repreensão das instituições sem fazer distinção ao negro atualmente não mudou. A sociedade foi edificada sob essa lógica.

1.1 A HISTÓRIA QUE OS LIVROS NÃO CONTAM: SILENCIAMENTO E APAGAMENTO DO POVO NEGRO

Por mais que a sistemática mundial trate a produção de conhecimento da branquitude como universal, temos intelectuais que rompem até hoje com essas ideologias e estruturas, contribuindo com o legado plural. Legado este que é muitas vezes, pouco reconhecido, mas com diversas produções de pensamento para a consciência do negro. O negro lutava contra o sistema de escravidão desde o primeiro africano que foi retirado da sua terra de origem. Nada nunca foi consensual, tanto que muitos escravizados quando se depararam com a situação que estava por

vir, cometiam suicídio para não viver nas mãos dos senhores. As mulheres praticavam abortos para que seus filhos não vivessem nessas condições de exploração, muitos sabotavam as plantações, organizavam rotas de fugas, participavam de rebeliões.

A oralidade é algo marcante e presente na vida dos negros, para sobreviver e se articular entre seus pares. Através das cantigas, os escravizados se comunicavam em códigos para que o branco não compreendesse as suas mensagens. A luta sempre fez parte da história do negro e é necessário revisitar a história para nunca esquecer que as mazelas que vivemos hoje, são consequências da escravidão do passado.

Estamos em constante luta quando se trata de reivindicar direito de humanidade, consciência racial e reparação histórica. Os intelectuais negros Lélia Gonzalez (1984) e Abdias Nascimento (2017) auxiliam para o nosso entendimento de como a estrutura capitalista e o racismo brasileiro interseccionam-se. O privilégio branco favorece esse grupo em todas as classes sociais. Conforme Lélia (1984), brancos se beneficiam com a desigualdade racial e não abrem mão deste lugar de designar o outro.

As condições de existência material da comunidade negra remetem a condicionamentos psicológicos que têm que ser atacados e desmascarados. Os diferentes índices de dominação das diferentes formas de produção econômica existentes no Brasil parecem coincidir num mesmo ponto: a reinterpretação da teoria do “lugar natural” de Aristóteles. Desde a época colonial aos dias de hoje, percebe-se uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias saudáveis, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes formas de policiamento que vão desde os feitores, capitães de mato, capangas, etc, até à polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e do sobrado até aos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (...) dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço (...) No caso do grupo dominado o que se constata são famílias inteiras amontoadas em cubículos cujas condições de higiene e saúde são as mais precárias. Além disso, aqui também se tem a presença policial; só que não é para proteger, mas para oprimir, violentar e amedrontar. É por aí que se entende por que o outro lugar natural do negro sejam as prisões. A sistemática repressão policial, dado o seu caráter racista, tem por objetivo próximo a instauração da submissão. (Gonzalez, 1984, p.232)

A conta do racismo favorece inclusive os brancos que não são detentores da produção de capital. Neste jogo social, o negro não preenche os requisitos para ser

detentor de poder simbólico, material e econômico. Independente da capacitação profissional e intelectual das pessoas negras, os resultados sociais favorecem de alguma forma a branquitude. A marginalização do negro segue sendo um instrumento de dominação e exploração desse grupo na sociedade. Durante o período neocolonial, o uso abusivo da mão de obra do negro sustentava a economia das metrópoles. Sendo considerado mercadoria, era visto como motor do centro econômico.

Após a abolição da escravatura em 1888, essa massa discriminada, em que estava centralizada a população negra, passou a ser empurrada para as periferias, causando mudanças significativas na sociedade e na economia do Brasil, que era sustentada pela mão de obra escravizada. A falsa liberdade custou muito caro para a população negra. A sociedade escravocrata - Estado, Igreja e senhores - foi eximida após a abolição, de qualquer responsabilidade pelos séculos de exploração e violência contra aqueles que construíram o país. Jogaram a população negra recém liberta e seus descendentes, para as margens, sem nenhum tipo de reparação financeira e territorial. Sem nenhuma política de integração, as pessoas negras foram descartadas para que sobrevivessem à própria sorte.

A abolição da escravatura não foi um ato de humanidade. Segundo José Luis Petruccelli, pesquisador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em reportagem para a Fundação Palmares, “em 350 anos de tráfico negreiro, entraram no país cerca de 4 milhões de africanos. Entre 1870 e 1930 vieram morar aqui praticamente 4 milhões de imigrantes europeus” (FUNDAÇÃO PALMARES, 2013). Os registros históricos sobre esse período foram propositalmente queimados por agentes do Estado. Sobre isto, Nascimento (2017) relata que:

É quase impossível estimar o número de escravos entrados no país. Isto não só por causa da ausência de estatísticas merecedoras de crédito, mas principalmente, consequência da lamentável Circular de nº 29, de 13 de maio de 1891, assinada pelo ministro das finanças Rui Barbosa, a qual ordenou a destruição pelo fogo de todos os documentos históricos e arquivos relacionados com o comércio de escravos e a escravidão em geral. (Nascimento, 2017, p. 58)

A estrutura que protegia esse mercado de escravização, submetiam os negros a condições desumanizadoras. Os famosos navios negreiros para Ramos (1942), funcionaram como prisões flutuantes em alto mar. A partir do momento que os negros eram capturados, aquelas pessoas passavam a ser animais, não mais

seres humanos. Autor relata que o tratamento era cruel e uma vez capturados, eram os negros conduzidos em grupos organizados em fileiras enormes de homens, mulheres e crianças presos uns aos outros. Então começava o calvário negro, em longas, intermináveis marchas, em todas as direções do Continente, em busca do litoral para o embarque nos navios negreiros. Não eram seres humanos, aquela fila extensa como animais encangados. [...] Os escravos vinham, ainda, atados uns aos outros pelo pescoço, por meio de cordas feitas de couro de boi retorcido. Para impedir a fuga, costumavam os negreiros também a unir a perna direita de uma perna esquerda do outro com cepo de madeira. Para maior segurança, as mãos eram fechadas em grilhetas e correntes, atadas ao pescoço e aos pés. (Ramos, 1942, p. 86).

Ramos (1942) explica também que as condições aglomeradas e superlotadas nos porões dos navios, tornavam o ambiente propício para a proliferação de doenças e descarte. As condições eram insalubres e assim permaneciam como mais uma forma de tortura contra os escravizados. Podemos observar que a desumanização era regra. A intenção sempre foi de enfraquecimento, assim os senhores teriam o mínimo de resistência dos escravos e dessa forma, evitariam rebeliões entre o grupo, pois a única energia que eles teriam durante essas embarcações era a de se manter vivos, mesmo que sob condições humanamente mínimas, diante do aprisionamento.

Muitas vezes, a fome, as doenças, dizimavam a população dos barracões. As feridas abertas pelos grilhões, ulceradas e gangrenadas muitas vezes exalavam um odor insuportável [...] verdadeiras salas de putrefação onde os escravos confundem todos os seus excrementos, onde permanecem trancados à noite e dia, com medo de que fujam. Ali se sentem esses odores infectos que intoxicam os europeus que penetram nos barracões alguns minutos, e aí sofrem os escravos até a sua partida, um verdadeiro suplício que esgota em poucos dias sua saúde e seu vigor. Os fracos, os velhos, os enfermos, ficavam separados e contam algumas testemunhas que eram lançados ao mar, para que morressem. (Ramos, 1942, p. 88).

Os livros de História do Brasil não contam e quando o fazem, suavizam a crueldade a que esse grupo era exposto. O medo dos traficantes e da elite escravagista era de que houvesse organização dos negros para resistir ao sistema, e assim, se perdesse o controle, visto que eles eram maioria. A tortura é uma forma de exercer domínio sob o corpo do outro, e ela é um dos produtos desenvolvidos, cumprindo a função de repressão que o poder produz.

Para Foucault, o poder não se resume à força da negação, do proibido, “deve-se considerá-lo uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social” (Foucault, 1982, p.8). Com o passar do tempo, ocorreu um aprimoramento das técnicas de poder e houve penetração nas diversas camadas sociais. Porém, o intuito não se modificou: ter o controle e domínio sobre o corpo e sua funcionalidade para sociedade.

A política do medo e do controle paira até hoje na sociedade. Ramos (1942) exemplifica este ponto, com a descrição de formas de castigo e instrumentos utilizados como método de tortura para escravizados. Um exemplo é de que muitos dos escravizados usavam libambos⁵ nos pescoços para que ficassem juntos, nas feiras de venda de escravos ao ar livre, que ocorriam diariamente. O libambo funcionava com uma cadeia de ferro que prendia pelo pescoço o grupo de escravos. Os africanos eram obrigados a trabalhar sob condições tão desumanas, que os seus corpos acabavam ficando deformados com os excessos de corretivos e tamanha exposição ao trabalho pesado que eram obrigados a fazer. Muitos ficavam “aleijados” em decorrência de tortura, da punição dos seus senhores. Além disso, os “senhores” mutilavam aqueles que tentavam fugir, os prendiam sob o formigueiro e marcavam com ferro quente para demarcar aquela pessoa como propriedade.

Nos açoites, muitas vezes o senhor acendia um comprido cigarro enquanto assistia ao castigo, e enquanto o cigarro durava, o chicote não parava. [...] A série de instrumentos de suplício desafia a imaginação das convivências mais duras: o tronco, o vira-mundo, o cepo e as correntes, as algemas, o libambo, a gargalheira, a gomilha ou golilha, a peia, o colete de couro, os anjinhos, a máscara, as placas de ferro. (Ramos, 1942, p. 101-106).

A construção da sociedade brasileira foi moldada sob um viés de violência, exercitada e aprimorada nos corpos de pessoas escravizadas. Conforme Santos (2014), os castigos praticados pelos senhores de escravos, “são o capítulo inicial da história da tortura no Brasil” (Santos, 2014, p.36). A tortura foi naturalizada na escravidão e até hoje é utilizada como forma de executar a dominação sobre o outro. Uma maneira de exploração da força de trabalho ou de controle do direito de existir do outro.

⁵ Aqui segue uma imagem deste instrumento: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon299056/icon981700.jpg

A prática da tortura não excluía as mulheres brancas nas relações escravocratas, afinal as senhoras eram tão maldosas quanto seus esposos. Um caso que ganhou destaque devido aos requintes de crueldade, a ponto de ser levado a júri, foi o crime da baronesa do Grajaú. Costa (2017) relata que, em 1876, D. Anna Rosa Vianna Ribeiro era esposa de um influente político do Maranhão, Carlos Fernando Ribeiro, titulado como Barão de Grajaú por Dom Pedro II. D. Anna Rosa foi acusada de matar Inocêncio, uma criança escrava que pertencia à família. Esse caso é conhecido devido à acusação ter sido apresentada pelo promotor e abolicionista, Celso Magalhães.

O nome de Anna Rosa V. Ribeiro é associado a uma séria de violências contra escravos no Maranhão da segunda metade do século XIX, sempre representado como ações de perversidade e mesmo sadismo. A conduta violenta de Anna Rosa teria como características, além da execução mediante a tortura e da maldade aparentemente gratuita ser seguida pela impunidade da baronesa. [...] Além da morte de Inocêncio, há registro de pelo menos outros oitos atos de violência contra cativos, dois deles supostamente assassinados pela senhora de escravos. (Costa, 2017, pág. 66)

A baronesa era conhecida por torturar os escravos que pertenciam a sua família e as escravas também, as quais punia por ciúmes, arrancando seus dentes. Costa (2017) descreve que Anna Rosa mandou arrancar todos os dentes da negra Militina, pois a escrava sorriu para o esposo da Baronesa. Havia todo um sistema de proteção do judiciário da época para que ela não fosse penalizada pelas atrocidades que cometia a quem a incomodasse. Conforme os autos do processo que foi precedente para a investigação:

Inocêncio, a vítima, tinha aproximadamente 8 anos quando morreu em 13 de novembro de 1876, alguns dias depois de seu irmão Jacinto, ambos adquiridos por D. Anna Rosa da firma Ferreira & Silva em agosto daquele ano. Os autos do inquérito indicam que, poucas horas após a morte da criança, a acusada contratou, por meio de um escravo, afirma Romeo & Silva para a realização do sepultamento da criança, exigindo que tal se desse antes das seis horas da manhã do dia 14 e que o caixão não deveria ser aberto, salvo no ato de encomendação do cadáver, o que despertou suspeitas quando o corpo chegou ao Cemitério da Santa Casa de Misericórdia. Por estar desacompanhado do bilhete de sepultura, foi impossibilitado o imediato sepultamento de Inocêncio e comunicada a ocorrência à Subdelegacia de Polícia do 2º Distrito da Capital, daí ocasionando a suspensão do enterro, que só aconteceria no dia 15, uma vez efetuado o exame pericial pelos médicos Augusto José de Lemos e Raimundo José Pereira de Castro, por determinação da Subdelegacia. A conclusão do laudo foi de que a morte de Inocêncio foi causada “provavelmente por castigos repetidos”, além de maus-tratos continuados, “provavelmente” provocados por “cordas, chicote e qualquer outro instrumento contundente de maior peso”, sendo apontada a existência de

uma contusão na cabeça, mais precisamente na “região occipital pelo lado direito, junto à sutura com o parietal correspondente, [...] outra na região frontal do mesmo lado, em sua parte média, outra ainda na mesma região pela sua parte esquerda, marchando para a região temporal, correspondente”, além de “escoriações na orelha direita em seus bordos; feridas e equimoses no lábio inferior”, dentre diversas outras lesões recentes por todo o corpo, somadas as marcas antigas de castigos e pancadas (MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO MARANHÃO, 2020, pág. 26)

Os irmãos Jacinto e Inocêncio eram duas das crianças que viviam em condições de espancamento. Conforme os laudos da época, Jacinto morreu de maneira suspeita na casa de Anna Rosa, mas não tinham provas suficientes para levá-la ao banco dos réus. A morte de Jacinto não foi investigada, mas ambos sofreram, na sua breve infância, o peso da violência escravocrata e racista. Conforme matéria do portal BBC News, o historiador Alexandre Cardoso⁶ relata como eram as condições que as crianças viviam:

Eles viveram torturas terríveis. As crianças eram amarradas em gaiolas de jabuti, chicoteadas. O exame de corpo de delito é apavorante. O corpo de Inocêncio, que nunca foi notado em vida, que era visto como uma mercadoria, passou a ser notado só depois da morte" diz Cardoso (Sayuri, 2022, s/n).

A violência sempre foi instrumento para domesticar as mulheres, idosos, crianças e o homem negro. Como podemos notar pelos autos e pela reportagem citada, a violência era executada com viés racial, independente de gênero e faixa etária. As mulheres negras eram violentadas. O estupro contra as escravas, praticadas pelos homens brancos, foi uma maneira de definir e limitar a vida das mulheres escravizadas. O tratamento físico era cruel e a morte, para muitos escravizados, era como se fosse a liberdade que enfim chegava e colocava fim aquelas condições. A violência era física e mental. O Jornalista Joaquim Nabuco denunciava que:

A mortalidade dos escravos é um detalhe que nunca aparece nessas estatísticas falsificadas, cuja ideia é que a mentira no exterior habilita o governo a não fazer nada no país e deixar os escravos entregues à sua própria sorte (Nabuco, *apud* Nascimento, 2017, p. 69).

⁶ A contribuição do historiador mencionado, se encontra no subtítulo “A luta de uma jovem mãe negra por justiça”. A reportagem na íntegra pode ser acessada no link: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-60492824>

Não existia fazenda sem instrumentos de tortura e seu profissional torturador: o feitor, o capataz. A tortura era tão normal que desumanizou os negros e seus senhores (SANTOS, 2014, p. 36). O autor complementa que a Igreja Católica pregava que a tortura deveria ser feita para ensinar o escravo, como se fosse uma correção benéfica. Chamavam os escravos de “filhos do Calvário” (Santos, 2014, p. 43).

A instituição religiosa andava de mãos dadas com a escravidão. Atuava a serviço dela para que os escravizados aceitassem as condições a que eram expostos e perdoassem os abusos cometidos pelos seus senhores. Aconteciam missões dos colonizadores em terras africanas e tentativas de conversão dos africanos nos navios negreiros. Nascimento (2014) compartilha as falas de um fervoroso padre, o Antônio Vieira, que pregava para os escravos em 1633, dessa forma:

Escravos estais sujeitos e obedientes em tudo a vossos senhores, não só aos bons e modestos, senão também aos maus e injustos. [...] porque nesse estado em que deus vos pôs, é a vossa vocação semelhante à de seu Filho, o qual padeceu por nós, deixando-vos o exemplo de que haveis de imitar. (Nascimento, 2014, p. 62- 63)

Era necessário entrar na mente daqueles que estavam a sofrer. Os africanos eram aconselhados a cultuar a piedade como Jesus Cristo, que perdoou seus algozes. O padre atuava pelos interesses da classe dominante. Assim como sistematicamente dizimaram os indígenas que habitavam as terras brasileiras, não esqueçamos que os jesuítas repetiram o mesmo modus operandi contra os negros. Domesticação era a ordem.

Deveis dar infinitas graças a Deus por vos ter dado conhecimento de si, e por vos ter tirado de vossas terras, onde vossos pais e vós vivíeis como gentios, e vos ter trazido a esta, onde, instruídos na fé, vivais como cristão e vos salvarei. (Nascimento, 2014, p. 62- 63)

Por séculos, o sistema escravocrata era considerado como algo benevolente e humano. A falta de documentos e registros foram estratégias para a manutenção desse tipo de pensamento baseado na mentira do colonialismo português. Como se não existissem culpados e sim condições naturais para que uma cultura, naturalmente de ideologia europeia, sobrepusesse a cultura considerada como “inferior”, a africana. Para o colonizador, o que aconteceu na história foi uma “melhoria” social. Nascimento (2017) constata que o nosso país herdou os costumes

escravagistas de Portugal, em que “praticam-se impunemente falsificações dos fatos históricos” (2017, p. 60). Complemento a afirmação do autor, apontando que tal herança escravagista dissemina informações deturpadas, para mascarar assim a naturalização das práticas exploratórias e racistas praticadas pelos europeus.

Uma das distorções que por muito tempo foram politicamente repetidas, era a de que: “Os brancos não caçavam negros na África, mas os compravam pacificamente dos tiranos negros”. Essa afirmação foi publicada pelo Membro do Conselho Federal da Cultura à época, Clarival do Prado Valadares, no Primeiro Festival de Artes Negras, em 1966, em Dacar⁷. Percebe-se que o europeu se coloca em um lugar de salvação, isento de responsabilidade e mais uma vez, um lugar de boa ação. Esse tipo de informação molda a identidade desta nação, contando apenas um lado da história, silenciando milhares de africanos que foram brutalmente assassinados e escravizados pelos interesses coloniais. Oculta-se que os europeus saquearam terras e povos e expropriaram territórios em busca de pedras preciosas, além de roubar artefatos artísticos para exibir em seus museus.

Nascimento completa que “tais juízes da África fingem ignorar a muralha de silêncio erguida pelos opressores em torno da história africana para que pudessem manipular sua própria e conveniente versão do continente: escuro, misterioso e selvagem” (Nascimento, 2017, p. 61). Corromperam e dizimaram culturas em nome de uma distorcida realidade de sociedade, que hoje é considerada como civilizadora em comparação aos territórios africanos.

O sangue negro era uma ameaça. De acordo com Santos (2014), durante a escravidão, o negro era um bom trabalhador, indispensável para a construção de riqueza nacional. Após a abolição, passou a ser um mau cidadão, dispensável. Negaram oportunidade de trabalho ao escravo liberto, “liberdade sem asa, fome sem pão, liberdade de asas quebradas” (Silveira, 2022 [1970])⁸. Por isso, a urgência de

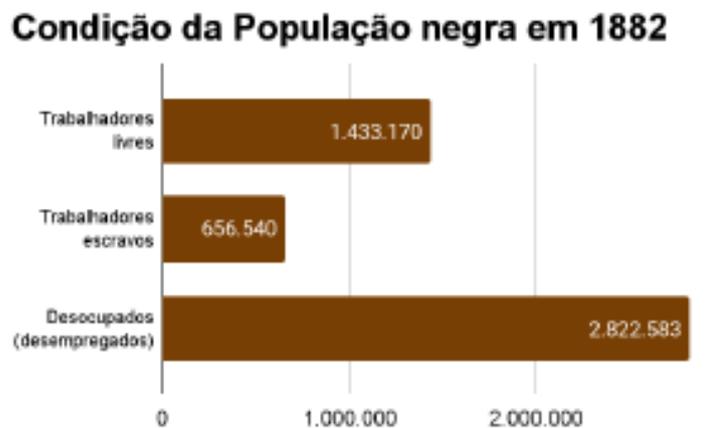
⁷ A afirmação faz parte da publicação “A defasagem africana ou crônica do 1º Festival de Artes Negras”, escrito por Clarival do Prado Valadares para os Cadernos Brasileiros, entre julho e agosto de 1966. Disponível em: <https://icaa.mfah.org/s/en/item/1110461#?c=&m=&s=&cv=&xywh=970%2C62%2C3639%2C2037>

⁸ Trecho retirado do poema Treze de Maio, escrito pelo gaúcho Oliveira Ferreira da Silveira sobre a abolição da escravatura. O escritor, poeta e professor, foi um dos fundadores do grupo Palmares e também um dos organizadores do Dia da Consciência Negra no dia 20 de novembro, em referência a data do assassinato de Zumbi dos Palmares: “Treze de maio traição / liberdade sem asas / e fome sem pão / (...) Treze de maio – já dia 14/ a resposta gritante: / pedir / servir / calar. / Os brancos não fizeram mais que meia obrigação / O que fomos de adubo / o que fomos de sola / o que fomos de burros cargueiros / o que fomos de resto / o que fomos de pasto / senzala porão e chiqueiro”. O

importação de sangue imigrante branco para o país. O sociólogo Caio Prado Jr., situa que a justificativa usada era que faltava mão de obra.

Mas como o país estava carente de força de trabalho, se havia milhares de negros recém-libertos aguardando uma chance de reintegração social, através do trabalho remunerado? O extermínio desse grupo seria uma resposta, tendo em vista que estatisticamente estava em maioria. De acordo com Nascimento, (2019, pág. 222), foi realizado um levantamento demográfico da população negra em 1882, nas principais províncias: São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Ceará, Rio de Janeiro. Os responsáveis pelo levantamento constataram que havia uma categoria desproporcional. Representados no gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Dados do levantamento da população negra nas principais cidades do Brasil durante a escravidão



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Esse gráfico foi elaborado conforme a classificação de Nascimento (2019), onde ele categorizava a divisão que estava desenhada para a população negra durante a abolição da escravatura. Sendo classificados em: trabalhadores livres, trabalhadores escravos e desocupados (desempregados). Podemos notar que as barreiras impostas pela exclusão da escravidão não foram modificadas. Houve um crescimento em uma das categorias, a de “desocupados”. Isto foi um sinal de alerta para elite branca brasileira.

O número de pessoas pretas “desocupadas”, superou o número de trabalhadores livres e escravos. Para evitar que problemas maiores surgissem com esse crescimento massivo da população negra, era necessário colocar em ação as políticas eugenistas de embranquecimento da população. Para o negro negaram em todas as circunstâncias a possibilidade de subsistência nesse novo tempo que estava se iniciando.

Muniz Sodré (2015), contribui para o nosso entendimento sobre a limpeza étnica que estava sendo colocada em prática pela elite brasileira.

As omissões do quesito “raça” nos recenseamentos; as denegações reiteradas por parte dos intelectuais, imprensa e senso comum quanto a existência de uma questão racial; as informações de uma cordialidade excepcional entre brancos e negros etc., tudo isso concorria para reforçar o desejo elitário de amorenamento da população e ocultar a diferença racial como variável significativa no posicionamento social. A partir dessa atmosfera psicoafetiva de miscibilidade, conciliação e transigência, alimentada pelo trabalho intelectual e pelo senso comum, construiu-se aos poucos a imagem caraterial do ser brasileiro como um povo racialmente democrático, visceralmente pacífico e alegre [...] que tende a resolver suas dificuldades pela esperteza ou “jeitinho” (SODRÉ, 2015, p. 118).

Para a edificação do novo modelo de país, era necessário colocar em prática a política de embranquecimento populacional e para isso, era importante incentivar a chegada de imigrantes brancos. O problema do negro, segundo a branquitude, era o próprio negro, que segundo eles, era de raça “inferior” em relação à raça branca e por isso, as condições que eram impostas era consequência biológica e faziam parte da ordem natural.

Uma corrente ideológica formada por importantes figuras políticas brasileiras endossaram a implementação dos conceitos arianos no país. Um deles era Nina Rodrigues, psiquiatra baiano, um “mulato” naturalmente influenciado pela ciência europeia, que cunhou o argumento de que negros não são naturalmente civilizados (Nascimento, 2017, p. 82). O maior medo da sociedade, organizada por uma lógica política branca do início do século XX, era que a população negra tomasse o poder. A elite tinha como estratégia o apagamento por completo do negro. Para o médico e antropólogo João Batista de Lacerda, um século era necessário para acabar com a raça negra no país⁹. A extinção da raça preta seria concluída pela mistura, o

⁹ A citação se refere a ideia de “redução étnica” apresentada por João Batista de Lacerda no Primeiro Congresso Universal das Raças, realizado em Londres, em 1911. Para mais informações, sugerimos a dissertação de Claudio da Silva Costa, em que investiga e apresenta os impactos desta e outras lógicas racistas e eugenistas, sobre nas relações raciais institucionalizadas no país.

embranquecimento. Segundo o historiador Clóvis Moura, “entraram mais imigrantes italianos nos anos 30, depois da Lei Áurea, do que escravos que foram beneficiados com a libertação” (Moura, 1977 apud Nascimento, 2019, p. 43). Mais uma vez, o negro estava em situação de marginalização.

Durante a segunda guerra (1939-45), Getúlio Vargas, presidente da época, flexibilizou a entrada dos imigrantes europeus no Brasil. O Decreto-Lei nº 7967 de 1945 tinha como objetivo “preservar e desenvolver a composição étnica da população” (BRASIL, 1945). A preferência era dada aos alemães. Uma política assumidamente discriminatória. Os grupos não pertencentes a esse recorte - imigrantes europeus brancos - não eram bem-vindos.

No modelo econômico que estava sendo desenhado, não cabia mais as práticas de uso de mão de obra escravizada, que além de caras, estavam ultrapassadas. Para a construção desse novo Brasil, era necessário “renascer”, e a reestruturação só seria possível apagando a história do negro. Esta era a concepção em curso. Para não ser um país atrasado no seu desenvolvimento econômico, o Brasil encontrou outra forma de exploração. Trocou o escravizado pelo assalariado, que foi considerado muito barato e com uma produtividade mais eficiente, pois se supunha que não haveria risco de fugas, rebeliões ou quaisquer outros tipos de ação contra aquela estrutura. Mas não contente com os rostos presentes nessas atividades, a classe econômica brasileira importou a força migratória para substituir, e mais uma vez, escantear os negros do mercado de trabalho, fechando assim o círculo da exclusão.

Conforme Abdias do Nascimento, “todos os velhos barões, latifundiários de cana-de-açúcar, algodão, café e grandes comerciantes, donos de terras improdutivas e banqueiros, foram convidados a reconstruir o país” (Nascimento, 2019, p. 44). Inclusive os “racistas brancos expulsos do antigo Congo Belga (Zaire), de Angola e Moçambique, seguidos dos fascistas que sobraram da queda do salazarismo em Portugal” (Nascimento, 2019, p. 44). O processo de ascensão econômica e social das famílias europeias no Brasil foi marcado por um rápido crescimento, em decorrência dos incentivos do governo brasileiro. Eles se juntaram com a população branca portuguesa, levantando mais um muro, frente ao qual os negros não têm como ascender, porque estão tentando sobreviver, obrigados a contar com a própria sorte nas periferias das grandes cidades.

A prática de exclusão econômica e social, assentada na ascensão da população branca, era utilizada ostensivamente e regulada até 1950 pela Lei consuetudinária, conforme Nascimento (2017). O critério da não empregabilidade de pessoas de cor era explicitado nos anúncios de vagas, publicados em jornais. Nos anos 50, ocorreu um episódio que incentivou a legislação brasileira a tomar medidas antidiscriminatórias por “livre pressão internacional”. A vítima da situação foi a bailarina norte-americana, Katherine Dunham. Ela foi impedida de hospedar-se num luxuoso hotel em São Paulo, explicitamente por ser negra. Foi um escândalo para imprensa internacional. O ocorrido motivou o jurista e deputado federal, Afonso Arinos de Melo Franco, a criar uma Lei contraventora que proibia qualquer tipo de discriminação no Brasil. A Lei 1.390/1951¹⁰ defendia que todos devem ser tratados de forma igual, independentemente da cor da pele.

Foi uma lei precursora e importante para os direitos civis no país, mas não era eficaz, pois a penalização era em multas financeiras para quem praticasse esses atos e o racismo não era considerado crime. Tudo no Brasil se adapta, às prestadoras de serviços, os contratantes. A sociedade seguiu ignorando e não cumprindo com a legislação. Foi uma lei que, na prática, não saiu do papel. Era bonita para quem assistia, mas foi uma lei simbólica que não era executada e muito menos respeitada. Não houve vontade dos legisladores para se cumprirem as medidas de reparação ao negro no Brasil.

Para não dizer que ela não gerou mudança, o racismo passou de atos explícitos para discriminações sutis. Os anúncios passaram de “não contratamos pessoas de cor” para “contratamos pessoas com boa aparência”. Conforme Nascimento (2017, p. 97), “basta substituir ‘pessoas de boa aparência’ por ‘branco’ para se obter a verdadeira significação do eufemismo”. O mito da democracia racial forja até hoje a narrativa de uma sociedade próspera, onde o Brasil é um país que vem de uma mistura de raças incapaz de ser excludente.

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem.

¹⁰ Lei nº 1.390 de 3 de julho de 1951: “Art 1º Constitui contravenção penal, punida nos termos desta Lei, a recusa, por parte de estabelecimento comercial ou de ensino de qualquer natureza, de hospedar, servir, atender ou receber cliente, comprador ou aluno, por preconceito de raça ou de côr”. Disponível em: < [Lei Nº 1.390, de 3 de Julho de 1951.](#)> Acessado em 11.02.23

Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um.
(Gonzalez, 1984, p. 226)

Nos bastidores, ações de reparação já eram reivindicadas pelo movimento negro. A negação do racismo é um traço histórico e elementar para que este continue existindo de forma efetiva. Nascimento nos lembra que o Brasil seguiu a cartilha de Goebbels¹¹, “de que a mentira, sustentada insistente e reiteradamente, é capaz de criar uma nova verdade; em contrapartida, a verdade passa a ser mentira verdadeira” (Nascimento, 2019, p. 45). O Brasil por anos vendeu essa imagem de país plural, mistura de todas as cores e raças. Um discurso de que todo mundo tem sangue negro nas veias. Que somos todos iguais e vivemos numa democracia racial.

2 NEGRO É A RAIZ DA LIBERDADE¹²: CONCEITO DE NEGRITUDE

O que é Negritude? Para o dicionário, a palavra significa: “qualidade ou condição de negro. Sentimento de orgulho da identidade negra e conscientização do valor e da riqueza cultural dos negros”¹³. Existem inúmeras discussões de autores afrodiaspóricos sobre os seus significados e formas de uso no mundo, com contribuições de pesquisadores como Nilma Lino Gomes (2017), Kabengele Munanga (2019), Frantz Fanon (2008) e Aimé Césaire (2010). Estas contribuições nos levam a constatar que negritude é um conceito variável, que depende do contexto e carrega influência política, ideológica e cultural.

Para Césaire (2010) a essência da negritude não é biológica. É um elo que, na sua essência, une os marginalizados da sociedade. É algo que tem profundidade e a sua totalidade para significar é mais do que a natureza biológica. Césaire (2010), explica que as violências que nos constituíram, nos tornaram comunidade. Esse é um denominador comum que nos aproxima. A comunidade negra no mundo, mesmo com suas particularidades, se reconhece na luta e resistência contínua. O autor destaca que negritude, por mais difícil que seja limitar a sua definição, traz na

¹¹ Joseph Goebbels (1897 - 1945), político e ministro da Propaganda da Alemanha Nazista. Foi um apoiador das ideias do genocida Adolf Hitler no Terceiro Reich.

¹² Em referência ao samba interpretado pela dama do samba Dona Ivone Lara (1921 - 2018), a letra do samba, “Sorriso Negro”, faz alusão a exaltação da negritude. “Um sorriso negro, um abraço negro /Traz felicidade / Negro sem emprego, fica sem sossego / Negro é a raiz da liberdade...”

¹³ Definição consultada no dicionário Oxford Languages.

palavra a sua essência, que representa algo maior, que desperta a coletividade do negro.

A Negritude, aos meus olhos, não é uma filosofia. A Negritude não é uma metafísica. A Negritude não é uma pretenciosa concepção do universo. É uma maneira de viver a história dentro da história; a história de uma comunidade cuja experiência parece, em verdade, singular, com suas deportações de populações, seus deslocamentos de homens de um continente ao outro, suas lembranças distantes, seus restos de cultura assassinadas. Como não crer que tudo aquilo que tem sua coerência constitui um patrimônio? É preciso mais para construir uma identidade? Os cromossomos pouco me importam, mas creio nos arquétipos. Eu creio no valor de tudo aquilo que está enterrado na memória coletiva de nossos povos e mesmo no inconsciente coletivo. Eu não creio que se chegue ao mundo com cérebro vazio, como se chega com as mãos vazias. Eu creio na virtude formadora das experiências seculares acumuladas e do vivido veiculado pelas culturas. (Césaire, 2010, p.109)

Para Césaire (2010), a negritude é um agente importante de transformação, que contribui para a mobilização negra. É um agente contra um sistema, é uma revolta contra a estrutura cultural que historicamente viola os negros no mundo. Inicialmente ela tinha uma conotação passiva, de reconhecimento da diferença, direcionada ao resgate da memória. Mas negritude não é só isso, é também ação.

Negritude resulta de uma atitude proativa e combativa de espírito, ela é um despertar, despertar de dignidade. Ela é uma rejeição. Rejeição da opressão, ela é luta, isto é, luta contra a desigualdade. Ela também é revolta. Mas então, me dirão os senhores: revolta contra o que? (Césaire, 2010, p.109)

Para o autor, a negritude foi uma revolta contra a hierarquia, “[...] revolta contra aquilo que eu chamaria de reducionismo europeu” (Césaire, 2010, p. 110). É um divisor de caminhos, que busca exaltar a raça que sempre foi negligenciada, despertar a consciência racial coletiva, combater as desigualdades e o racismo. Conforme o historiador Petrônio Domingues (2009), a negritude se expressa em diferentes áreas, como no campo ideológico, no qual pode ser entendida como processo de aquisição de uma consciência política e racial. Já na esfera cultural, negritude é a tendência de valorização de toda manifestação cultural de matriz africana. Césaire afirma que “é indispensável o despertar político e social para ocorrer a ruptura dessa pré-condição cultural instaurada” (Césaire, 2010, p. 112), que reprime a identidade do outro e nega a liberdade de ser singular na sociedade.

Dito isto, podemos pensar que a negritude foi cunhada em contraposição às ideologias da branquitude e seus privilégios. Para dar sustentação a essa ideia, temos de levar em consideração que o processo de colonização teve forte e violenta atuação contra os povos considerados não brancos. Esse processo tem forte influência e fortifica o discurso de que os valores ocidentais devem ser o novo padrão de modernidade, ficando acima dos valores do restante do mundo. De acordo com Cardoso (2014), o branco se coloca no mundo como parâmetro de cultura universal, deixando claro que existe um passado e um presente simultâneos, no mesmo tempo, sendo o branco, o moderno e o negro, o tradicional.

O branco e o negro são posicionados em tempo e espaço diferentes. O branco é classificado como moderno e o negro como tradicional (resquício do passado). O significado moderno/tradicional passa a ser uma característica constituinte do significado de branquitude e de negritude. (Cardoso, 2014, p. 89)

E para diferenciar do outro, ele - o branco - deixa em evidência a intenção da dualidade do que é naturalmente positivo (branquitude) e o que na sua essência, representa o negativo (negritude). O branco de forma usurpadora, se coloca num lugar de humanidade universal. A branquitude descarta o que não é semelhante a eles, por isso as estratégias de apagamento e embranquecimento populacional são executadas diariamente.

Sueli Carneiro reflete em seu livro intitulado Dispositivo de Racialidade (Carneiro, 2023), que há um mecanismo que atua em conjunto com o biopoder na sociedade brasileira, de tal maneira articulada que favorece a vida da raça considerada “mais sadia e mais pura e promove a morte da raça considerada inferior” (Carneiro, 2023, p. 13). Carneiro (2023) discorre sobre como está estabelecida uma “divisão ontológica, uma vez que a afirmação do ser das pessoas brancas se dá pela negação do ser das pessoas negras” (Carneiro, 2023, p. 13). A ideia de superioridade da hegemonia branca se mantém em decorrência da oposição ao “outro”, ao negro. Essa narrativa é reforçada como instrumento de domínio e se soma as diversas estratégias de negação e sufocamento das formas de existir de maneira plena do negro, na sociedade. Para aqueles que resistem a essa estrutura, os dispositivos de racialidade alocam outras táticas para assujeitar os “outros”. A autora Carneiro destaca o conceito de epistemícidio: uma ferramenta de anulação de saberes e construção da subjetividade negra (Carneiro, 2023, p. 14).

Este grupo - a população negra - é assassinado intelectualmente, “interditado enquanto seres humanos e sujeitos morais, políticos e de direito” (Carneiro, 2023, p. 14). O epistemícidio promove a exclusão da produção discursiva do negro, os rebaixando e naturalizando a ideia de que enquanto sujeitos, são inferiores em comparação aos brancos.

É simplista discursar que para avançarmos ao futuro, é necessário superar o passado. A questão é que as elites nunca permitiram que o negro saísse deste lugar de antiquado e inferior. É um discurso que reiteradamente coloca a negritude como um atraso social. Para resolver o problema, a solução é promover a extinção por completo do negro, de maneira cultural e corporal. Estamos assistindo estratégias efetivas de ações colocadas em prática a favor do genocídio da população negra. A apropriação da negritude é uma delas e está acontecendo sob os olhos do negro. Estamos diante de um movimento de invasão cultural, onde o negro tem sido forçado a prescindir da sua própria história e existência e das suas manifestações culturais e religiosas para que o branco tome mais uma vez o protagonismo. Por consequência, atribuindo valor a práticas que eles sempre rejeitaram e criminalizaram, esvaziando o significado original e o simbolismo e resistência ancestral, das expressões e manifestações da negritude.

É um movimento de sufocamento, onde a real intenção da branquitude não é de reparação. O objetivo é manter no controle quem edificou as hierarquias. É um movimento orientado a poder ditar para o negro onde cada um deve se sentar na mesa. O atual modelo de sociedade é alimentado pela ideia de que as estruturas não precisam sofrer mudanças. A estrutura limita a existência do negro para que o mesmo não reivindique seu lugar político, econômico e histórico, em comparação ao reconhecimento destes mesmos lugares para o branco.

Em oposição, a negritude se move na reconstrução de si próprio e rompimento com aquilo que o “outro” - branco - construiu e ditou como verdade do que é ser negro. Essa mudança de perspectiva implica que se atribua e olhe de maneira humana e cuidadosa para a população negra, desprendendo-se do espelho apontado por um padrão que se coloca como vencedor e como razão universal. Porém, esse modelo nunca foi um exemplo a seguir, pois por onde passou, causou destruição e morte. Sempre colocando seus interesses acima dos demais. Conforme Cardoso (2014), há um temor da sociedade dominante sobre a maneira que esse movimento negritude influencia na construção das relações dos negros no mundo. É

como se a prosperidade da humanização do negro, na sua completude, anulasse a existência, porque iria sobrepujar o branco no mundo e o colocaria em declínio social.

A negritude veio para divergir da superioridade racial imposta, legitimar a humanidade que por muito tempo foi negada as pessoas negras. Talvez seja por isso que a negritude não é um conceito concreto, porque dialoga com a mudança, é algo atemporal. É uma ideia de fortalecimento e reivindicação da sua própria identidade, de construção de sentidos positivos, onde o despertar racial não fique somente na memória, mas também sirva para impulsionar a transformação da sociedade. É a possibilidade de unir forças para reivindicar aquilo que eles tanto temem: a igualdade.

De acordo com Césaire (2010, pág. 113) a negritude foi muita coisa. Ela rompe com o entorno. Ela nasce a partir do conflito.

A Negritude foi tudo isso: busca da nossa identidade, afirmando do nosso direito à diferença, aviso dado a todos do reconhecimento desse direito e do respeito a nossa personalidade coletiva. Eu sei bem que essa noção de identidade é hoje contestada ou é combatida por alguns que fingem ver na nossa obsessão identitária um tipo de autocompaixão aniquiladora e paralisante. (Césaire, 2010, p.109)

A valorização de tudo aquilo que está posto sob a margem, combate ao estereótipo criminalizador, a que a comunidade negra é recorrentemente associada no mundo. A negritude visa reforçar que a história do negro não é somente sobre dor, sobre a cicatriz. O “ser negro” no mundo, não é sinônimo de sofrimento, como muitas vezes são as representações negativas na mídia, alimentando esse imaginário social, de desumanização.

Diante do debate que existe na literatura negra, podemos perceber que negritude surgiu como um conceito emergente, de origem reativa. É um movimento organizado de resgate, de humanização da raça negra. Para Domingues (2009, p. 208), o movimento negritude “significou, outrossim, uma libertação subjetiva: o negro deixou de sentir-se inferior e passou a ter orgulho de si mesmo”. A comunidade negra passou a ter orgulho da sua cultura, sua cor de pele, suas manifestações e símbolos culturais, como a capoeira, o samba, os grupos de música afro e dança, os bailes da comunidade, a força do black power. O povo negro passou a resgatar a sua ancestralidade, assumindo também as religiões de matriz africana, como o candomblé.

A história do negro não se inicia a partir da dor. A negritude busca a exaltação da comunidade negra. A negritude reivindica direitos políticos, econômicos e sociais. Busca estimular a conscientização de uma população que usufrui dos privilégios e que desconhece a real história, pela qual o Brasil e o mundo têm uma dívida secular, que precisa ser paga. Munanga (2019) explica que há um impasse sobre a questão racial brasileira. A sociedade foi construída com base no discurso de identidade única, de que somos uma população misturada e que:

Os oprimidos brancos da sociedade não têm consciência de que a exclusão política e econômica do negro por motivos racistas só beneficia a classe dominante, o que torna difícil, senão impossível, sua solidariedade com o oprimido negro; além disso, eles mesmos são racistas pela educação e pela socialização recebidos na família e na escola. (Munanga, 2019, p. 22)

O autor nos auxilia na interpretação de que a questão racial no Brasil é um problema complexo e a sua resolução não será resolvida de maneira simples, como se fosse uma questão meramente econômica. Não se separa raça e classe no modelo de sociedade que vivemos atualmente. E aqueles que separam, possuem o pensamento limitado, pois ignoram que o racismo é um fator determinante, que impede a ascensão, inclusive econômica, do negro na sociedade. A luta pela identidade e valorização da negritude não visa criar uma nova separação de brancos e negros oprimidos e sim fortalecer a si, enquanto comunidade, para que os problemas específicos que a negritude tem, sejam solucionados de forma coletiva, sem influência da branquitude dominante.

Estamos falando de uma história que por muitos anos foi contada pelos outros e tinha como narrativa a inferiorização desses corpos, da cor, dos rostos e cabelos negros. Mutilaram por muito tempo a autoestima desse grupo. Então o processo de cura da negritude começa inicialmente pela aceitação de ser quem é, fisicamente, rompendo com a projeção que a branquitude impôs que fosse padrão. Munanga (2019) complementa que esse estalo sobre a aceitação e valorização de si e a busca pela identidade, tem efeito potencializador no negro e se apresenta como uma transformação preparatória para a reivindicação coletiva da negritude “antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade” (Munanga, 2019, p. 24). Quando o negro passa a se enxergar, ele não se fortalece individualmente, mas sim a toda a sua comunidade. Ele reflete em seu entorno.

A negritude quer contar a sua própria história, sem o aval daqueles que gostariam de mantê-los no esquecimento. O processo de exaltação e despertar da negritude foi um movimento iniciado fora do continente africano, que se espalhou globalmente. Um movimento que historicamente teve diversas fases, mas que surgiu após a abolição da escravidão, em 1888 e a partir disso foram surgindo nomes que são referências negras de produção de intelectualidade, como Abdias Nascimento, autor do Quilombismo (Nascimento, 2019). O mesmo refuta a ideologia da democracia racial e o discurso de miscigenação no Brasil. Abdias foi uma importante liderança do Movimento Negro Unificado e um dos fundadores do Teatro Experimental do Negro (TEN), uma articulação emblemática e movimento revolucionário histórico no Brasil, por convidar os excluídos da sociedade do país:

“[...] os favelados, as empregadas domésticas, os operários desqualificados, os frequentadores de terreiro [...] o TEN educou, formou e apresentou os primeiros intérpretes dramáticos da raça negra, atores e atrizes do teatro brasileiro (Nascimento, 2019, p. 162)

Até hoje colhemos o fruto desse movimento, que foi de uma grandeza, porque colocou o negro como protagonista da sua própria história, oportunizou o surgimento de personagens heróis, figuras que não eram retratadas sem fugir de estereótipos nas artes. O TEN influenciou, para além dos palcos do teatro. Denunciava o racismo e às camadas em que não era explícito, assim como também combatiam a opressão cultural da branquitude, exaltando e apoiando a autoestima do negro. Sobre o TEN, Abdias do Nascimento complementa que:

“[...] O TEN instaurou o processo dessa revisão de conceitos e atitudes, visando a libertação espiritual e social da comunidade afro-brasileira. Processo que está na etapa inicial, convocando a conjugação do esforço coletivo do presente e das futuras gerações. (Nascimento, 2017, p. 163)

Atuando no desenvolvimento da cultura afro-brasileira, o TEN não se desassociava dos acontecimentos políticos, promovendo espaços de troca, em prol do fortalecimento dos negros em diáspora, como foi o caso da Convenção Nacional do Negro (1945-1946) e o 1º Congresso do Negro Brasileiro em 1950. A semente da rebeldia já estava plantada e surtindo efeito nas juventudes negras, nessa tomada de consciência e afirmação racial. As grandes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo, mobilizaram de forma anônima em diferentes frentes, atos contra a

discriminação racial e a opressão policial no país. Esse levante de resgate da identidade negra impactou e fundou diversos grupos políticos como o Núcleo Cultural Afro-brasileiro, os Institutos de Pesquisa das Culturas Negras, Casas de Cultura, Escolas de Samba, Grupo Palmares de Porto Alegre, entre outros. A formação desses grupos informais já estava feita, espalhada nacionalmente e todos estavam comprometidos com a luta e continuidade da libertação racial, o que sempre foi uma ameaça para as estruturas dominantes. Nascimento (2019, p. 43) complementa que: “uma possível tomada de poder pelos negros foi sempre um pesadelo, perturbando o sono tranquilo das classes dominantes e governantes do país durante todo o decorrer de nossa história”. A falsa sensação da democracia racial é uma ameaça direta para os negros, porque nos domestica, nos mina culturalmente, além de nos embranquecer para sobrepor-se a suposta superioridade branca, mantida através da afirmação de inferioridade negra.

Parafraseando Lélia Gonzales (2018, p. 119), “De Palmares às escolas de samba, tamos aí”. A autora relembra em artigo publicado para o Jornal Mulherio em 1982, que a negritude tem infinitas contribuições para a história e para a cultura negra. Que estamos presentes, mesmo com o sexismo, racismo e elitismo que tende a nos folclorizar. No dia 20 de novembro, temos o Dia Nacional da Consciência Negra, data que homenageia Zumbi dos Palmares, um dos maiores líderes da luta quilombola no país. Zumbi era um estrategista e último líder do Quilombo dos Palmares, que “foi o primeiro Estado livre das Américas e um Estado criado por negros” (González, 2018, p. 119). Palmares era uma ameaça para a sociedade escravocrata e sofreu constantes ataques das tropas coloniais. A morte de Zumbi ocorreu nesse mesmo dia, em 1695. Mas o quilombo resistiu por um período de 100 anos antes da sua completa destruição, a mando das autoridades escravistas. Eles conseguiram matar fisicamente essa liderança, mas tornaram viva essas memórias para a negritude. Zumbi e Aquilone mostram a importância da organização entre a comunidade negra em prol da liberdade. A memória ainda está pulsando. Esta é a única coisa que a branquitude não consegue nos tirar. Nossa história é sobre a liberdade, o despertar da consciência racial e o compromisso em fazer jus àqueles que lutaram para que hoje tenhamos força para avançar e romper com essa estrutura de domesticação. As escolas de samba, os blocos afros em Salvador, o próprio samba que é denúncia através da música, são verdadeiros espaços de

resistência cultural. Junto dos terreiros de matriz africana, são histórias vivas da herança e presença do negro na construção da sociedade brasileira.

Kabengele Munanga (2019) traz pontos importantes sobre a pluralidade dos negros no mundo, o que não permite que tenhamos uma interpretação igual sobre negritude. O ponto de partida não inicia do mesmo lugar, logo a consciência racial não acontece no mesmo tempo para todos, mas conforme Munanga (2019, p. 25) “a aceitação da sua herança africana faz parte do processo de resgate de sua identidade coletiva”. A negritude é uma estratégia para que não se perca a cultura, a história, a dignidade dessas civilizações constantemente atacadas.

Estavam acontecendo, no período de articulação do movimento negritude e antes, movimentos de reparação racial no mundo, o que contraria a linha de pensamento segregadora de que a negritude não tem valor. Essas ações geraram mudanças que influenciaram o movimento que atualmente temos no Brasil. Diversos intelectuais beberam dessas referências para denunciar e combater as desigualdades movidas pelo fenótipo racial na sociedade.

2.1 O PROBLEMA SÃO OS OUTROS: A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NEGRA

Os estudos sobre raça, classe e hierarquias de trabalho nos anos 30, estavam foram iniciados por W. E. B Du Bois. Ele era um estadunidense, professor, historiador, sociólogo e economista, formado na Universidade de Harvard e Doutor pela Universidade de Berlim. Além de discorrer sobre o racismo, estereótipos e a discriminação contra a população negra nos Estados Unidos, W. E. B Du Bois discutia também o como a representatividade negativa, criada com base nos valores morais do branco, não permitiria às pessoas negras, a existência plena de ser e estar no mundo. Du bois (1920) também reforçou em seus estudos, que a ausência de direitos civis para a população negra, a inexistência de oportunidade para ascensão e o crescimento da comunidade está diretamente ligada ao privilégio racial do branco perante esse grupo. A sociedade foi construída em prol da manutenção e continuidade do privilégio branco.

Fazendo um recorte geográfico de autores negros que se somam com a produção de conhecimento realizada por W. E. B Du Bois, cabe mencionar também Frantz Fanon. Nascido na Ilha da Martinica, no Caribe, ele era um filósofo e psiquiatra que foi precursor nos estudos decoloniais, rompendo com a lógica do

ocidente e invertendo o objeto de problematização, ao colocar a branquitude como foco de análise. Suas pesquisas geraram debates sobre a humanidade das pessoas negras e a construção de sua subjetividade e epistemologia. Sua clássica obra, *Peles negras, máscaras brancas* (2008)¹⁴, discute como o subconsciente do negro é influenciado pelo colonizador. Fanon articula contribuições sobre como essa relação de poder impacta, de maneira negativa, no grupo que sofre a opressão, fazendo com que se odeie e abomine tudo aquilo que aluda à sua identidade e associação com a história da população negra. O autor explica como é a experiência vivida pelo negro, convivendo com o olhar do branco. Essa relação, em certos momentos, faz com que branco e negro se reflitam, como espelhos. O negro está sempre sob julgamento do branco. O aval sobre ser bom ou ruim socialmente, sempre está nas mãos do branco. Em consequência, os negros acabam incorporando sentimentos a partir dessa avaliação branca, para poderem se diferenciar dos seus semelhantes e se aproximar do mundo branco.

Quando me amam, dizem que o fazem apesar da minha cor. Quando me detestam, acrescentam que não é pela minha cor... Aqui ou ali, sou prisioneiro do círculo infernal. Eu me esquivo desses escrutadores do ante dilúvio, e me agarro aos meus irmãos, pretos como eu. Horror, eles me rejeitam. Eles são quase brancos! E depois, eles vão se casar com uma branca. Terão filhos morenos... Quem sabe, pouco a pouco, talvez... (Fanon, 2008, p. 109)

O autor explica que diante do olhar do branco, a cor da pele vai ser sempre um indicador de julgamento e separação. O autor complementa que os negros queriam ser apenas homens, sem prévias associações. Como coloca Fanon (2008, p. 103), “cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, a minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto, em meio a outros objetos”. O negro é constantemente desumanizado.

A construção da psique dessa população foi forjada sob esse pensamento de inferioridade, na qual a corrida para uma vida menos estereotipada, é almejada se distanciando do “ser/agir como negro” em qualquer lugar do mundo. Conforme Cardoso (2014, p. 82), “ele passa a se considerar o mais feio entre os feios, assim contribui com a construção sociocultural, histórico-econômico e filosófica do branco, como mais belo entre os belos”. O branco é *o padrão* e *os outros* vivem numa

¹⁴ A data da primeira publicação é 1952.

constante adequação. Cardoso (2014) discorre sobre o pensamento de Fanon (1975), de que a inferioridade se torna uma ideologia em decorrência do racismo.

Em suma, no conflito racial, o branco, no primeiro momento, possui a força para construir-SE e construir o OUTRO. Ele como superior; o Outro como inferior. Ele como ser desejável; o Outro como ser repulsivo. No segundo momento, o próprio oprimido introjeta e repete as ideias depreciativas ao seu respeito e elogiáveis a respeito do opressor. (Cardoso,2014, p. 82)

A crença de uma superioridade racial vivida pelos brancos alimenta o sentimento entre os negros de que a inferioridade é uma realidade. A repulsa de si, que é constantemente alimentada pelo próprio sujeito que crê no que lhe foi sugerido. Por isso, coloca-se no lugar de indesejável e evita o contato nefasto com o que lhe causa repulsa: a negritude em sua totalidade.

Wilderson (2021), aborda a discussão sobre as relações raciais. a partir do afropessimismo. Para o autor, o conceito é uma metateoria, um projeto crítico em relação às afirmações teóricas sobre a libertação, que tentam explicar o martírio do negro na sociedade, comparando com outras opressões ou “quando fazem analogias entre o sofrimento do negro e o sofrimento de outros seres oprimidos” (Wilderson, 2021. p. 24). A negritude é apropriada e não vista como humana. Sua dor histórica é usurpada como instrumento, não sendo considerada como beneficiária da redenção social de humanidade.

O afropessimismo, no sentido literal, desenterra e expõe as contradições das teorias consideradas como universais e verdadeiras. Para o autor, o “negro não funciona como sujeito político” (Wilderson, 2021. p. 24). Nós somos utilizados como ferramentas para os aliados de outras pautas em favor das “agendas do pensamento pós-colonial”. Como reparar o sofrimento do negro em um mundo que é antinegro? A violência do racismo volta para o corpo de origem. Negros e não brancos não ocupam o mesmo lugar em situações de extrema violência, como, por exemplo, as guerras. A marginalização é direcionada a tudo que está ligado a negritude. Colaborando com esse pensamento, Vargas (2020) aprofunda que o racismo não dá conta dessa estrutura de modernidade. O racismo, para o autor, é derivado de “uma díade que separa o mundo social em dois grupos: pessoas brancas de um lado e pessoas não brancas de outro” (Vargas, 2020, p. 17). Os não negros continuarão sendo humanizados, mesmo com suas marcações sinalizadas perante o ser branco. José H. Costa Vargas vai além e discorre criticamente sobre a antinegritude, que é um conceito moderno e operante. O autor afirma que a

antinegitude é o fundamento da humanidade (Vargas, 2020). O ser moderno se define em oposição ao não ser negro (Vargas, 2020, p.18). Pensando dessa forma, ser negro é não ser considerado humano.

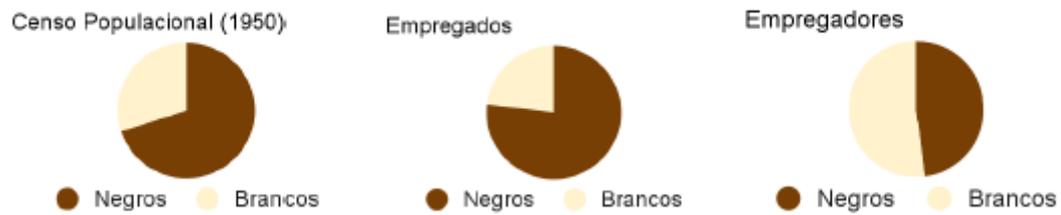
Esses pensamentos críticos nos ajudam a entender o funcionamento da sociedade. Ela se alimenta dessa engrenagem violenta e a violência cometida contra os negros alimenta a morte social. É um signo construído que reconhece a impossibilidade da história tomar outro caminho, de vitória. A negritude está posicionada numa perpétua escravidão.

2.2 RACISMO NO BRASIL

O sufocamento da população negra não era apenas um desejo abstrato. O linchamento social acontece de forma mascarada. A branquitude utiliza de ferramentas de controle contra a população negra, seja limitando o conhecimento nas escolas, visando prejudicar a formação crítica e gerar adultos pensantes, mantendo muitos em situação de pobreza e fome. A mais clara política que busca limitar o crescimento desse social. Ao negar o acesso ao conhecimento, não se realiza reparação e o real impacto, de adoecimento que é causado a essa parcela da população, é naturalizado, minimizado. Nascimento (2017), nos traz discussões importantes, a partir dos dados do censo de 1950. O autor analisou os dados de distribuição ocupacional da população baiana.

O total de habitantes daquela região, naquele período, era de 4.822.024 de pessoas. Neste recorte, 70% representavam negros e mulatos e 30% era o percentual indicativo de brancos. Curiosamente, o número de negros empregados na época era de 76,98% e entre os brancos, o percentual era de 23,02%, na mesma categoria. Em contraponto, observou-se que 51,90% dos empregadores eram brancos, e entre negros e mulatos. esse percentual era de 48,10%.

Gráfico 2: Distribuição ocupacional da população baiana conforme o Censo de 1950



Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com esses dados da época, os negros faziam parte de um grupo que não expressava nenhum impacto econômico e não teriam posição para reivindicar melhorias, pois enquanto empregadores, eram donos de “pequenos negócios” ou eram vendedores de ruas. Os brancos detinham o acesso as dinâmicas da estrutura econômica, além de serem os donos da cadeia produtiva e dos recursos financeiros para movimentar o dinheiro no estado.

Não que hoje a realidade seja diferente, pois os negros permanecem na base da pirâmide social. Podemos notar que essa posição é um problema histórico, que atravessa gerações e reflete nas desigualdades que vivemos atualmente. Por mais que seja autodeclarada como maioria populacional, a negritude brasileira permanece como minoria econômica, política e cultural.

Conforme Nascimento (2016), "o Brasil é uma nação cuja maioria negra está sendo governada, por demasiado tempo, por uma minoria branca, a versão sul-americana da União Sul-Africana" (Nascimento, 2016, p.103). É importante analisar que os estados brasileiros com os maiores índices de desigualdade são os lugares onde a maioria populacional se autodeclara negra e parda. As regiões líderes desse recorte, segundo o IBGE são, respectivamente: Norte (73,4%), Nordeste (63,1%) e Centro-Oeste (55,8%).

A história se repete. O racismo contra a população negra permanece como um fator determinante da exclusão social. A violência, conforme os dados divulgados pelo Atlas da Violência de 2021¹⁵, o principal causador de mortes de jovens negros entre 15 e 29 anos. As taxas de maior letalidade durante o último ano se encontram nos estados do Amapá, Bahia e Sergipe. Em 2018, as primeiras colocações, em termos de letalidade juvenil, foram ocupadas por Roraima, Rio Grande do Norte e Ceará.

¹⁵ Organizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Em 2019, de cada 100 jovens entre 15 e 19 anos que morreram no país por qualquer causa, 39 foram vítimas da violência letal. Entre aqueles que possuíam de 20 a 24, foram 38 vítimas de homicídios a cada 100 óbitos e, entre aqueles de 25 a 29 anos, foram 31. Dos 45.503 homicídios ocorridos no Brasil em 2019, 51,3% vitimaram jovens entre 15 e 29 anos. São 23.327 jovens que tiveram suas vidas ceifadas prematuramente, em uma média de 64 jovens assassinados por dia no país (Cerqueira, 2019, p. 27).

Um recorte importante a ser observado é que os homens são tanto vítimas, como os principais autores dessa violência letal. É um problema mundial, sem muita perspectiva de mudança. A violência é uma linha crescente, frente a qual, os jovens têm tido suas vidas ceifadas, sem possibilidade de projetar um futuro. São sementes que não crescem e isso é ocasionado pela bruta interrupção de vidas que ocorre diariamente. Segundo o Atlas da Violência, os homens representaram 93,9% do total de jovens vítimas em 2019.

(...) Os negros (soma dos pretos e pardos da classificação do IBGE) representaram 77% das vítimas de homicídios, com uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 29,2. Comparativamente, entre os não negros (soma dos amarelos, brancos e indígenas) a taxa foi de 11,2 para cada 100 mil, o que significa que a chance de um negro ser assassinado é 2,6 vezes superior àquela de uma pessoa não negra. Em outras palavras, no último ano, a taxa de violência letal contra pessoas negras foi 162% maior que entre não negras. Da mesma forma, as mulheres negras representavam 66,0% do total de mulheres assassinadas no Brasil, com uma taxa de mortalidade por 100 mil habitantes de 4,1, em comparação a taxa de 2,5 para mulheres não negras (Cerqueira, 2019, p. 49).

De acordo com os dados apresentados pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022), houve uma redução das mortes intencionais no país. Porém, permanecemos como o 8º país mais violento do mundo. No Brasil, vivem 2,7% dos habitantes do planeta e em termos de participação nos índices de homicídios, representa 20,4% dos homicídios registrados mundialmente. Entre os 232.676 assassinatos somados de 102 países, 47.503 destes homicídios registrados, que ocorreram no período de 2021, foram no Brasil. Entre as vítimas, 77,9 % eram negras, 50% eram jovens na faixa etária entre os 12 e os 29 anos e 91,3% eram homens, segundo os dados do anuário. E a violência ocasionada pela intervenção policial, também atinge desproporcionalmente os homens, adolescentes e jovens pretos e pardos.

Entre 2013 e 2021, foram registradas 43.171 mortes envolvendo a ação policial e destas mortes, 84,1% das vítimas eram negras. Esses números nos levam a interpretar que o Brasil não é um país seguro para os negros. Aparentemente

esses homens nasceram com um alvo nas costas, deixando a constante ameaça de que a qualquer momento, suas vidas serão interrompidas com a autorização e pelo Estado.

Os dados reunidos no Anuário mostram que há uma discrepância entre negros e brancos. A taxa de mortalidade dos brancos vem diminuindo em 30,9%, ao passo que mesma taxa para os negros aumentou em 5,8% (ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2022). Houve redução significativa, correspondente a 50% a menos, em taxas de homicídio contra não negros, em comparação à população negra. Essa diferença ocorre devido à variação de situação socioeconômica em que esse grupo se encaixa. As condições e os lugares que habitam também influenciam nessa redução. As pessoas brancas não são estereotipadas judicialmente e não são alvos das operações policiais nas comunidades. Estas operações têm como critérios básicos, o preconceito racial e o preconceito social.

O Atlas da violência evidencia a importância de destacar que existe uma disparidade de reprodução de desigualdades no Brasil. As regiões Norte e Nordeste, na faixa entre os anos 2009 e 2019, registraram aumento das taxas de homicídio de negros, com exceção dos estados do Pará, Rondônia, Alagoas, Paraíba e Pernambuco, que reduziram seus índices de violência contra os negros.

Nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul, também houve uma redução de mortes da população preta. Essa diferença tem sido marcante, devido à posição estratégica que estas regiões ocupam na nossa geografia. A facilidade de alguns estados serem rota do tráfico de fronteira e o crescimento de organizações criminosas, devido à ausência do Estado, colaboram com o aumento das desigualdades nesses territórios (Cerqueiro, 2019, p. 50). Em suma, a denúncia aqui apontada é de que na maioria dos estados brasileiros, um negro tem mais chances de ser morto do que um não negro.

As mulheres negras foram as maiores vítimas de assassinato em 2019, representando 66% dos casos. A probabilidade de uma mulher negra ser assassinada é 1,7 vezes maior, em comparação a uma mulher não negra. Em 2009, a taxa de mortalidade de mulheres negras era de 48%. Onze anos depois, o cenário

piorou. Esse grupo representa, atualmente, 65,8% das vítimas de assassinatos. O Estado não consegue garantir o mínimo de assistência para a plenitude das mulheres negras.

Os números absolutos revelam ainda maior desigualdade na intersecção entre raça e sexo na mortalidade feminina. Entre 2009 e 2019, o total de mulheres negras vítimas de homicídios apresentou aumento de 2%, passando de 2.419 vítimas em 2009, para 2.468 em 2019. Enquanto isso, o número de mulheres não negras assassinadas caiu 26,9% no mesmo período, passando de 1.636 mulheres mortas em 2009 para 1.196 em 2019. (Cerqueira, 2019. Pág. 40)

As causas para esses números são muitas, tais como conflitos financeiros e conjugais, racismo, preconceito religioso, entre outros. Os dados demonstram que as políticas de combate e assistência não chegam a tempo de salvar essas mulheres desse ciclo mortal.

As mulheres negras nunca saíram da vitrine da violência e estão expostas desproporcionalmente nessa dura realidade. Conforme Sueli Carneiro (2017):

Raça e sexo são categorias que justificam discriminações e subalternidades, construídas historicamente e que produzem desigualdades, utilizadas como justificativas para as assimetrias sociais, que explicitam que mulheres negras estão em situação de maior vulnerabilidade em todos os âmbitos sociais". (Carneiro, 2017 *apud*, Cerqueira, 2019, p. 40).

As mulheres negras desempenham um papel de pilar na sociedade. Elas não estão protegidas nas ruas, nem nos seus lares. A maioria delas, segundo pesquisa feita pelo IPEA (2013), são as principais responsáveis por suas famílias. Conforme aponta a pesquisa, em 2009, 51,1% das famílias eram chefiadas por mulheres negras. A renda das mulheres negras em comparação às mulheres brancas era inferior, representando a metade do que essas mulheres recebiam de salários - mais precisamente, 51,1% a menos, naquele ano. De 100 mulheres negras chefes de família, 11 estavam desempregadas e entre as brancas este número era de sete (Carneiro, 2017, p. 19). O racismo atravessa e afeta diretamente as relações de gênero. Infelizmente, os números não mentem. A violência praticada contra as mulheres é um dado alarmante para a sociedade e que por muito tempo cresceu silenciosamente. O Brasil bateu recorde de violências contra as mulheres e entre os dados de feminicídio, das 1.341 vítimas, 62% eram mulheres negras e destas, 68,7% tinham idade entre 18 e 44 anos. Grande parte delas morreu dentro de casa,

sendo 65,6% dos casos e 81,7% dos autores eram seus companheiros ou ex-companheiros.

O que podemos perceber e não devemos ignorar é que o racismo é um fator determinante da experiência vivida pelos negros na sociedade. A LGBTfobia praticada no Brasil, também apresenta números alarmantes. Em 2021, estima-se que 316 pessoas foram brutalmente assassinadas por motivos ligados à sexualidade.

Na dimensão corporal, a violência se materializa na forma de abandono, estupros “corretivos”, assassinatos e espancamentos. Ainda que diferentes, as violências corporais e simbólicas se sobrepõem, visando aniquilação, apagamento e silenciamento de sexualidades e expressões de gênero dissidentes do modelo único cis hétero historicamente imposto no Brasil, que ganhou força recentemente com a ascensão de movimentos moralistas anti-LGBTQI+ operados pela narrativa de suposta priorização da infância e da família. (Cerqueira, 2019, *apud* Kalil, 2020)

Somos um país conservador e, infelizmente, também nestes dados, confirma-se que a maioria das vítimas são pessoas negras. Das vítimas de violência em decorrência da identidade de gênero e orientação sexual, 60% são homens pretos trans e 58% são mulheres trans. Conforme dados do Ministério da Saúde, a cada 10 suicídios de adolescentes e jovens adultos, entre 10 e 29 anos, 6 são cometidos por negros e pardos. Os índices de suicídio entre jovens negros no Brasil são 45% maiores, em comparação aos brancos. São diversos os fatores que colaboram com esses números, como a depressão desencadeada pelo racismo, dependência química, falta de acesso a serviços de saúde para tratamento adequado na primeira infância, inexistência de recursos financeiros para subsistência, entre outros. Cada caso tem a sua especificidade, em termos de fatores de influência. São várias “lacunas” ocasionadas por essas ausências no desenvolvimento dessa população, que influenciam diretamente no tipo de envelhecimento desse grupo. São várias barreiras para derrubar, em uma estrutura que impacta toda uma sociedade.

De lá para cá, o que melhorou após a Lei Áurea? A população negra em alguns setores, avançou minimamente, como no acesso ao ensino superior devido às políticas de ações afirmativas. Já em outros segmentos estruturais, como a população carcerária e a população em situação de rua, permanece a situação de vulnerabilidade e observa-se pouco avanço para um todo populacional. As políticas públicas que deveriam assegurar o básico para a comunidade negra como proteção,

direito e condições para subsistência, não acompanham a velocidade com que a necropolítica é aplicada aos negros. Achille Mbembe (2016) aponta que vivemos um modelo de necropolítica e o Estado é a mão que atua, operante no controle e aniquilação de corpos que não são vistos como benéficos para a sociedade e, principalmente, para o capital. O autor explica que:

[...] Racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “aquele velho direito soberano de morte”. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, essa é ‘a condição para a aceitabilidade do fazer morrer’ (Mbembe, 2016, p. 128).

A violência contra a comunidade negra é alarmante, as desigualdades atingem de modo irrestrito homens, mulheres, crianças e idosos. São vidas continuamente atravessadas pelo racismo, em todas as fases de desenvolvimento. O racismo é regra, não exceção. Não é uma ação passível da invisibilidade. Enxergamos ele na desigualdade política, na economia, nas jurisdições. É uma estrutura que atua na manutenção da exclusão racial dessa população.

3 PLATAFORMAS DIGITAIS

Estudar o racismo em plataformas é importante porque os ambientes virtuais funcionam como o espelho da vida real. As plataformas se tornaram universais e são onipresentes no nosso cotidiano. Na contramão desta revolução tecnológica, estamos presenciando cada vez mais a sensação de liberdade dos usuários para praticarem crimes de intolerância e racismo nas redes sociais. Há diversos estudos e dados que mostram que o crescimento do discurso de ódio contra a população negra nesses espaços é exponencial.

Conforme Trindade (2020), esse crescimento é tão preocupante, que há mobilização de grupos de diversos países pressionando para que essas plataformas tomem medidas que reduzam esses discursos de ódio, que violentam e prejudicam tantas pessoas nesses ambientes virtuais. Não há neutralidade por parte das plataformas na disseminação de racismo, pois estamos falando de espaços que são monetizados e privilegiam os grupos que detém o maior valor financeiro.

Neste capítulo buscamos apresentar o conceito estrutural de plataformas digitais com base nos autores Andréa (2018) e Van Dijck (2013), discutindo questões relativas às mudanças na forma que interagimos na sociedade. Neste sentido, a

Teoria do Ator rede, também pode nos ajudar a mapear e entender a relação entre as pessoas e as plataformas, pensando na multiplicidade dos elementos envolvidos para análise (Gillespie, 2010; Van Dijck, 2013). Os autores consultados para a construção deste diálogo, trazem reflexões sobre como as plataformas se tornaram, simultaneamente, modelos de negócios lucrativos privados e os principais canais de mediação de informação global. As plataformas digitais estão moldando as dinâmicas sociais e influenciam na formação de opinião dos usuários.

Nos subcapítulos, brevemente discuto as estruturas técnicas das plataformas e algoritmos, que são elementos fundamentais para o funcionamento das redes sociais. Tratarei sobre a relevância dos algoritmos, o gerenciamento dos dados de usuários e a mediação das informações nos dispositivos eletrônicos. Por fim, discuto o papel das plataformas na construção de discurso e como elas se comportam diante do racismo.

3.1 CONCEITOS E SIGNIFICADOS

Estamos acompanhando em tempo real uma abrupta transformação na maneira que nos comunicamos e consumimos informações. E isto ocorre devido à rápida evolução tecnológica, intermediando a nossa interação com o mundo. Convivemos hoje em um ambiente virtual, que nos permite estar conectados com o mundo na palma das nossas mãos, possibilitando a construção de relações sociais através de mediações facilitadas pelos nossos dispositivos eletrônicos - smartphones e computadores. Por isso é importante termos um claro entendimento quanto a significação dos conceitos de plataformas digitais e mídias sociais, pois algumas vezes nos levam a entender que são coisas únicas e semelhantes, mas elas têm intuítos e especificidades diferentes, que acabam sendo generalizados quando associamos e colocamos no aglomerado “redes sociais”.

Para nos ajudar na compreensão desses significados, previamente abordaremos as plataformas digitais. Conforme Recuero (2019) e Andréa (2018), plataformas digitais é um conceito que engloba, de uma forma mais ampla, as complexidades e estruturas que queremos compreender quando pautamos interações nas plataformas de mídias sociais. O conceito não se limita ao entendimento de sites de rede social digital, ele vai além, pois abrange as suas APIs (Interfaces de Programação de Aplicativos) e as ferramentas associadas a elas. Nas palavras de Recuero (2019):

Tem um inegável foco na questão da estrutura da ferramenta usada pelas redes sociais, mais do que nas redes em si, ou ainda, das *affordances* dessa estrutura. Por conta dessa equalização entre "objetos" e "atores" na análise, podendo compreendendo os dois como elementos igualmente importantes na composição da estrutura, é um conceito muito usado por quem trabalha com TAR (Teoria Ator-Rede) (RECUERO, 2019, s/n)

A teoria Ator-Rede nos ajuda a ter *insights* sobre essa dinâmica conectiva. Segundo Van Dijck (2013), ANT ou TAR “não examina ‘o social’ como tal, mas visa mapear as relações entre tecnologias e pessoas e tenta explicar como essas relações são materiais e semióticas” (Van Dijck, 2013, p. 26)¹⁶. Quando falamos de relações materiais, estamos falando de interações perceptíveis de contato envolvendo pessoas e tecnologias. Por exemplo, domínio de interface e aparelhos eletrônicos, explorando a relação física entre a tecnologia e as pessoas. Já as relações semióticas seriam aquelas que envolvem símbolos, as configurações simbólicas, onde as interações estão permeadas pela interpretação de signos, significados e representações mediados pela tecnologia. Ou seja, o processo de atribuição de sentidos das pessoas, o como se comunicam mediados pela tecnologia.

As plataformas são espaços construídos, os quais têm como base as relações e interações contínuas. Tais interações podem ter também influência dos atores envolvidos, que atribuem significações e funções para essas plataformas. Elas não são meramente mediadoras das interações e exercem influência direta no fluxo de comunicação. Conforme Van Dijck (2013) discorre, concordando com o pensamento de Gillespie (2010) sobre a multiplicidade do conceito de plataforma, vemos que “plataforma” pode ser também compreendida de maneira figurativa, como um palanque sociopolítico por fazer “dançar” com as interações sociais entre esses elementos.

Em resumo, ela funciona como um ecossistema que possui uma lente ampliada sobre as ferramentas e os contextos que a atravessam, permitindo análises mais aprofundadas de interação devido à influência que sofre com a materialidade dos softwares e estruturas. Não devemos esquecer que as plataformas digitais possuem estratégias comerciais. Existe o incentivo para que os

¹⁶ Tradução nossa do seguinte trecho: “does not examine ‘the social’ as such but aims to map relations between technologies and people and tries to explain how these relations are both material and semiotic.” (Van Dijck, 2013).

usuários permaneçam cada vez mais virtualmente presentes nelas, navegando e formando uma nuvem de rastros, compartilhando de forma contínua e precisa as suas preferências e escolhas.

De acordo com Andréa (2018) “as plataformas não são apenas serviços direcionados para gerar e interpretar dados. É cada vez mais central o esforço de compartilhar dados para integrar serviços e processos” (Andréa, 2018, p. 26). E há um intuito para essa grande formação da nuvem de dados, que não se direciona exclusivamente a construção de relações, como estamos acostumados a associar. Por isso a preocupação dos pesquisadores em não limitar esse pensamento, o resumindo a algo meramente social, porque dessa forma negligencia a influência direta que as plataformas exercem em questões macros da sociedade, como a economia e a política.

As plataformas digitais têm características que nos ajudam a interpretá-las como um ecossistema amplo. Uma das características das plataformas digitais é a característica de capital, na qual as plataformas visam lucrar e gerar receita como negócios, através das atividades oriundas das ações dos usuários com elas. Pensando dessa forma, quanto mais cresce a plataforma, mais valor de mercado ela obtém, o que gera conseqüentemente uma maior monetização e concentração de poder. Não é à toa que muitas plataformas que tinham a finalidade inicial de ser um modelo de negócio coletivo, sem fins lucrativos, voltadas para o usuário, mudaram suas diretrizes e hoje se tornaram empresas com fins lucrativos e a com centralidade no proprietário. De acordo com Van Dijck (2013), o *Facebook* e o (ex)*Twitter* são exemplos que passaram por essa transição conforme a oferta pública que receberam.

Em uma extremidade do espectro, podemos identificar sites lançados por pequenas empresas iniciantes que rapidamente se transformaram em empresas globais, por exemplo, *Facebook* e (ex)*Twitter*. A oferta pública inicial (IPO) do *Facebook* em maio de 2012 significou uma mudança importante no status de propriedade: os líderes da empresa agora precisam ceder poder aos investidores, provavelmente às custas de usuários que detestam a crescente pressão para aumentar as perspectivas lucrativas do site. O (ex)*Twitter* ainda está contemplando a mudança para “tornar-se público”. No outro extremo do espectro, existem sites sem fins lucrativos e com fins lucrativos; alguns sites tentaram um status intermediário.¹⁷ (VAN DIJCK, 2013, p. 36, tradução nossa)

¹⁷ Trecho na língua original: “On one end of the spectrum, we can identify sites launched by small start-ups that rapidly grew into global firms, for example, *Facebook* and (ex)*Twitter*. *Facebook*’s initial public offering (IPO) in May 2012 signified an important change in ownership status: the company’s leaders now have to yield power to investors, likely at the expense of users who loathe the growing

Essa mudança no status de propriedade significa que as plataformas agora respondem a vontade dos investidores e direcionam suas estratégias para que o lucro seja constante. Assim, alterando a dinâmica das relações que envolve os interesses dos usuários, para favorecer seus acionistas em prol da rentabilidade. Para Van Dijck (2013) “o status de propriedade é uma moeda de troca significativa no ecossistema volátil da mídia em rede”¹⁸ (Van Dijck, 2013, p. 36, tradução nossa).

Essa volatilidade estimula uma espécie de rede predatória e controladora entre as grandes plataformas, que direcionam as estratégias na expansão da sua rede de negócios em busca de novos usuários e poder. Quem tem mais dinheiro, vai ter mais privilégios e recursos para obter o êxito econômico e o crescimento nesse ecossistema. E Van Dijck (2013, pág. 36) discute como esse status é desejado entre as plataformas, pois as startups mais bem sucedidas, são compradas por essas empresas já firmadas no mercado: “novas start-ups são adicionadas todos os dias e as bem-sucedidas são compradas e vendidas por empresas ‘estabelecidas” (Van Dijck, 2013, pag. 36, tradução nossa).

O dinheiro e o crescimento econômico impulsionadores das plataformas digitais, são características determinantes para a compreensão desse sistema que só sobrevive com a geração de lucro. Van Dijck (2013) compartilha o exemplo de empresas como o *Google* e *Facebook*, que além de obter crescimento na base de usuários, “pescam constantemente iscas de aquisição para anexar conhecimentos de engenharia ou algoritmos valiosos e patentes de outras empresas”¹⁹ (2013, p. 37, tradução nossa). Tendo como um *modus operandi* de caça para sempre adquirir os conhecimentos, as engenharias, base de algoritmos que são patentes valiosas dessas outras empresas.

Esse tipo de aquisição fortalece o pensamento de um ecossistema predatório que também é fomentado pelo contexto econômico que vivemos, incentivando diretamente para que cada vez mais as plataformas maximizem o poder em relação ao público, seja com a venda de publicidade ou a lucratividade com os dados dos

pressure to increase the site's profitable prospects. (ex) *Twitter* is still contemplating the move to “go public.” On the other end of the spectrum, there are sites that are nonprofit and nonmarket; a few sites have tried an in-between status” (VAN DIJCK, 2013, p. 36).

¹⁸ Ownership status is a significant bargaining chip in the volatile ecosystem of networked media. (VAN DIJCK, 2013, pag. 36)

¹⁹ Constantly fish for takeover bait to annex engineering expertise or valuable algorithms and patents owned by other companies (Van Dijck, 2013, p. 37).

usuários. E essas parcerias que ocorrem entre as grandes plataformas digitais e empresas que prestam serviços com base em API (Interface de Programação de Aplicativos), acabam sendo muito benéficas financeiramente entre as partes, pela expansão e variedade no oferecimento de serviços, que conseqüentemente são personalizados para os usuários.

Além disso, é válido para a discussão mencionar outra característica que tem relevância no contexto das plataformas digitais, que é a característica de governança, complementar ao exemplo anterior. No início do desenvolvimento da Web 2.0, em que as interações e os conteúdos passaram a ser gerados pelos usuários (Herring, 2013), as pessoas tinham um controle maior de monitoramento dos seus sites. Os usuários, conforme Van Dijck (2013), confiavam em poucas regras. Porém, com a transição que estava acontecendo, as plataformas gradualmente passaram a ser gerenciadas pelas corporações e conseqüentemente, foram aplicados sistemas profissionais e técnicas aprimoradas para regular as atividades dos usuários. De acordo com Van Dijck (2013, p. 39, tradução nossa), o “Contrato de Licença de Usuário Final”²⁰, não equivale a leis. São contratos de relacionamentos, onde regras explícitas e implícitas, passaram a fazer parte do funcionamento das plataformas digitais. Essa relação é firmada toda vez que o usuário entra na plataforma.

Regras explícitas também servem para regular reivindicações no domínio da propriedade, privacidade e comportamento aceitável e são comumente articuladas por meio de contratos de licença de usuário final (EULAs) ou termos de serviço (ToS). (Van dijck, 2013, p. 38, tradução nossa)²¹

Neste sentido, essas regras, deveres e proibições dizem respeito às regulações do domínio de propriedade, privacidade e comportamentos aceitáveis dentro da plataforma. Podemos ver que a aplicação delas se estabelece por meio de termos de regulamento para forma de uso ou termos de serviços, que muitos usuários não leem por completo. E como complementa Andréa (2018) sobre essas diretrizes, “trata-se de um documento com ênfase jurídica, que regula questões como propriedade intelectual e que, de forma estratégica, tenta proteger as

²⁰ *EULAs or terms of service (ToS)* (Van Dijck, 2013, p. 39)

²¹ Explicit rules also serve to regulate claims in the realm of property, privacy, and acceptable behavior and are commonly articulated through end-user license agreements (EULAs) or terms of service (ToS). (Van dijck, 2013, p. 38)

plataformas de atitudes danosas praticadas por seus usuários” (Andréa, 2018, p. 42).

Essas plataformas utilizam de discursos mais genéricos, se pautando nas concepções de neutralidade e liberdade de expressão, no que se refere a questões mais complexas como violência, racismo, discurso de ódio e consumo de drogas ilícitas. A ideia central da governança dentro dessas plataformas é a moderação dos conteúdos, o que muitas vezes acaba não acontecendo de maneira assertiva pelas plataformas. E de acordo com Andréa (2018), a remoção desses conteúdos complexos, esbarra em uma quase nula vontade de ação dessas plataformas em combater de maneira efetiva e rápida, essas práticas criminosas, que são prejudiciais para a sociedade.

Seja para retirar algo de circulação, seja para diminuir sua visibilidade, ou ainda para rotular como “conteúdo sensível”, o processo decisório de cada plataforma envolve sempre um complexo arranjo de trabalho – e poder – que se distribui por algoritmos e – muitas e diferentes – pessoas. (Andréa, 2018, p. 42)

Os usos da regulação são uma questão que ainda é desconhecida para os usuários, mas de grande interesse para as partes engajadas na redefinição de privacidade, o que muitas vezes afeta decisões legais. Conforme Van Dijck (2013) é uma massa cinzenta para as partes, por entrar em questionamentos como: quem regula esses termos? E como são negociados e quem controla essas normas? Qual é a abertura para negociação do que está sendo estabelecido nessas regras de privacidade? Para entender a dinâmica da governança, é importante a compreensão sobre a comunicação e o funcionamento estrutural de como os dados são gerenciados na plataforma.

3.1.1 Infraestrutura técnica e algoritmos

Há um fenômeno chamado plataformização na web, no qual Silva (2020) explica que grandes empresas têm se tornado gradativamente detentoras de dados e valores financeiros, principalmente dentro das suas próprias plataformas, as quais são especialmente redes sociais como o *Facebook*, por exemplo. Dessa maneira estão cada vez mais integradas na internet. O autor complementa que “a plataformização transformou sites de redes sociais em plataformas de mídias sociais” (Silva, 2020, p. 122).

Isso quer dizer que em decorrência do forte capital dessas grandes empresas, elas conseguiram investir estrategicamente no melhor desenvolvimento de suas plataformas, com cientistas de diversificadas áreas formando times estratégicos para uma otimização e análise contínua dessa plataforma. Dessa maneira, ao investir internamente, seria possível lucrar com essas plataformas, obtendo a retenção de audiência, ganhando dinheiro através de anúncios e monitorando o comportamento dos usuários, expandindo a sua influência para além do que havia sido projetado inicialmente.

Assim, as plataformas se tornaram poderosos atores para a sociedade, impactando na economia e política mundial. De certa forma é preocupante que grandes plataformas tenham toda essa concentração de poder e utilizem técnicas avançadas para análise de dados e de algoritmos, visando apresentar informações aos usuários, que muitas vezes influenciam seus comportamentos. Uma datificação que monitora em tempo real o comportamento humano com base nesses (meta)dados extraídos dessas tecnologias de comunicação (Van Dijck, 2017).

As plataformas são meios de conexão para essa cadeia de interações entre os usuários, a audiência, os prestadores de serviços, as empresas e os objetos que concentram o fluxo de dados e de capital. Isto torna possível o funcionamento desta cadeia, devido a esse fluxo de trocas que ocorre dentro da plataforma. Quando pensamos em redes sociais, dentro daquele ambiente virtual, em que estamos compartilhando conteúdo, interagindo com outros usuários e com anúncios, geramos dados para as empresas analisarem o nosso comportamento e aprimorarem os seus produtos para o nosso consumo e preverem futuras necessidades, ou mesmo criá-las.

3.1.2 Relevância dos algoritmos

Os algoritmos exercem um importante papel nessa estrutura interativa, pois eles selecionam as informações que os usuários vão receber com base nesses dados de comportamento e preferência que partilhamos na internet. Os algoritmos recomendam conteúdos, fragmentam informações, sendo um gerenciador das nossas interações nos sites de redes sociais. Conforme Gillespie (2018), os algoritmos têm uma funcionalidade de instruir, e não se restringem exclusivamente ao digital.

Os algoritmos não são necessariamente softwares: em seu sentido mais amplo, são procedimentos codificados que, com base em cálculos específicos, transformam dados em resultados desejados. Os procedimentos dão nome tanto ao problema quanto aos passos pelos quais ele precisa passar para ser resolvido. Podemos considerar como algoritmos, por exemplo, instruções de navegação ou fórmulas matemáticas usadas para prever o movimento de um corpo celestial (Gillespie, 2018, p. 97)

Porém, como a comunicação entre as pessoas atualmente não depende somente de expressões tradicionais como a fala e escrita, as nossas interações estão cada vez mais sendo mediadas por computadores. Cada vez mais buscamos conhecimento e nos expressamos através de redes sociais, gerando compartilhamento de conteúdo através das plataformas. A operação dessas ferramentas digitais tem como base os algoritmos. Os algoritmos poderiam ser definidos a princípio como “uma sequência finita de instruções precisas que são implementáveis em sistemas de computação” (Osoba & Welser IV, 2017, p.5).

Esses algoritmos têm consequências significativas, ao selecionar com base nos dados coletados do nosso comportamento, o tipo de informação que poderá nos interessar. Organizam com base na relevância do que deve ser mostrado primeiro, criando uma bolha de assuntos que podem ser considerados interessantes, de acordo com as nossas crenças e nos afastando do acesso a conteúdo que seja divergente destas, impossibilitando a expansão da diferença, do senso crítico, limitando a possibilidade de desenvolvermos uma noção mais ampliada da realidade.

Também os algoritmos personalizam e moldam o que consumimos, tendo um apelo mais comercial, interferindo na decisão de compra e nos influenciando a consumir, muitas vezes, de maneira desnecessária. Nos tornamos alvos de anúncios e recomendações de produtos, como se fossem uma necessidade. O que também nos leva a outra reflexão: quem domina os nossos dados? Conforme Pasquale (2015) discorre, nós enquanto usuários cada vez temos menos autoridade sobre as nossas escolhas no ambiente virtual.

A autoridade é crescentemente expressa algorítmicamente. Decisões que eram normalmente baseadas em reflexão humana agora são feitas automaticamente. Software codifica milhares de regras e instruções computadas em uma fração de segundo (Pasquale, 2015, p.4).

Os algoritmos têm o poder de formar o nosso pensamento, de interferir na maneira que enxergamos nosso entorno e muitas vezes de influenciar nas nossas

decisões e opiniões, principalmente no que se refere ao olhar que temos sobre o que diverge das nossas crenças. O algoritmo não tem neutralidade. A pessoa por trás dessa projeção é quem está definindo o que é considerado relevante para aquele usuário, enquanto informação. Quem os cria também está moldado por juízos de valor. O ser humano não consegue se separar da bagagem que carrega.

De acordo com Silva (2020), à medida que os softwares condicionam o conjunto de regras para os algoritmos, de maneira sutil, modelam o comportamento dos usuários, e em muitos dos casos, incitam a reprodução das violências e das relações de poder da sociedade. Reproduzindo assim, muitas vezes, racismo, preconceitos e estereótipos. Osoba e Welser (2017) levantam importantes questões sobre a construção lógica de aprendizado dos algoritmos e como esta tende a ser problemática e desafiadora.

Algoritmos tendem a ser vulneráveis a características de seus dados de treinamento. Este é um recurso desses algoritmos: a habilidade de se adaptar face a inputs cambiantes. Mas a adaptação algorítmica em resposta aos dados fornecidos também apresenta um vetor de ataque por usuários mal-intencionados. Esta vulnerabilidade da dieta de dados em algoritmos de aprendizado é um tema recorrente (Osoba & Welser, 2017, p.7)

Por isso, é importante debatermos e vigiarmos de modo crítico o papel dos algoritmos nas nossas vidas. Responsabilizar os operadores, para que os algoritmos sejam usados de maneira respeitosa em relação a todos os usuários. Compreender os algoritmos para além de ferramentas simples de comunicação e interação. Conforme Gillespie (2018) “uma análise sociológica não deve conceber os algoritmos como realizações técnicas abstratas, mas desvendar as escolhas humanas e institucionais que estão por trás desses mecanismos frios”. Entender os algoritmos é também entender e analisar o contexto social, a maneira que adquirimos conhecimento e fazemos nossas escolhas. Eles são elementos tecnológicos que induzem a maneira como organizamos as informações recebidas, mediadas pelos dispositivos eletrônicos.

Carrera (2020, p. 217), em seu trabalho sobre os processos de algoritmização do racismo e sexismo em bancos de imagens digitais, levanta questionamentos pertinentes sobre a construção de sentidos e associações de palavras para determinados sujeitos que fogem do padrão da branquitude. Para Silva (2019) “ajudam a formar uma ‘dupla opacidade’ (Silva, 2019, p. 4) o que colabora para a reprodução de estereótipos com significações limitadas e distorcidas da realidade.

Nesse contexto de instrumentalização de palavras-chaves nesses bancos de imagens, não temos acesso de maneira transparente e operacional, a organização das escolhas das imagens e as representações a que serão associadas e disponibilizadas aos usuários. Carrera (2020) complementa que para o entendimento de uma cultura social, é importante entender a construção da subjetividade dos indivíduos, considerando que a lógica e o emocional operam juntos. A forma com que os indivíduos se comportam, não excluem esses fatores. Se pensarmos no contexto histórico de desigualdades em que vivemos, os padrões foram construídos de maneira seletiva, influenciando na receptividade dos sujeitos a determinados grupos, partindo da premissa da exclusão.

3.2 PLATAFORMAS E DISCURSO

Ao pensarmos em plataformas online, também temos que falar sobre o papel delas na construção e modificação de discursos. A comunicação mediada por computador (CMDA) tem como base a linguagem verbal, a qual tem vários elementos para a reprodução da mensagem. Ela é influenciada pelos aparatos tecnológicos do meio, como as características linguísticas, por exemplo (Herring, 2001). Para Castells (2000), a transição que ocorreu com o advento dos computadores pessoais nos anos 90, modificou por completo a forma como nos comunicamos, interagimos e vivemos em sociedade. A internet, considerada o maior avanço tecnológico da história recente da humanidade, permite que estejamos conectados com bilhões de pessoas ao redor do mundo.

As plataformas digitais estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano e por consequência, as redes sociais se tornaram plataformas emergentes que descentralizaram a comunicação. De acordo com os dados apresentados em 2022 pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)²², 90% dos lares têm acesso à internet, o que corresponde a 65,6 milhões de lares conectados, representando em torno de 155,7 milhões de brasileiros usuários de internet.

22 Os dados mencionados, da PNAD, encontram-se disponíveis no site da Casa Civil: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/90-dos-lares-brasileiros-ja-tem-acesso-a-internet-no-brasil-aponta-pesquisa>

A quantidade de brasileiros ativos nas redes sociais do (ex) *Twitter*²³ equivalem a 19 milhões de usuários. Já no *Facebook*²⁴, o número aproximado de usuários é de 109 milhões de brasileiros. Segundo matéria da *Forbes*²⁵, o Brasil é o terceiro país que mais consome redes sociais no mundo. Esse levantamento foi feito através da Comscore, uma empresa americana que faz análise de internet e tendências para as agências de publicidade mundiais.

De acordo com a reportagem, “*YouTube, Facebook e Instagram* são as redes mais acessadas pelos usuários brasileiros, com alcance de 96,4%, 85,1% e 81,4%” (Forbes, 2023). São números impressionantes e ao mesmo tempo preocupantes, porque são milhares de dados sendo gerados dentro destas redes sociais. Voltamos para a ideia inicial de que a estrutura dessas interfaces nos condiciona a ser dependentes delas para nossas interações.

Conforme Recuero (2014, p. 290), concordando com a ideia de que as redes sociais construíram “novos espaços discursivos”, esses espaços exibiriam outras compreensões de circulação e legitimação de discursos. Para Recuero (2014, p. 290) “as redes sociais são transcritas não de forma análoga ao off-line, mas reinterpretadas e reconstruídas com características novas e com novas implicações”. As redes sociais interpretam novamente as formas de se comunicar e se relacionar, adequando-as ao ambiente digital.

Segundo os estudos de Foucault (2009), sobretudo no livro *Análise do discurso*, a produção do discurso é controlada em toda a sociedade - selecionada, organizada e redistribuída - por procedimentos que tem por objetivo, conjurar poderes e perigos, assim como dominar seu acontecimento aleatório. O autor entende o discurso como uma prática que não é neutra e está intrinsecamente ligada às relações de poder na sociedade. O discurso não está livre de influência, porque ele é regulado para atender interesses. O discurso pode surgir de maneira aleatória, fora das estruturas de poder socialmente estabelecidas. Recuero (2014) disserta sobre esse pensamento do autor:

23 Reportagem de Daniela Braun, para a revista Valor. Publicada em 25/02/2022. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/mercados/internacional-e-commodities/noticia/2022/04/25/brasil-tem-a-quarta-maior-base-de-usuarios-do-twitter-no-mundo.ghtml>

24 Reportagem de Sofia Lungui, para o Portal Giz Br. Publicada em 28/07/2023. Disponível em: <https://gizmodo.uol.com.br/facebook-alcanca-marca-dos-3-bilhoes-de-usuarios-mensais-pela-primeira-vez/>

25 Reportagem de Luis Gustavo Pacete, para a revista Forbes. Publicada em 09/03/2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-consome-redes-sociais-em-todo-o-mundo/>

Discurso, poder e ideologia são indissociáveis na percepção de Foucault sobre as práticas que vão moldar o conhecimento. O poder, ainda, é exercido e desafiado pelo discurso. Entretanto, está também disfarçado nas práticas discursivas, de modo a manter a dominação através da legitimação da hegemonia. Observamos, portanto, que as falas que são constituídas nos sites de rede social e que ali permanecem e circulam também estão submetidas às relações de poder e ideologia que constituem os sujeitos desses discursos. E com isso, podem traduzir também elementos-chave para a compreensão dessas dominações. (Recuero, 2014, p. 292)

Quando falamos de redes sociais, não podemos desassociar do poder que está sendo estabelecido pelas plataformas e sobre quem fala e valida os discursos. As redes sociais exercem influência nas bolhas sociais. O que compartilhamos pode ser utilizado para legitimar narrativas, para que grupos naturalizem hierarquias sociais, entre outras finalidades. Os algoritmos das plataformas controlam o que nós, usuários, iremos receber, comprovando que as plataformas têm poder de modificar e decidir sobre as informações distribuídas. Para Foucault (1999), o discurso tem a função da manutenção da ordem:

(...) Em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (Foucault, 1999, p. 8)

As plataformas escolhem a que vai ser dada visibilidade e relevância, estabelecendo uma relação do que é escolhido e o que é excluído. Esta seleção interferirá na maneira como interpretamos a realidade a nosso redor. A exclusão é uma das formas de demonstrar poder e o discurso traduz esses sistemas de dominação, reforçando na sociedade, as demarcações sobre o lugar do outro. Geralmente o outro, o diferente, está na margem da política econômica, demarcado pela raça e pela classe.

Embora as plataformas inicialmente tenham o conceito de funcionarem como um espaço livre de trocas, construção de sentidos e interações entre as pessoas, elas refletem e perpetuam as desigualdades do mundo real. Os discursos que circulam na internet, influenciam a maneira como as pessoas socializam. Nas plataformas, os algoritmos escolhem as vozes que terão maior alcance e quais discursos serão validados.

3.3 PLATAFORMA E RACISMO

Devemos nos atentar na maneira como as plataformas se comportam em relação ao racismo. O discurso tem poder de humanizar e desumanizar as pessoas e a forma como a comunicação é construída, legítima e reforça que o diferente pode e deve ser excluído. As violências se efetivam de diversas formas, seja simbolicamente ou através da linguagem, também sendo efetivada de forma material, atingindo o corpo. Para Hall (1997), a nossa compreensão de sociedade tem como base o contexto em que estamos inseridos e as experiências que vivemos ao longo da vida. Na atualidade, vivemos em um modelo híbrido, onde as plataformas virtuais interagem com o que está fora do virtual, com a vida offline.

Essas mesmas plataformas escolhem o que vai ser visto ou lido, influenciando massivamente a interpretação, nas bolhas de similaridade que já estão formadas. Os discursos online refletem o pensamento da sociedade. No mundo virtual, as pessoas emitem suas visões de mundo e essas mensagens ecoam as estruturas e sistemas simbólicos dos grupos dominantes, “podendo contribuir assim para reproduzir e legitimar relações de dominação e de exclusão social” (Acevedo; Nohara; Hamuski, 2010, p.60).

O discurso de quem fala não é homogêneo. As estruturas de representação midiática mostram que os negros ocupam um lugar de inferioridade, por estar sempre reivindicando um olhar humanizante sobre si, contrapondo o que é produzido e discursado nas redes sociais. As ideologias de embranquecimento têm como objetivo iludir a sociedade de que o tratamento entre negros e brancos é igual, logo a população negra não careceria de representatividade positiva nos meios de comunicação, pois nesta lógica, não há exclusão dos negros na sociedade em que vivemos.

As questões raciais nas plataformas permitem perceber que há influência nas relações de poder. Os discursos ali mobilizados, interferem na construção subjetiva das pessoas, a respeito de si mesmas. As plataformas possibilitam que essas informações, por vezes de cunho depreciativo e violento, cheguem rapidamente a muitas pessoas, envolvendo uma pluralidade de atores que interagirão sobre elas. As pessoas não abandonam suas crenças e suas visões particulares quando se conectam em ambientes online. As conversas que antigamente eram consideradas tabus e ficavam limitadas aos encontros ao vivo com os semelhantes, nas redes

sociais se tornaram discussões abertas com participações ilimitadas. A maneira como as plataformas são sistematicamente programadas, pouco inibem a propagação de preconceitos e racismo nas redes sociais. Continuamente vemos a imagem do negro sendo violentada nesses espaços e as medidas, quando são tomadas, surtem pouco efeito frente ao estrago gerado.

Cultura e identidade se relacionam e se compõem, na construção das relações sociais. Estão ligadas à condição de existência do homem e ao meio a que ele pertence. Deste modo, entendemos como elementar a mudança nas representações do negro e o combate a estereótipos. Esta mudança urge, sobretudo na atualidade, em que o uso da internet tem proporcionado o fortalecimento de representações e discursos racistas, como os que serão abordados no decorrer deste trabalho.

O racismo é um fenômeno estrutural, determinante da contemporaneidade. É um tema complexo, sobre o qual temos vários estudos atuais. Quando direcionamos o olhar dessa prática, relacionando com as dinâmicas das plataformas de comunicação digital, podemos compreender melhor o como as manifestações presentes nesses ambientes funcionam como um braço do racismo estrutural. Pesquisadores da área da comunicação e tecnologia identificaram que a construção do Vale do Silício tem como predominância e influência central, a lógica supremacista branca (Nakamura, 2008; Daniels, 2013; Broussard, 2018).

As microagressões nas plataformas digitais e o racismo algorítmico, são tema de importantes estudos recentes. Conforme Tarcísio Silva (2019), tratar destes temas é um desafio profundo porque “o racismo se imbrica nas tecnologias digitais através de processos ‘invisíveis’ nos recursos automatizados”, fazendo com que a materialidade dessas ocorrências facilmente passe despercebidas. As plataformas estão inseridas em um contexto econômico que lucra agressivamente com o capitalismo de vigilância.

Esse modelo acumula poder e recursos com base na análise dos dados dos usuários. É um modelo de economia que gira em torno dos algoritmos, para gerir e controlar. Conforme Antoinette Rouvroy e Thomas Berns (2015), uma “governamentalidade algorítmica”. Fernanda Carrera (2021) contribui nesta discussão, com seus estudos sobre a algoritmização e a produção de subjetividades e representações visuais racistas em bancos de imagens.

Esse modelo acumula poder e recursos com base na análise dos dados dos usuários. É um modelo de economia que gira em torno dos algoritmos, para gerir e controlar. Conforme Antoinette Rouvroy e Thomas Berns (2015), uma “governamentalidade algorítmica”. Fernanda Carrera (2021) contribui nesta discussão, com seus estudos sobre a algoritmização e a produção de subjetividades e representações visuais racistas em bancos de imagens.

Essas plataformas de armazenamento e distribuição de imagens têm papel fundamental para a comunicação. Elas circulam em variados segmentos da sociedade, como jornais, empresas, governo e influenciam na percepção e construção de sentido sobre as pessoas. Determinados grupos e corpos da sociedade, acabam sendo estigmatizados, principalmente os que são marginalizados, os quais são constantemente associados a resultados negativos nessas plataformas de busca. A automatização e a não neutralidade dos algoritmos, reforçam e naturalizam a exclusão do que não é padrão para sociedade, reforçando discursos racistas em prol da continuidade da ideologia branca, como modelo de mundo.

Silva e Araújo (2020) trazem em sua pesquisa a relação da biopolítica com o racismo algorítmico. A pesquisa aponta a forma como essas tecnologias têm fundamentado a reprodução e perpetuação de estereótipos negativos sobre a negritude. Trindade (2018), apresenta em seus trabalhos recentes, dados sobre mensagens racistas nas mídias sociais e sobre como se comportam esses agressores, perfil das vítimas e sua percepção sobre o papel das plataformas em combater essas violências. Nesse estudo, o autor destaca que a maioria das vítimas de racismo no *Facebook*, eram mulheres de classe média e muitas delas não tiveram relação prévia com os agressores. Elas acreditam que no ambiente virtual permeia a ideia de ser espaço sem lei, onde as pessoas não temem pelo racismo praticado, porque não há punição e pouco se aplica a lei nesses casos de crimes de racismo em ambientes virtuais.

Os estudos de Recuero (2014) também contribuem nessa discussão. No artigo sobre #DiadaConsciênciaNegra no (ex) *Twitter*²⁶, a autora discute o como os marcadores textuais em torno da pauta racial acabam sendo excluídos e minimizados pelos usuários através dos *tweets*. O dia 20 de novembro, Dia da

²⁶ O título do artigo é Discutindo Análise de conteúdo como método: o Dia da Consciência Negra no Twitter, publicado em 2014, na revista Cadernos de Estudos Linguísticos.

Consciência Negra, foi tratado apenas como uma data, esvaziando o debate sobre a importância histórica que originou essa data no Brasil e o papel dos negros na construção positiva da sociedade.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, busco entender o comportamento das pessoas em ambientes de interação online e como os discursos são construídos pelos usuários, especialmente, em comunicações mediadas por computador. A nossa referência para esse método, teve como base o artigo desenvolvido por Susan Herring em 2004, no qual a autora apresenta a abordagem CMDA - Análise de Discurso Mediado por Computador, que visa compreender como a linguística se adapta de acordo com o ambiente digital.

Para seguir, retomamos aqui o problema de pesquisa - como o discurso racista aparece nas redes sociais a respeito da população negra envolvendo violência policial no (ex)Twitter? A partir deste questionamento se desdobrou a elaboração do nosso objetivo geral que é compreender como o discurso sobre a negritude aparece em tweets que falam sobre violência policial. Os objetivos específicos desta pesquisa foram: a) Identificar os padrões discursivos dos usuários relacionados aos episódios de violência policial no (ex)Twitter; b) Analisar quais os termos que recorrentemente são utilizados pelos usuários das redes sociais frente às notícias de violência policial; c) Verificar o tom geral do discurso referentes aos episódios de violência policial contra a negritude.

O caminho percorrido nos ajudou na construção das respostas a estes objetivos. Em termos de fundamentação, a pesquisa teve um viés qualitativo, que como mencionado anteriormente se utilizou do método da Análise de Discurso Mediados por Computador (CMDA), para aprofundar o debate, partindo da abordagem apresentada por Herring (2004).

As mensagens de texto produzidas nesses ambientes não são meras transcrições de discursos orais. Os discursos são modelados conforme a necessidade dos usuários. Ocorre uma apropriação da linguagem e o uso dela é influenciado pelo meio virtual. Acredito que essa abordagem teórica seja a mais apropriada para o trabalho que quisemos desenvolver, porque é uma análise que permite um aprofundamento em relação ao comportamento das pessoas em ambientes virtuais, maneira como se comunicam e se relacionam nesses espaços.

Os dispositivos eletrônicos com acesso à internet modificaram a forma como construímos relações, tornando possível acesso a nossas vidas, para desconhecidos. A internet facilitou a disseminação de informações em uma velocidade e alcance assustadores. Nesses espaços, os relacionamentos estão se estabelecendo de forma ampliada (RECUERO, 2009). A interação ocorre de forma única no ambiente, sem a influência de outros canais de comunicação e não necessita de contexto físico, possibilitando estudar a interação verbal e a relação entre o discurso e a prática social. Hoje, a impressão que fica é de que as relações não se constroem exclusivamente no modelo de vida *offline*, há grandes probabilidades de passarem pelo mundo *online*. Caso contrário, se transmite a sensação de que as relações não estão sendo vividas de forma completa. A interação entre as pessoas inevitavelmente é mediada por esses instrumentos e ter o entendimento do funcionamento dele, o como estão estruturados sistematicamente, é muito importante para os estudos da comunicação.

Pensando no objeto de análise, optamos por utilizar o (ex) *Twitter*, pois é um ambiente onde notamos que há uma interação maior e em tempo real dos usuários em episódios de execução policial. As interações que ocorrem nesse espaço, a partir da notícia de violência, podem ser úteis para nossa compreensão de como os usuários se comportam e analisar se os discursos disseminados pelos usuários são de cunho racista. É pertinente olhar para esse tema porque nos dá a possibilidade de extrair de maneira empírica, dados deixados nesses espaços virtuais. Para Herring (2004), o ambiente virtual facilita a observação e coleta de dados, porque os registros são deixados em forma de expressões textuais, diferente de interações orais entre as pessoas.

As técnicas empregadas foram de pesquisa documental. Foi realizado um levantamento de estudos majoritariamente negros e principalmente de autoria de pessoas negras, que abordam o processo histórico do negro no Brasil, destacando como as instituições têm viés racial e utilizam da violência policial para controle e reforço de poder contra a população negra. Autores que têm no cerne de suas pesquisas, trabalhos e reflexões o apontamento do privilégio branco no Brasil, do racismo estrutural e da forma como a comunicação colabora na reprodução de sentidos estereotipados sobre os negros. Além disto, também foram consultados trabalhos que tratam da prática do racismo por pessoas brancas nas redes sociais, impactando na humanização do negro no ambiente virtual.

A análise documental, segundo Moreira (2009), nos ajuda a dar seguimento no que já foi documentado. Ou seja, outra pessoa já iniciou pesquisas que contribuem àquela que está sendo desenvolvida, portanto o que for apresentado, não será informação construída do zero, porque as investigações partiram de um início.

A análise documental processa-se a partir de semelhanças e diferenças, é uma forma de investigação que consiste em um conjunto de operações intelectuais que têm como objetivo descrever e representar os documentos de maneira unificada e sistemática para facilitar a sua recuperação (...) funciona como expediente eficaz para contextualizar fatos, situações, momentos. Consegue introduzir novas perspectivas em outros ambientes, sem deixar de respeitar a substância original dos documentos (Moreira, 2009, p. 276).

É um método rico de dados de diversificadas fontes, proporcionando uma visão ampliada para o pesquisador que as acessa, tanto para dar continuidade, quanto para verificar os pontos de sua pesquisa. A existência de diversos registros sobre o tema nos ajuda a não se apegar em uma conclusão definitiva. A pesquisa documental possibilita analisar detalhes e especificidades.

Quando falamos de práticas de racismo em ambientes virtuais, devemos nos atentar de que nesses espaços os sujeitos se expressam conforme o imaginário que têm constituído. As pessoas seguem padrões de divisões raciais, pois a sociedade está estruturada dessa forma. As práticas de demarcação da diferença são reforçadas constantemente nos meios de comunicação e pela indústria cultural. Quando analisamos os dados de desenvolvimento do Brasil, podemos observar que a população negra ocupa os piores índices e isso é reflexo histórico da falta de políticas públicas de reparação para essa população, que por séculos é explorada e desassistida pelas instituições. Ao adentrar nos índices de violência policial, os números são aterrorizantes, dando a interpretação de que há em curso uma política de genocídio contra a negritude.

Visando ter os insumos para responder os objetivos específicos, iniciei o procedimento de coleta de comentários dos usuários no (ex) *Twitter* em relação às notícias que envolvem chacinas nas regiões mais populosas do país, delimitando as operações policiais que se tornaram notícias nos principais portais de comunicação durante o período de julho a agosto de 2023.

Compreender como o discurso sobre a negritude aparece em tweets que falam sobre violência policial é importante, porque geralmente as pessoas não associam os discursos expressados nas redes como uma prática de violência. É necessário esse entendimento para que possamos pressionar as instituições na penalização tanto das plataformas que não combatem de forma eficaz o racismo praticado nesses espaços, como na execução de penas para que os usuários respondam judicialmente e não se sintam livres para praticar racismo na internet, como se fosse um ambiente de impunidade, propício para ferir a dignidade do outro.

Visando ter os insumos para responder os objetivos específicos, iniciei o procedimento de coleta de comentários dos usuários no (ex) *Twitter* em relação às notícias que envolvem chacinas nas regiões mais populosas do país, delimitando as operações policiais que se tornaram notícias nos principais portais de comunicação durante o período de julho a agosto de 2023.

Compreender como o discurso sobre a negritude aparece em tweets que falam sobre violência policial é importante, porque geralmente as pessoas não associam os discursos expressados nas redes como uma prática de violência. É necessário esse entendimento para que possamos pressionar as instituições na penalização tanto das plataformas que não combatem de forma eficaz o racismo praticado nesses espaços, como na execução de penas para que os usuários respondam judicialmente e não se sintam livres para praticar racismo na internet, como se fosse um ambiente de impunidade, propício para ferir a dignidade do outro.

Partindo do contexto da violência policial e da maneira como essas pautas são recebidas e discutidas pelos usuários no (ex) *Twitter*, a coleta dos dados para análise ocorreram a partir das replicações feitas pelos usuários, a respeito de notícias sobre as vítimas da operação policial que ocorreu no Guarujá, estado de São Paulo, no dia 28 de julho de 2023 e também sobre a operação que ocorreu no Complexo da Penha, no Rio de Janeiro, no dia 02 de agosto de 2023.

Em 28 de julho de 2023, o soldado Patrick Bastos Reis foi baleado durante patrulhamento na comunidade do Guarujá. Ele atuava na Rota de SP. A execução do agente desencadeou a operação “Escudo”, que teve duração de 40 dias. A ação policial registrou 7 mortes por dia e de acordo com as informações que foram divulgadas pelo Secretário de Segurança Pública do estado de São Paulo, Guilherme Derrite, 958 pessoas foram presas e 28 morreram em suposto confronto com policiais. Instituições e autoridades que defendem os direitos humanos pediram

o fim da operação. Entre as vítimas, de acordo com as notícias, estavam homens, na faixa etária entre 22 e 39 anos, moradores da comunidade e adjacências do Guarujá. Eram perfis que tinham alguma profissão, como por exemplo a vítima Layrton Vieira de Oliveira, de 22 anos, que era ajudante de obras e foi executado enquanto ainda estava na cama. De acordo com seus familiares, os policiais do Batalhão de Ações Especiais (Baep) assassinaram a tiros o cachorro da vítima.

Figura 1 - Folha de São Paulo relata o perfil de umas pessoas executadas na Operação Escudo do Guarujá

VIOLÊNCIA

PMs matam ajudante de pedreiro e atiram em cachorro em Santos, relatam familiares

Parente diz que policiais não usavam câmeras e que ainda não teve acesso ao boletim de ocorrência; OUTRO LADO: Segurança diz que mortes em operação ocorreram em confronto



Fonte: Prints coletados pela autora (2023)

Muitos casos de execução vinham sendo registrados, assim como provas plantadas. De acordo com o Ministério Público do Estado de São Paulo (MP-SP), muitos casos foram analisados em decorrência das câmeras presentes nas roupas dos policiais, fazendo com que o Ministério Público denunciasse alguns dos envolvidos, tais como Eduardo de Freitas Araujo e Augusto Vinicius dos Santos de Oliveira, denunciados pelo assassinato de Rogério Andrade Jesus e pela tentativa de alteração da cena do crime. Rogério levou um tiro de fuzil a queima roupa dentro de sua residência.

Conforme foi noticiado pelo Portal G1, “só foi possível analisar 6 das 16 mortes por intervenção policial registradas entre os dias 28 de julho e 1º de agosto nas cidades de Santos e Guarujá”. A Polícia Militar respondeu ao MP que não há registros da operação e das demais mortes, devido à ausência de equipamentos para o batalhão ou a inoperância dos dispositivos durante as ocorrências.

Figura 2 - Notícia publicada pelo G1 sobre os policiais que tentaram alterar a cena do crime



Fonte: Prints coletados pela autora (2023)

Contrariando a versão apresentada pelas autoridades, moradores da Baixada Santista denunciam que não houve confronto armado na maioria das execuções e que a polícia cometeu abusos durante a operação, invadindo as residências causando destruição sem mandado judicial, além de estarem presentes sem identificação e câmera durante as ações. O próprio relatório do Conselho Nacional dos Direitos Humanos (CNDH) apontou que a polícia cometeu abusos durante a operação²⁷.

Alguns dias após o fim da operação no Guarujá, no estado vizinho, no Complexo da Penha, cidade do Rio de Janeiro, ocorreu uma operação policial que resultou em dez pessoas mortas e cinco pessoas feridas, no dia 02 de agosto de 2023. Duas das pessoas feridas eram policiais do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope). De acordo com os moradores, os tiros iniciaram durante a

²⁷ Reportagem de Saulo Pereira Guimarães, para o Portal UOL. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/09/05/operacao-escudo-guaruja.htm>

madrugada e conforme registro policial, das 09 pessoas envolvidas com a troca de tiros foram baleadas e socorridas, mas não resistiram no hospital²⁸. O perfil das vítimas era semelhante ao do caso do Guarujá: todos eram homens²⁹, na faixa etária entre 17 e 35 anos de idade. Uma das vítimas era um adolescente de 17 anos, sem antecedentes criminais, assim como os outros dois homens que morreram durante a ocorrência policial e que não tinham relação criminal.

Figura 3 - Manchete do portal o Globo sobre a operação policial no Complexo da Penha

Rio

Operação policial no Complexo da Penha tem dez mortos e cinco feridos, entre eles dois PMs

Fogo foi ateado em barricadas para atrapalhar a movimentação de agentes; moradores relatam manhã de pânico

Por Ana Carolina Torres, Roberta de Souza e Fabiano Rocha — Rio de Janeiro

02/08/2023 07h05 · Atualizado há 6 meses



Fonte: Prints coletados pela autora (2023)

O que podemos notar entre esses dois casos é a semelhança entre os sujeitos envolvidos. As vítimas em sua maioria eram homens, relativamente jovens, frente a agentes do Estado, operando de maneira truculenta e muitas vezes arbitrária, em zonas periféricas, sem a premissa de investigação para que se tenham desdobramentos jurídicos sobre as mortes. O peso da farda é um atenuante para a validação dos resultados obtidos após as operações.

²⁸ Reportagem de Ana Carolina Torres, Roberta de Souza e Fabiano Rocha. Publicado em Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2023/08/02/operacao-policial-no-complexo-da-penha-tem-intenso-tiroteio.ghtml>

²⁹ Reportagem do portal digital do jornal O Globo (sem informação de autoria da reportagem). Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2023/08/04/complexo-da-penha-menor-de-idade-esta-entre-os-dez-mortos-na-operacao.ghtml>

4.1 MÉTODO DE COLETAS DE DADOS

Inicialmente, selecionamos os tweets que mais viralizaram sobre esses casos, obtendo um grande alcance na rede. Foram coletados 20 tweets para análise, dos quais foram selecionados 5 tweets para trabalhar na direção das respostas dos objetivos iniciais do projeto. Como critério para a seleção dos comentários, busquei aqueles que contabilizavam mais de dez curtidas e priorizei comentários que tivessem números expressivos de alcance. Também busquei por comentários que tivessem relação com as operações ocorridas no Guarujá e no Complexo da Penha. O ambiente virtual é um espaço discursivo, no qual estiveram como atores principais, os policiais militares. O período de coleta ocorreu durante os meses de julho e agosto de 2023, simultaneamente aos desdobramentos das operações policiais, devido ao alcance que os comentários proferidos pelos perfis obtiveram.

Os dados coletados se dão a partir dos comentários dos usuários do (ex)Twitter, fielmente transcritos das fontes, com base nos cinco domínios da linguagem apresentados por Herring (2004), dentro da abordagem CMDA: Estrutura, Significado, Interação, Comportamento Social e Comunicação multimodal. No período delimitado, foi feita uma busca do dia 02 a 20 de agosto. Os termos chave que nos ajudaram na busca foram: “Chacina no Guarujá” e “Chacina na Penha”. Através delas, percebi que alguns tweets estavam conectados aos termos: “bandido bom é bandido morto”, “parabéns rota/polícia”, “Operação Policial Guarujá”, “Operação na Penha”, “Parabéns governador Tarcísio”. Esses termos me deram como resultado 20 posts com mais interações sobre a Operação Escudo (SP)³⁰ e a operação do Complexo da Penha (RJ).

Dentro destes 20 posts, selecionei os cinco comentários mais curtidos para cada operação, Guarujá e Complexo da Penha, totalizando 10 comentários para análise. A partir destes posts, analisei os comentários que se referem à negritude, para observar se foram racistas, ou não.

Retomando os casos, em 28 de julho de 2023, na Baixada Santista, teve início a Operação Escudo, em decorrência da morte do PM da Rota, Patrick Bastos Reis, de 30 anos. O soldado foi baleado enquanto realizava o patrulhamento na

³⁰ Reportagem de Fabio Leite, para o portal Metrôpoles. Disponível em: <https://www.metropoles.com/sao-paulo/operacao-na-baixada-santista-completa-1-mes-com-634-presos-e-22-mortos>

Comunidade da Vila Júlia, em Guarujá-SP, no dia anterior, 27 de julho. Com o objetivo de capturar os responsáveis pela ação contra o agente, estima-se que pelo menos 22 pessoas tenham sido mortas durante a ação policial e 634 tenham sido presas. Moradores da comunidade denunciam que não houve confronto e que os policiais entraram na comunidade para se vingar pela morte do soldado.

Durante a madrugada do dia 02 de agosto, no Rio de Janeiro, a polícia militar e civil deu início a operação³¹, com a justificativa de combate às facções e expansão do tráfico de drogas na Vila Cruzeiro, no Complexo da Penha, Zona Norte do Rio. A operação resultou na apreensão de armas e drogas, 10 pessoas foram mortas e 05 ficaram feridas, incluindo 2 policiais do Bope.

Com base nesses episódios foi criado um perfil para a pesquisadora no (ex)Twitter e ao fazer parte desse ambiente será possível ter acesso às publicações, onde poderemos analisar os discursos construídos pelos usuários a partir desses fenômenos de violência.

Figura 4 - Perfil da pesquisadora



Fonte: acervo pessoal da autora

A partir disso, foi possível monitorar as interações dos usuários frente às notícias publicadas pelos principais portais de notícia a respeito de operações policiais no estado do Rio de Janeiro e São Paulo. Através da plataforma (ex)Twitter, fiz o uso do campo de busca dos comentários, com base em palavras chaves, as

³¹ Reportagem de Genilson Araújo, Guilherme Santos, Rafael Nascimento, Thais Espírito Santo e Victoria Henrique. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/08/02/policias-militar-e-civil-fazem-operacao-no-complexo-da-penha-moradores-relatam-intenso-confronto.ghtml>

quais selecionei entre as que mais apareceram, como nos exemplos de tweets abaixo.

Figura 5 - Interação no tweet compartilhado pelo perfil do G1 sobre a operação policial ocorrida no Guarujá (SP) e que ocasionou 20 mortes



Fonte: Print coletado pela autora no (ex) Twitter (2023)

Descrição do comentário publicado pelo usuário:
--

"Se ele cumpriu a pena e começou a trabalhar não há motivo para ter sido morto".
--

Nos trechos acima observa-se nos comentários dos usuários a discordância em relação a manchete do portal de notícias do grupo Rede Globo, o Portal G1. No comentário é pressuposto, de maneira tendenciosa, uma possível justificativa para a execução das vítimas, colocando juízo de valor sobre os mortos. O usuário da plataforma, deixa subentendido que só morre, quem deve. A construção imagética

da notícia colabora na produção de sentidos e estereótipos, pois coloca lado a lado o policial branco que foi executado e que acabou desencadeando a operação na baixada santista em São Paulo e uma das vítimas que foi executada sob a justificativa de ter antecedentes criminais. O rapaz estava em processo de ressocialização e estava trabalhando em uma barraca na beira da praia. Porém isso não é suficiente para os juízes das redes sociais. De acordo com as observações de Fanon (2015), a branquitude se coloca num lugar de superioridade e as estruturas institucionais validam os discursos estereotipados.

Na figura abaixo podemos ver o diálogo, que é a continuidade dos comentários da figura 5, no qual é reforçado e validado o discurso do merecimento da morte. Mbembe (2016) pontua que, para a implementação do discurso de morte, é necessário retratar o alvo como inimigo político da sociedade, colocando a sua existência como um perigo para aqueles que são considerados cidadãos de bem. Mbembe (2016) enfatiza que a construção dessa narrativa demonizada é uma estratégia para a naturalização do extermínio do “outro”. A violência é uma política essencial de dominação e quanto mais desigual o ambiente, mais aqueles que não são afetados no cotidiano, legitimam a seleção “natural” praticada, nesse caso pelos agentes do Estado.

Figura 6 - Interação gerada após Tweet do G1



Fonte: Print coletado pela autora no (ex) Twitter (2023)

Descrição dos comentários publicados pelos usuários

Usuário 1 - "o que ele fazia no momento? Voltou pro crime? Ninguém sabe! Eu sei que você teve a intenção de ocultar esse detalhe pra ajudar na narrativa de que a polícia matou um jovem trabalhador inocente".

Usuário 2: "Se a justiça nesse país funcionasse, essa "vítima da sociedade" estaria preso pelos crimes que cometeu e consequentemente não estaria morto agora".

Usuário 3 - "Narrativas minha filha, narrativas, mas aqui em SP isso não cola. A população está massivamente a favor do @tarcisiogdf, para isso mesmo que elegemos ele, se quiséssemos bandidos, alguém para adular bandido votávamos no Haddad".

Usuário 4 - "a vá tomar no furico mulher, o homem tinha passagem na polícia, santo não era".

Muitos desses comentários falam sobre as narrativas, sobre os sujeitos duvidáveis e geralmente são comentários carregados de preconceitos de classe. A representação é uma criação de significados através da linguagem e como discorrem Sodré (2015) e Hall (2016, p. 53), “representação é a produção do sentido pela linguagem”. Ou seja, neste caso, quando representamos algo, não estamos espelhando a realidade, mas construindo de forma ativa através de símbolos, palavras e sentidos.

Outro post acessado dizia respeito ao debate que surgiu nas redes sobre os abusos policiais que acontecem no país. Se discutia a implementação de câmeras no fardamento dos agentes, como medida de redução de práticas de abuso e tortura. A publicação da advogada descrita no quadro abaixo atingiu mais de 13 mil curtidas, 2.108 reposts, 2.289 comentários, 4,7 milhões de visualizações. O perfil verificado fez uma analogia totalmente desproporcional ao comparar policiais e professoras, trazendo uma discussão alienadora entre educação e poder. Estamos falando de educadores que não tem poder de ditar quem deve morrer ou viver, contra policiais que deveriam estar preparados para proteger a sociedade sem distinção de classe econômica social e raça.

Descrição do comentário publicado pelo usuário: *“Pq policial tem que usar câmera na farda e professor não pode ser filmado?”*

Fonte: post coletado pela autora no (ex)Twitter”. (2023)

Na figura 5 e 6, existe uma semelhança nos comentários elencados anteriormente, assim como na figura 7 e 8, quando os fatos que levaram à execução das vítimas não correspondem ao imaginário de que estavam envolvidas com o crime. As opiniões, justificam a execução de maneira simplista. Nem o pastor foi isento do peso do juízo de valor de ser uma das vítimas do estado. Fenotipicamente, ele representa os “outros” da sociedade.

Voltando para as observações, estabeleço um diálogo com o que Hall (2016), Gonzalez (1984), Sodré (2015) e Nascimento (2017) destacam sobre o não lugar que alguns grupos não brancos estão condicionados na sociedade. Às dinâmicas socioeconômicas são interseccionadas pelo racismo. As estruturas de poder estão baseadas em raça. A presença policial nessas operações, tais como as tematizadas nos comentários e posts vistos acima, tem como base a imposição da violência em

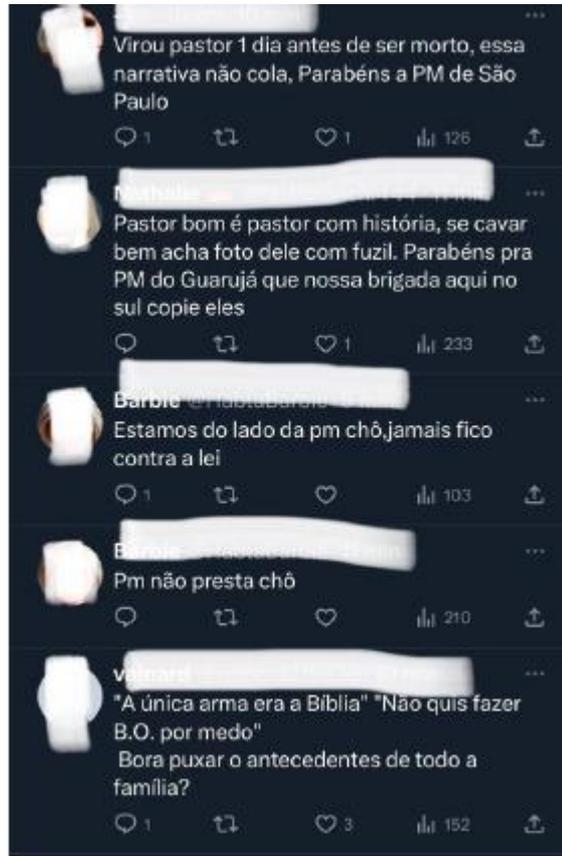
regiões periféricas. Os discursos dão total confiança para ação da polícia e este apoio se intensifica, quando as discussões ocorrem nos espaços virtuais. Neste caso estamos falando de uma plataforma como o “(ex) Twitter”, em que milhares de pessoas interagem diariamente, criando um ambiente dinâmico, onde esses usuários expõem as diferentes perspectivas de comportamento da sociedade. A publicação da figura 9 obteve 514 curtidas, 55 reposts com 15 comentários e alcançou 24 mil visualizações.

Figura 7 - Perfil de entretenimento “Choquei” descrevendo o perfil das vítimas da operação policial



Fonte: Print coletado pela autora no (ex)Twitter (2023)

Figura 8 - Interação na postagem do perfil Choquei que descreve as vítimas executadas na operação policial



Fonte: Print coletado pela autora no (ex)Twitter (2023)

Descrição dos comentários publicadas pelos usuários

Usuário 1: "Virou pastor 1 dia antes de ser morto, essa narrativa não cola, parabéns a PM de São Paulo".

Usuário 2: "Pastor bom é pastor com história, se cavar bem acha foto dele com fuzil. Parabéns pra PM do Guarujá que nossa brigada aqui no Sul copie eles".

Usuário 3: "Estamos do lado da PM chô, jamais contra a lei".

Usuário 4: "PM não presta chô"

Usuário 5: "A única arma era a bíblia, não quis fazer B.O por medo." - Bora puxar o antecedente de toda a família?".

A figura 8 mostra os comentários que surgiram, a partir da publicação da figura 7. Não houve tantas curtidas em cada comentário proferido pelos usuários, mas atingiram um expressivo número de visualizações.

Figura 9 - Publicação do perfil de entretenimento Choquei sobre suposta comemoração policial a respeito do número de mortos durante a operação Escudo



Fonte: tweets coletados pela autora sobre a chacina no (ex)Twitter. (2023)

A figura 9 é a publicação em que um perfil de entretenimento e notícias, intitulado como “Choquei”, denuncia que policiais envolvidos na operação no Guarujá comemoraram o número de “combatidos”. Esta publicação chamou atenção pelo número de compartilhamentos: 652 com 816 comentários e 9.416 curtidas, além de atingir 595 salvamentos. O perfil “Choquei” é uma conta especializada em notícias de entretenimento e fofocas, criada em 2014 e está presente nas redes sociais Instagram e (ex)Twitter, mas ganhou notoriedade em 2022, devido às eleições presidenciais. É notório o alcance que essa publicação atingiu e isto nos ajuda a entender como ocorrem as interações entre os usuários, principalmente em situações cotidianas de violência.

Figura 10 - Interação provocada pela notícia publicada pela Choquei a respeito da comemoração policial sobre o número de mortos na operação



Fonte: tweets coletados pela autora sobre a chacina no (ex)Twitter. (2023)

A figura 11 são comentários que surgiram a partir da publicação da choquei sobre a Chacina do Guarujá em São Paulo. O primeiro comentário demonstra apoio a operação. O usuário parabeniza a Polícia Militar e culpa a mídia por defender “bandidos”. Esse comentário gerou 3.355 curtidas, 135 compartilhamentos e 58 respostas diretas. A postagem se desdobra em diferentes comentários, onde há apoio e indignação contra a polícia, mas esses comentários receberam 35 curtidas, muito menos apoio em comparação a resposta ao usuário que parabeniza a ação policial.

Descrição dos comentários publicadas pelos usuários

Usuário 1: “É impressionante como a mídia está fazendo um esforço danado para passar pano e defender bandidos/marginais. A cada 3 dias um policial militar morre no Brasil, mas o que comove a mídia é o fato de 10 marginais terem ido pro saco preto. Parabéns aos policiais!”.

Usuário 2: "O papel da polícia é prender bandidos e levar à Justiça e não fazer chacinas. Há pessoas que morreram e não eram envolvidas”.

Usuário 3: "É só não trocar tiro com a polícia que a situação fica mais fácil de ser resolvida”.

Usuário 4: "Os 10 que morreram trocaram? Vc tem como provar?”

Usuário 5: "Só quem tem dó de bandido e quem nunca sofreu na mão de um. Espero que você nunca passe por isso, porque eu passei e pensei que morreria."

4.2. MÉTODO DE ANÁLISE

Esses ambientes virtuais de interação, como por exemplo, (ex)Twitter nos ajudam na compreensão de como os discursos são criados nesses espaços multimodais. Para Herring (2019) multimodais diz respeito a diferentes combinações semióticas integradas ao discurso, como texto, som, imagens e animações etc. Nessa perspectiva conseguimos analisar como diferentes formas de se expressar constroem significados e influenciam na interpretação desses discursos no ambiente digital. Herring (2004), dentro da abordagem CMDA, desenvolveu uma tabela de estudo, a qual partilho abaixo, em que relaciona quatro níveis de análise: a estrutura, o sentido, a organização da interação e o comportamento social.

Quadro 1 - Domínios da Linguagem (CMDA)

Nível	Fenômenos	Problemas	Métodos
Estrutura	tipografia, ortografia, morfologia, sintaxe, esquemas discursivos;	características de gênero, oralidade, eficiência, expressividade, complexidade	Linguística estrutural e descritiva, Análise textual, Corpus linguístico, estilística etc.
Sentido	significado das palavras, enunciados (atos de fala), macrossegmentos;	o que o falante pretende, o que é realizado através da linguagem;	Semântica e pragmática.
Interação	turnos, sequências, trocas, threads;	interatividade, timing, coerência, interação construída, desenvolvimento de tópico;	Análise da conversação e etnometodologia;

Nível	Fenômenos	Problemas	Métodos
Comportamento Social	expressões linguísticas de status, conflito, negociação, gestão de face, jogo; estilos de discurso, etc.	dinâmica social, poder, influência, identidade;	Sociolinguística interacional, Análise Crítica do Discurso, Etnografia da comunicação.

Fonte: Adaptado de Herring (2004)

4.2.1 Análise dos comentários na rede social (ex)Twitter após episódios de violência nos casos: Chacina do Guarujá e Chacina da Penha

A pesquisa busca compreender como o discurso sobre a negritude é articulado e manifestado em tweets relacionados a violência policial. De maneira crítica, busco analisar como esses discursos aparecem na rede social (ex)twitter e contribuem para a legitimação ou contestação de narrativas que abordam a negritude em contextos de violência policial, considerando como esses ambientes virtuais podem amplificar vozes marginalizadas ou perpetuar estereótipos.

As redes sociais possuem características únicas, que com o seu amplo alcance e alta interatividade, de alguma forma influenciam a formação e a propagação de discursos. É neste âmbito que percebemos como os usuários se comportam e expressam suas particularidades e visão de mundo sobre diversos assuntos.

A interação é uma atividade intrínseca entre os seres humanos. É uma prática que acontece regularmente e de maneira independente da oralidade e características verbais, lugares, contextos e condições. A conversação tem um leque de elementos que abrange diferentes formas de expressão para o entendimento dos significados de uma conversa.

4.2.2 Delimitação do corpus para análise sobre a Chacina no Guarujá e Chacina da Penha

As informações contidas nos quadros 2 e 3 foram descritas conforme o conteúdo disponibilizado no (ex)Twitter, a respeito das operações policiais que aconteceram durante os meses de julho e agosto, respectivamente no estado de

São Paulo e Rio de Janeiro. Para a elaboração do quadro 2, o procedimento iniciou a partir da busca pelas palavras-chave: “Operação Escudo”, “Chacina no Guarujá”, “polícia militar”, “Rota”, “Governador Tarcísio”. A partir dessa filtragem selecionei, 15 comentários – os mais curtidos - que surgiram no período entre 30 de julho e 03 de agosto de 2023, na rede social (ex)twitter.

Quadro 2 - Descrição do levantamento inicial no (ex)Twitter sobre a operação policial que ocorreu em Guarujá - SP

(ex)Twitter - Operação Escudo Guarujá - SP 2023			
Data da postagem	Descrição do tweet	Tags/Termos utilizados	Quantidades de likes
30/07/23	Foi preso na Zona Sul de São Paulo, o bandido que matou o soldado Reis, no Guarujá. A prisão não traz o pai de família e o profissional exemplar de volta, mas dá o recado de que em São Paulo, quem atentar contra nossos policiais terá sua devida resposta.	Exemplar	15,4 mil curtidas
30/07/23	É excelente saber disso, meu caro @derritesp ! Recado importante, que deve também ecoar nas cortes de justiça, bem como no MJ, que se tem empenhado por criminalizar os cidadãos de bem, enquanto mantém silêncio vergonhoso diante	cidadão de bem	394 likes

	da criminalidade.		
30/07/23	Após matarem mais de dez pessoas		26 curtidas
30/07/23	Quem troca tiro com a polícia é o que? Trabalhador indo pro culto? 😁😁	trabalhador	166 curtidas
30/07/23	Parabéns pelo INCANSÁVEL trabalho pela segurança pública de São Paulo.	parabéns	114 curtidas
31/07/23	@derritesp continuem por favor a operação pressionando a vagabundagem 🙏 A vagabundagem não pode se crescer e precisam respeitar a policia! 💀	vagabundagem	18 curtidas
31/07/23	Bandido bom é bandido morto 👍🗑️	bandido	957 curtidas
01/08/2023	Polícia Militar de São Paulo fazendo a limpa no Guarujá... e deputados gourmets defendendo a escória. Aqui na América, não há perdão. Bandido bom, é bandido morto. Podem me cancelar. F#da-se!!	Limpa no Guarujá; bandido bom é bandido morto	82 curtidas

01/08/23	Dá tempo de aumentar isso daí	aumentar	16 curtidas
03/08/23	É pouco, tem muito CPF para ser cancelado. Espero que um certo careca, ex-advogado do PCC, não interfira na ação da Elite da Tropa de SP, a ROTA!!!! Força e Honra!!	CPF cancelado; Força e Honra	19 curtidas
03/08/23	Bahia na frente ainda...	Bahia	13 curtidas
03/08/23	Emoji de palmas 🖐️🖐️🖐️	símbolos de comemoração	08 curtidas
03/08/23	Bahia segue na frente, tá aí uma competição saudável! 🏆	símbolos de comemoração	04 curtidas
03/08/23	Vamos lá, vocês podem mais que isso! Nós confiamos em vocês!!!	vocês podem mais	22 curtidas
03/08/23	Parabéns a polícia e ao Governador @tarcisiogdf e ao @derriteSP por todo esse trabalho! Se os direitos Humanos está se doendo que se f%da, só indica que a polícia está fazendo o certo! E que matem muito mais, tá na hora do Estado arcar com a segurança que foi abandonada.	Parabéns	05 curtidas

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

No quadro 2, sobre a Operação Escudo no Guarujá - SP, nas buscas dos tweets mais curtidos, selecionei os 5 comentários a respeito da ação policial que vitimou 28 pessoas, assassinadas.

Com base no quadro elaborado por Herring (2004) sobre os domínios da linguagem, realizei a análise dos comentários que surgiram no período das operações policiais, tanto em São Paulo, quanto no Rio de Janeiro. Para Herring (2004), dentro de cada nível há uma codificação específica para cada fenômeno. Os discursos produzidos no Ex-twitter, de certa forma, reconfiguram o olhar que temos sobre a violência simbólica e a reprodução de estigmas. Para este estudo foram avaliados os cinco níveis de análise propostos pela CMDA de Herring (2004), sendo: a estrutura, o sentido, a organização da interação, comportamento social e comunicação multimodal.

Selecionamos 05 comentários encontrados na plataforma relacionados aos episódios de violência policial e individualmente para cada mensagem, foi construída uma tabela numerada de 1 a 5. Assim poderemos observar a aplicação dos 5 níveis de CMDA, conforme Herring (2004).

A seguir, apresento os 5 comentários escolhidos que foram publicados no (ex)Twitter sobre a Operação Escudo no Guarujá-SP e as motivações iniciais para serem analisados, nos ajudando a responder os objetivos iniciais da presente pesquisa. Inicialmente, o critério de escolha se deu pela quantidade de curtidas e o alcance que os comentários geraram.

Quadro 3 – Resumo dos 5 comentários escolhidos, entre os publicados no (ex)Twitter sobre a Operação Escudo no Guarujá-SP

Resumo dos comentários selecionados
<p>O comentário 1 é uma resposta a publicação da Choquei. A postagem sinalizava a imagem de um print do celular de supostos policiais militares que estavam presentes na operação e eles comemoravam o número de pessoas executadas no Litoral Paulista. O comentário do usuário parabenizando os policiais, recebeu 957 curtidas e 19 reposts.</p>
<p>O comentário 2 é uma resposta de um usuário ao pronunciamento de Guilherme</p>

<p>Derrite, Secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo, sobre os encaminhamentos oficiais da Operação Escudo. No comentário original, o secretário elogiou o empenho da polícia em prender o suspeito de assassinar o soldado Patrick Reis. Essa ação culminou na operação policial na Baixada Santista e a postagem do usuário recebeu 394 curtidas.</p>
<p>O comentário 3 é a resposta do usuário em apoio a polícia militar a respeito do número de assassinatos que a Operação Escudo gerou no Guarujá. O usuário ainda critica os deputados que repudiam a truculência militar e defende o slogan de que “bandido bom é bandido morto”. O discurso recebeu 82 curtidas.</p>
<p>O comentário 4 é a postagem do Secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo, Guilherme Derrite em resposta a postagem do Governador Tarcísio de Freitas. Na mensagem do governador, ele responde para a população sobre as investigações, sinalizando a prisão do suspeito pela execução do Soldado Patrick Reis e ambos apoiam a captura do suspeito, reiterando que a instituição está ao lado da justiça e a criminalidade em São Paulo será respondida à altura. O post recebeu mais de 15 mil curtidas.</p>
<p>O comentário 5 é uma resposta do usuário a postagem da Choquei, sobre a notícia de que um pastor foi morto durante a operação no Guarujá. No post, é sinalizado que a família não quis fazer boletim de ocorrência por medo da PM. O comentário do usuário obteve 184 curtidas.</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Comentário 1 - Operação Escudo no Guarujá em resposta a publicação da Choquei no (ex)Twitter sobre os agentes que comemoravam os números de execuções.



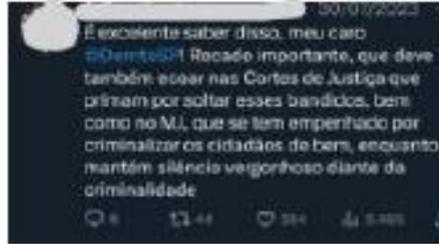
Fonte: Print coletado pela autora no (ex)Twitter (2023)

Descrição do comentário publicado pelo usuário:
<i>“Bandido bom é bandido morto”</i>

Tabela 1 - (Níveis CMDA para análise dos comentários sobre a Chacina no Guarujá - SP)

Nível	Observações
-------	-------------

Estrutura	O comentário foi construído de maneira direta, apresentando uma linguagem informal apropriada para rede social. Inicia a frase com letra minúscula, mas não perde o sentido no contexto gramatical. A base dele deixa claro a intenção de concordar com a operação policial.
Sentido	O objetivo da mensagem é claro, não há dúvidas que o usuário concorda que pessoas que estão em situação de ilegalidade merecem morrer. Essa frase é bem popular e muito utilizada de forma recorrente na política. Uma mensagem carregada de juízo de valor, como se a justiça e as leis não fossem suficientes para frear a criminalidade, por isso, a melhor maneira de penalização dos criminosos, seria a morte.
Interação	O número de interações que a publicação alcançou - 957 curtidas, 24 comentários e foi compartilhada 19 vezes - demonstra um comportamento de suporte e de concordância com a opinião.
Comportamento Social	O número de curtidas para uma simples frase, representa o número de usuários que concordam com a publicação. O discurso proferido é conhecido na televisão, principalmente entre políticos e programas jornalísticos que se beneficiam da violência. O que chama atenção também é o número de vezes que a publicação alcançou. Isso ocorreu principalmente por ser um perfil verificado, que se apropria de um discurso de poder, demonstrando um comportamento de apoio com o que foi dito, influenciando os seus pares com o discurso.
Comunicação Multimodal	A publicação utilizou de combinação de texto com emoticon que é uma característica de comunicação da rede para reforçar o que estava sendo dito. O emoticon ou popularmente denominado como emoji dá ênfase na combinação da mensagem com a figura, é um símbolo de confirmação.



Fonte: Print coletado pela autora no (ex)Twitter. (2023)

Descrição do comentário publicado pelo usuário
<p>“É excelente saber disso, meu caro @derriteSP” Recado importante que deve também ecoar nas Cortes de Justiça que primam por soltar bandidos, bem como no MJ, que se tem empenhado por criminalizar os cidadãos de bem, enquanto mantém silêncio vergonhoso diante da criminalidade”.</p>

Tabela 2 - (Níveis CMDA para análise dos comentários sobre a Chacina no Guarujá/SP)

Nível	Observações
Estrutura	O comentário elaborado pelo usuário apresenta uma linguagem formal, existe uma tentativa de validação de quem dita, ao utilizar palavras rebuscadas para a construção da mensagem. O comentário concorda com a operação e tem fácil interpretação. É perceptível que o usuário busca parabenizar e legitimar a operação, ao marcar o secretário de segurança de São Paulo.
Sentido	O objetivo da mensagem cumpre a função de parabenizar e validar a operação policial. Incentiva que ocorram mais, pois desta forma a população estará mais segura. Segundo o usuário, atualmente a justiça se isenta e criminaliza os cidadãos que andam na lei e são de bem
Interação	O número de interações que a publicação teve: 394 curtidas, foi compartilhado 44 vezes e obteve 8 comentários. A mensagem alcançou 5.465 contos.
Comportamento Social	O número de curtidas que a postagem teve demonstra que os usuários concordam com a publicação. Há um reconhecimento de autoridade na rede e incentivo.
Comunicação Multimodal	A publicação utilizou de textos e marcação de perfil, características próprias da rede social.

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Tabela 3 - (Níveis CMDA para análise dos comentários sobre a Chacina no Guarujá - SP)

Nível	Observações
Estrutura	O comentário apresenta uma linguagem informal e sem erros gramaticais. Utiliza de gírias como “gourmet” e “cancelamento”, são palavras frequentemente utilizadas na rede social para contrapor algo criado pela vertente social. Faz também analogia com o termo “bandido bom é bandido morto”, “fazer a limpa” e utiliza palavrões ofensivos.
Sentido	A mensagem se alimenta do punitivismo, dando a entender que não se importa com as mortes que ocorreram. Mesmo que não tenha finalizado a investigação, o usuário está a favor da polícia. Que a opinião dela não mudará mesmo que venha ocorrer o “cancelamento” virtual e apoia a “limpeza” no Guarujá: “antes os ‘bandidos’ do que a polícia”.
Interação	A publicação foi visualizada 3.935 vezes, teve 82 curtidas, concordando com o comentário. Repostaram 4 vezes um comentário a respeito da publicação.
Comportamento Social	O número de curtidas representa que 82 pessoas concordam e atribuem valor o suficiente para aquela publicação. Há um reconhecimento de valores com aquele perfil que compartilhou a opinião sobre as mortes.
Comunicação Multimodal	Por mais que não tenham sido utilizadas imagens ou emojis na mensagem, a semiótica do texto fica implícita nas palavras, com as analogias e gírias utilizadas para retratar que o “cancelamento não importa” e “a gourmetização política” atrapalha o andamento da política de extermínio.

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Comentário 4 - Publicado sobre a Operação Escudo no Guarujá - SP



Fonte: Print coletado pela autora no (ex)Twitter. (2023)

Descrição dos comentários publicados pelos usuários
<p>Usuário 1: “Foi preso na zona Sul de São Paulo o bandido que matou o soldado Reis, no Guarujá. A prisão não traz o pai de família e profissional exemplar de volta, mas dá o recado de que em São Paulo, quem atentar contra nossos policiais terá a devida resposta”.</p> <p>Usuário 2: “Atenção. O autor do disparo que matou o soldado Reis, no Guarujá, acaba de ser capturado na Zona Sul de São Paulo. Três envolvidos já estão presos, após o trabalho de inteligência encabeçado pela @PMESP”.</p>

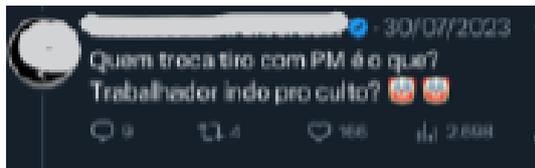
Tabela 4 - (Níveis CMDA para análise dos comentários sobre a Chacina no Guarujá/SP)

Nível	Observações
Estrutura	O texto ortograficamente é de fácil construção, utiliza-se de uma linguagem formal, porém não é rebuscada, facilitando a compreensão do discurso.
Sentido	O texto exalta e parabeniza a Polícia por prender o autor da morte que desencadeou a operação na Baixada Santista. A intenção do usuário que comunica é emocionar o leitor atribuindo adjetivos de valor ao policial que perdeu a vida, que antes de ser policial ele foi um exemplo a ser seguido, de chefe de família. E o recado deixado para a

	criminalidade é que haverá revide, quem atentar contra será combatido. A publicação tem um peso diferencial por ser uma resposta do secretário de segurança ao post original do governador Tarcísio Freitas. Ambos apoiam os resultados da operação.
Interação	A publicação tem bastante troca, teve 294 mil visualizações, mais de 15 mil curtidas, foram 2.308 reposts e 102 comentários referente a publicação do governador.
Comportamento Social	Há uma dinâmica de poder entre as postagens, estamos falando de um lado o secretário de segurança discursando o apoio a publicação original do governador. Nitidamente não há uma contraposição ao que está sendo dito. É um discurso de apoio mútuo e o número de curtidas no post nos induz que os valores estão sendo reconhecidos.
Comunicação Multimodal	O repost é um atributo da rede social ex-twitter. É um espelhamento da mensagem original, efeito escada do que foi comentado. Uma ação própria da rede.

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Comentário 5 - Publicado sobre a Operação Escudo no Guarujá - SP



Fonte: Print coletado pela autora no (ex)Twitter. (2023)

Descrição do comentário publicado pelo usuário
“Quem troca tiro com PM é o que? Trabalhador indo pro culto? 🤔🤔”.

Tabela 5 - (Níveis CMDA para análise dos comentários sobre a Chacina no Guarujá/ SP)

Nível	Observações
Estrutura	A estrutura da publicação é informal e sem erros gramaticais. A publicação utiliza-se da ironia na construção do discurso.
Sentido	A intenção do que está sendo comunicado é tratar

	de maneira irônica o tema, colocando a ação da PM como correta. Aludindo que “trabalhador indo ao culto” não atira de volta na polícia.
Interação	A resposta publicada recebeu 166 curtidas, foi vista 2.698 vezes, teve 4 repost e 9 respostas diretas na mensagem.
Comportamento Social	O perfil que emitiu a opinião tem como status o símbolo da saúde e emite um discurso de apoio a polícia. Discursa como se já houvesse uma sentença e se como sempre a favor das operações policiais.
Comunicação Multimodal	A postagem tem como estrutura “texto e emoji de palhaço” para reforçar a ironia implícita na opinião emitida. É uma linguagem própria e utilizada frequentemente na rede social. Dá ênfase no sentido daquele discurso, colocando em dúvida a idoneidade de quem morreu.

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Para a elaboração do quadro 3, o procedimento seguiu o mesmo adotado no quadro 2. Iniciou-se pela busca das seguintes palavras-chave: “PMERJ”, “Chacina na Penha”, “Operação na Penha”, “bandidagem”, “PM”. A partir dessa filtragem, selecionei onze comentários relacionados a operação policial no Complexo da Penha- RJ, sendo o critério de seleção destes onze, o fato de que foram os mais curtidos, no período entre 30 de julho e 04 de agosto, na rede social (ex)Twitter.

Quadro 4 - Descrição do levantamento inicial no (ex)Twitter sobre a operação policial que ocorreu no Rio de Janeiro - RJ

(ex)Twitter - Operação Complexo da Penha - RJ			
Data da postagem	Descrição do tweet	Tags/Termos utilizados	Quantidades de likes
03/08/23	Parabéns tropa!!! E daí pra mais!! Vamos @PMERJ	Parabéns	2946 curtidas
03/08/23	Estava mais que na hora de lavar a bandidagem!	bandidagem	1527 curtidas

03/08/23	A PM é do Rio de Janeiro e vocês queriam que não tivessem ketchup?	pm do rio	510 curtidas
03/08/23	Deus abençoe os nossos PMs	Deus abençoe	4460 curtidas
04/08/23	Logo logo essa galera vai ganhar homenagem do Felipe Castanhari na retrospectiva no final do ano juntamente com a galera do Guarujá (com exceção do Policial da Rota)	homenagem	317 curtidas
04/08/23	Ação não! O nome disso é execução!	execução	870 curtidas
04/08/23	Parabéns !!! 👏👏👏	parabéns	235 curtidas
04/08/23	É para sentir dó?	dó	413 curtidas
04/08/23	Tá pouco!!	pouco	97 curtidas
04/08/23	Sangue do caveirão sendo lavado com as lágrimas das marmitas	marmitas	4 curtidas
04/08/23	Parabéns, deveria ter mais disso!	parabéns	55 curtidas

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Durante a escolha dos comentários e elaboração do Quadro 3, algo que se destacou em relação aos comentários foi o engajamento gerado por eles, observado através dos números de curtidas que tiveram durante o período da operação policial na cidade do Rio de Janeiro. A mesa que gerou diversas mortes. Violência é assunto que gera comoção, seja positiva ou negativa. Essa pauta predomina em nossa sociedade. A partir do que estava sendo publicado sobre as investigações na rede social Ex-twitter, a filtragem aconteceu, sendo facilitada pelo já comentado

engajamento que as publicações tiveram. Assim segui a escolha dos cinco exemplos para análise, com base nos níveis CMDA proposto por Herring (2004).

Para cada mensagem escolhida, de forma individual, foram construídas cinco tabelas, todas numeradas de 1 a 5, nas quais foram aplicados os 5 níveis de análise de CMDA. A seguir, apresento os comentários escolhidos sobre a Operação no Complexo da Penha (RJ), que nos ajudaram a responder os objetivos iniciais desta pesquisa.

O mesmo critério de seleção dos comentários utilizados para a Operação Escudo em São Paulo, foi utilizado para a Operação no Complexo da Penha no Rio de Janeiro. A seguir, resumidamente descrevo os 5 comentários selecionados.

Quadro 5 – Resumo dos 5 comentários escolhidos, entre os publicados no Ex-twitter sobre a Operação Escudo no Guarujá-SP

Resumo dos comentários selecionados
O Comentário 1 , é de um o usuário que responde a imagem de um carro da polícia, denominado como “Caveirão”. O automóvel transportava os dez homens mortos durante a ação no Complexo da Penha no RJ. A mensagem demonstra apoio a polícia e utiliza-se de uma expressão de sentido figurado, para justificar que estava na hora de ocorrer a “limpeza” da bandidagem. O comentário recebeu 1.527 curtidas.
O Comentário 2 , foi uma resposta a mesma imagem do Caveirão, onde o usuário demonstra apatia e questiona se deveria sentir pena. A frase ganhou 413 curtidas.
Os Comentário 3 e 4 também estão relacionados a essa imagem do Caveirão. O usuário parabeniza a polícia militar, incentivando que tenha mais número de mortos na operação. O comentário recebeu 2.946 curtidas. Já o comentário 4 recebeu 4.460 curtidas.
O comentário 5 , é de um usuário que compartilha a imagem de uma das supostas vítimas assassinadas durante a operação, acusando o jovem e duvidando da inocência dele. No comentário, o usuário tenta justificar que a suposta vítima é um suspeito, por estar na rua durante a operação. O post recebeu 71 curtidas.

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Comentário 1 - publicado sobre a Operação no Complexo da Penha - RJ



Fonte: Print coletado pela autora no (ex)Twitter. (2023)

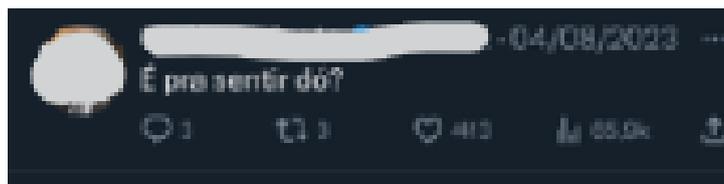
Descrição do comentário publicado pelo usuário
“Estava mais que na hora de lavar a bandidagem!”.

Tabela 6 - Níveis CMDA para análise dos comentários sobre a Chacina no Complexo da Penha/RJ

Nível	Observações
Estrutura	A estrutura da publicação é informal e sem erros gramaticais.
Sentido	O sentido original da mensagem é uma resposta ao post onde o “blindado do bope”, mais conhecido como “Caveirão”, estava banhado de sangue dos suspeitos executados. A resposta do usuário compactua e incentiva as execuções, como se fosse tarde. Para reforçar esta ideia, utiliza-se da expressão: “Já era hora”.
Interação	A resposta publicada recebeu 1.527 curtidas, foi vista mais de 19 mil vezes, teve 6 repost e 14 respostas diretas na mensagem
Comportamento Social	O perfil verificado exerce uma autoridade sobre assunto. Quem possui o selo de verificação, ganha maior visibilidade e alcance na plataforma. O número de curtidas nos responde, que houve apoios ao comentário.
Comunicação Multimodal	A postagem tem como estrutura texto e replicação da mensagem original.

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Comentário 2 - publicado sobre a Operação no Complexo da Penha - RJ



Fonte: Print coletado pela autora no (ex)Twitter. (2023)

Descrição do comentário publicado pelo usuário
“É pra sentir dó?”

Tabela 7 - Níveis CMDA para análise dos comentários sobre a Chacina no Complexo da Penha (RJ)

Nível	Observações
Estrutura	A estrutura da frase é informal e direta.
Sentido	O objetivo da mensagem, em tom de deboche, deixa claro que a imagem não gera piedade. Aquelas mortes não são algo que comova o usuário.
Interação	A resposta publicada recebeu 413 curtidas, foi vista mais de 65 mil vezes, teve 3 repost e 3 respostas diretas na mensagem.
Comportamento Social	Semelhante ao comentário anterior, perfis verificados costumam exercer um papel de liderança, de autoridade sobre os assuntos. Esse post não teve tantas replicações, mas ganhou muitas curtidas para uma frase que não é complexa, em que o usuário demonstra que não sente pena.
Comunicação Multimodal	A postagem tem como estrutura texto e replicação da mensagem original

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Comentário 3 - publicado sobre a Operação no Complexo da Penha - RJ



Fonte: Print coletado pela autora no (ex)Twitter. (2023)

Descrição do comentário publicado pelo usuário
"Parabéns tropa!!! E dai pra mais!!! vamos @PMERJ".

Tabela 8 - Níveis CMDA para análise dos comentários sobre a Chacina no Complexo da Penha (RJ)

Nível	Observações
Estrutura	A estrutura da frase é informal e direta. Gramaticalmente, possui erros de acentuação, mas é uma mensagem de fácil entendimento.

Sentido	O objetivo da mensagem é parabenizar a Polícia militar do Rio de Janeiro pela quantidade de mortos. Como se existisse um ranking para a polícia cumprir e que precisa ser executado, sem chance de sobrevivência.
Interação	É um perfil verificado que atingiu um alcance expressivo com a postagem, que foi visualizada 250 mil vezes. Recebeu 2.946 curtidas, foi repostada 21 vezes e gerou 25 respostas diretas ao post.
Comportamento Social	É um efeito replicador pela quantidade de curtidas e respostas que a frase gerou. Os números nos levam a interpretar que há uma concordância com a parabenização e incentivo para que aumente de números de assassinatos na comunidade.
Comunicação Multimodal	A publicação utilizou de textos e marcação de outros perfis, características próprias da interação nesta rede social.

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Comentário 4 - Publicado sobre a Operação no Complexo da Penha - RJ



Fonte: Print coletado pela autora no (ex)Twitter. (2023)

Descrição do comentário publicado pelo usuário
“Deus abençoe nossos PMs”.

Tabela 9 - Níveis CMDA para análise dos comentários sobre a Chacina no Complexo da Penha (RJ)

Nível	Observações
Estrutura	A estrutura da frase é informal, direta e gramaticalmente está correta. É uma mensagem de fácil entendimento.
Sentido	A frase tem como objetivo enaltecer o trabalho executado pelos policiais, sinalizando de qual lado o usuário está e apelando às crenças, ao pedir para “Deus” abençoar a PM. A frase é uma resposta a mesma postagem que originou os

	demais comentários.
Interação	É um perfil verificado que atingiu um alcance expressivo com a postagem, a qual foi visualizada 231 mil vezes. Recebeu 4.460 curtidas, foi repostada 40 vezes e gerou 22 respostas diretas ao post.
Comportamento Social	O número de curtidas nos induz a interpretar que há uma concordância com o desejo de proteção e benção ao policial que está na linha de frente nas operações.
Comunicação Multimodal	A publicação utilizou de textos para responder uma conversa inicialmente gerada pela rede social.

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Comentário 5 - Publicado sobre a Operação no Complexo da Penha - RJ



Fonte: Print coletado pela autora no (ex)Twitter. (2023)

Descrição do comentário publicado pelo usuário
“Alguém poderia explicar o porquê a tal criança estava de madrugada nas ruas pilotando uma moto e fugindo da polícia? 🤔”.

Tabela 10 - Níveis CMDA para análise dos comentários sobre a Chacina no Complexo da Penha/RJ

Nível	Observações
Estrutura	A estrutura da frase é informal e direta, gramaticalmente é uma mensagem de fácil entendimento
Sentido	O usuário coloca em questionamento a integridade de uma suposta vítima da operação. Questiona a inocência da vítima, com base em “achismos”, um tom de que “crianças” como ele não são vítimas. O usuário utilizou uma imagem que não foi verificada como sendo de uma das vítimas, para confirmar que a mesma era suspeita e fugiu da polícia, logo, seria justificada a execução. Não há dúvida de que a resposta da polícia contra o jovem foi consequência de quem aparentemente representou ser. Na imagem, o usuário pontua “hábitos” característicos de um grupo social no Brasil, para o qual já existe uma sentença para semelhantes a eles.
Interação	Apesar de ser um perfil verificado, o alcance em comparação aos outros exemplos, foi um pouco tímido. A postagem foi vista 1.935 vezes. Recebeu 71 curtidas, foi repostada 04 vezes e gerou 05 respostas diretas ao conteúdo publicado.
Comportamento Social	71 usuários concordaram com o conteúdo de uma publicação que questionava a idoneidade da vítima. Houve uma tentativa de indução a dúvida.
Comunicação Multimodal	A publicação utilizou de textos, emoji e imagens para responder uma conversa inicialmente gerada na rede social. O emoji utilizado representa um semblante de dúvida, dando ênfase à descrição textual.

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

4.3 ANÁLISE A PARTIR DOS COMENTÁRIOS DOS USUÁRIOS SOBRE AS CHACINAS NA REDE SOCIAL (EX)TWITTER

Com os dados obtidos pela filtragem nos comentários, foi possível a elaboração de categorias geradas pelos discursos mediados pelo computador, que conferem com o referencial teórico proposto nos capítulos 2 e 3. Um dos papéis do

discurso na sociedade é de manutenção e negociação de poderes (Foucault, 1999). A maneira que as pessoas enxergam o outro e se veem são embasadas a partir de discursos, que tornam as relações, uma grande arena onde as marcações sociais são situadas, em termos de identidade, gênero, raça e sexualidades. Essas categorias são constantemente reforçadas através do discurso.

Pensando nessa relação de construção do discurso a partir da abordagem CDMA, estudada por Herring (2004), percebe-se que a comunicação tem se tornado cada vez mais multimodal, com estruturas semióticas que vão além dos textos. As redes sociais online, nos ajudam a interpretar através da interação no virtual, o teor dos discursos dos usuários. A interação predominantemente ocorre a partir da linguagem verbal, com o diferencial de que uma mensagem ao ser digitada é compreendida através de um dispositivo móvel como computador ou celular. Há uma composição do offline com o online.

As amostras extraídas nos quadros e tabelas do capítulo 4, nos ajudam a analisar os discursos dos usuários, o que nos leva a essa interpretação aqui apresentada, de acordo com o que foi coletado. Na elaboração dos quadros 2 e 3, de antemão percebe-se a banalização da violência nos comentários dos usuários, tanto para as mortes que foram notificadas em São Paulo, quanto as ocorridas no Rio de Janeiro. A partir desses comentários, identifiquei três categorias temáticas que se interseccionam, a partir do embasamento teórico apresentado ao longo desta dissertação: Poder, Criminalização da favela e Parabenização pela morte. Estas categorias têm o objetivo de evidenciar empiricamente como esses discursos publicados na rede social Ex-twitter estigmatizam a negritude.

Sabendo que quem dita, está impondo o poder de agir em relação ao outro, seja arbitrariamente ou não, nos discursos que analisei a partir das interações entre os usuários, identifiquei que existe um padrão na construção das mensagens online, nos casos de violência envolvendo a polícia e civis, como nas duas chacinas para os que ocorreram no eixo Rio-São Paulo. Por exemplo, para a temática: “Poder e Criminalização da favela”, conforme as interações publicadas sobre as duas operações envolvendo a intervenção policial, percebi que a violência praticada pela polícia militar nas periferias do Brasil, geralmente, é aprovada pelos usuários, principalmente em casos nos quais a justificativa para as operações é o combate ao tráfico de drogas. É como se houvesse um conforto virtual, que diferencia aqueles usuários daquelas pessoas que foram executadas. Um forte apelo moral e simplista

que resume a ação policial como algo natural e culpabiliza as vítimas, aludindo a uma interpretação de que se elas fossem corretas e andassem conforme a sociedade espera, estariam imunes da punição policial.

O imaginário populacional sobre as comunidades periféricas no país tem um olhar construído sob o prisma da branquitude. Fanon (2008) problematiza que, a branquitude conceitua de forma negativa a negritude, lançando um olhar de superioridade e reforçando a estereotipização desse grupo. Carneiro (2023) complementa, com base nas ideias de Foucault, que essa demarcação da diferença presente na sociedade contemporânea, onde a classe dominante afirma a si mesma como modelo ideal de “Ser”, enquanto os “Outros”, são excluídos, alimenta o senso comum de que a vida de determinados grupos é mais importante e digna da proteção das instituições do que as outras.

De acordo com estudos realizados pela Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (UFF)³², “67% das pessoas presentes nas favelas são negras, média acima da nacional, que é de 55%”. Esses dados foram obtidos através da pesquisa promovida pelo Instituto Locomotiva, em parceria com o Data Favela e a Central Única das Favelas (Cufa). Mesmo que explicitamente não saibamos qual é o fenótipo de quem mora nessas áreas, mais uma vez fica demarcado que raça e classe andam juntas na composição das desigualdades no Brasil.

Esses discursos que validam o linchamento social podem ser atrelados ao êxito da ideologia da falsa democracia racial na qual estamos inseridos. A discussão sobre essa ideologia, conforme Abdias Nascimento (2017, p.112) ainda é um tabu. A democracia racial é como uma metáfora, na qual o único privilégio do negro no Brasil é o embranquecimento. A democracia racial é um modelo diferente do racismo explícito norte-americano e o legalizado na África do Sul, o apartheid.

Nas interações dos usuários, há uma tentativa de validação dos comentários perante as ações das instituições nas comunidades, antes mesmo de existirem investigações ou sentenças sobre os casos. É como se as favelas fossem reprodutoras de criminosos ou de pessoas que se tornarão futuramente, um fardo para os cidadãos de bem. Partindo desse pré-julgamento, o extermínio por parte da

³² Notícia elaborada por Camila Carvalho e Vinícius Neto, para o site da Universidade Federal Fluminense. Publicado em 09/11/2023. Disponível em: <https://www.uff.br/?q=noticias/09-11-2023/pesquisa-revela-segregacao-economica-nas-favelas-brasileiras>

polícia é consequência. O que chamou atenção nos comentários é que conforme os desdobramentos das investigações das operações acontecem, as opiniões publicadas pelos usuários iam se tornando majoritariamente carregadas de punitivismo social, baseado em uma falsa moralidade, atrelada também à crença religiosa de que é a “justiça de Deus operando em favor da polícia militar”. Assim, os comentários iam ditando que aqueles corpos, mesmo que estivessem presentes na hora errada, de alguma forma haveria justificativas para suas mortes. São comentários que expressam as diversas faces das violências, material e simbólica. Como Mbembe pontua (2016):

O estado de exceção e a relação de inimizade tornaram-se a base normativa do direito de matar. Em tais instâncias, o poder (e não necessariamente o poder estatal) continuamente se refere e apela à exceção, emergência e a uma noção ficcional do inimigo. Ele também trabalha para produzir semelhantes exceção, emergência e inimigo ficcional (Mbembe, 2016, p. 128).

A morte é uma prática e para ser efetiva politicamente, é necessário produzir e reproduzir repetidamente o discurso de que a proteção da sociedade só vai acontecer se não houver a existência dos “inimigos”. Reproduzir a sensação de que estamos continuamente sob ameaça de algo. As favelas no Brasil são constantemente estereotipadas pela mídia e aqueles que vivem nelas, geralmente são associadas ao crime.

Nós vemos na prática como o falso discurso de guerra às drogas é um exemplo de implementação clássica e efetiva contra negritude, colocando como alvo passível de extermínio. O Estado hegemônico vende o “Outro” como inimigo, estimulando o medo com a ajuda da mídia na construção dos signos sociais. É gerada a vulnerabilização daquele território, que então é ocupado militarmente, sem garantir direitos básicos e serviços essenciais para a subsistência daqueles moradores. Não se garante o direito à cidadania. As favelas são territórios utilizados pela polícia militar como ambientes domésticos, nos quais precisam efetivar o controle dos corpos indesejáveis para a sociedade. Frente a isso, a sociedade demonstra certa apatia quando estamos falando do direito à vida nas favelas.

Sobre o problema de pesquisa - como o discurso racista aparece nas redes sociais a respeito da população negra, envolvendo violência policial no (ex)Twitter - observei a presença de dois elementos muito repetidos nos comentários dos

usuários que me ajudaram a responder esse questionamento, que foram o ódio e a comparação.

Discurso e algoritmos nas plataformas online tem uma relação muito complexa e direcional na formação interativa desses usuários. A repetição acontece exitosamente, de certa forma, devido ao reconhecimento gerado pela distribuição dos conteúdos que o algoritmo entrega nessas bolhas de semelhança, que são formadas no ambiente virtual. D'Andrea (2020, p. 33) destaca que os algoritmos vivem "diferentes tipos de vidas". O autor explica que a dinâmica deles não são estáticas e se articulam em conjunto com o que está se relacionando.

Os algoritmos agem instituindo novas lógicas de seleção, hierarquização, recomendação e de controle dos fluxos informacionais. Assim, gerenciam regimes de conhecimento que se apropriam dos dados disponíveis para identificar padrões, tendências e, cada vez com mais frequência, para fazer previsões (D'andrea, 2020, p. 33).

As plataformas dão amplitude para a disseminação dos conteúdos e os algoritmos operam na legitimação e na reprodução de determinados assuntos. As plataformas virtuais intermediam as interações online e isso ocorre devido a uma série de funcionalidades e características próprias que esses ambientes promovem, implicando na polarização dentro das plataformas, por pouco mostrar a diferença nos conteúdos compartilhados. As plataformas possuem diretrizes que estimulam o comportamento de interação entre os usuários dentro delas. Ela é um modelo de negócio que depende das atividades que ocorrem a partir delas. Quanto mais usuários engajados e ativos, maior o tempo que as pessoas navegam nelas, aumentando o valor de mercado que a plataforma tem. Ela sobrevive com o lucro que é gerado (Van Dijck, 2013). Não podemos deixar de interpretar que estamos numa relação de domínio, porque nós - os usuários - passamos cada vez menos tempo desconectados das redes sociais. Nós consumimos um grande volume de conteúdos com base nas preferências e hábitos que construímos diariamente nesses ambientes virtuais.

A conexão é ativa e os algoritmos são importantíssimos na manutenção desse ecossistema, no sentido monetário e na ampliação de poder dessas empresas frente ao público. Os algoritmos funcionam como uma receita de bolo, onde a base com os dados coletados das nossas preferências nos alimenta e massivamente, priorizam nos mostrar conteúdos e assuntos onde o engajamento é maior. Ou seja,

os que têm alto número de curtidas, compartilhamentos, comentários. A nós, é mostrado o que mais tem interação e alcance para ser relevante em nossa rede. No caso das análises feitas nesta pesquisa, o comentário 4 sobre a Operação Escudo de São Paulo é um exemplo, em que o Secretário de Segurança Pública parabeniza a ação policial e a gestão do Governador.

“Foi preso na zona Sul de São Paulo o bandido que matou o soldado Reis, no Guarujá. A prisão não traz o pai de família e profissional exemplar de volta, mas dá o recado de que em São Paulo, quem atentar contra nossos policiais terá a devida resposta” (Comentário 4)

A postagem por si só teve bastante troca entre os usuários, a publicação obteve 294 mil visualizações, mais de 15 mil curtidas, 2.308 reposts e 102 comentários. As interações se desdobram em diversas mensagens de apoio, com parabenizações, incentivando para que tenha mais execuções. Alguns usuários fazem o comparativo de que a Bahia está a frente na quantidade de mortos por policiais. Esses comentários estão identificados no quadro 2, onde foi delimitado o corpus de análise como sendo o fato de que estes comentários todos receberam mais de dez curtidas, em cada uma das mensagens.

Nessas interações, pelo que foi observado, nos níveis de linguagem de Herring (2004), a informalidade dos usuários foi recorrente no (ex)Twitter, sobre as operações policiais. Os sentidos produzidos nos discursos eram intencionados por parte dos usuários em prol da ação dos agentes do Estado. Muitos deles tratavam o assunto de maneira odiosa e comparativa. As palavras utilizadas eram bem diretas, não tinha uma complexidade descritiva, como no exemplo descrito por um usuário: “estava mais que na hora de lavar a bandidagem”, falando sobre o caso de execução na Penha, no Rio de Janeiro. A postagem recebeu 1527 curtidas e 14 respostas diretas na plataforma. A cada fio de comentário que era publicado sobre as execuções policiais contra os civis nas comunidades em questão no (ex)Twitter, observava-se a presença do ódio nas interações entre os usuários. Das dez mensagens presentes nos quadros descritivos dos comentários selecionados, 8 eram postagens com discursos de ódio, como no exemplo citado anteriormente, de um usuário em resposta a Operação no Complexo da Penha – RJ.

O comportamento social observado sugere um efeito cascata, em que os atores presentes influenciam na massificação das mensagens e na reprodução desses sentidos. Conforme Recuero (2012), os sujeitos influenciam uns aos outros

nas redes sociais na internet. Não seria uma hierarquia e sim o impacto de influências dos envolvidos para a distribuição.

Quanto mais conectados, mais acesso à informação e maiores as chances de surgirem cascatas. Cascatas informativas podem ser positivas, quando trazem uma informação relevante para um determinado grupo de atores, ou negativas, quando a informação é falsa (Recuero, 2012, p. 7).

Os usuários compartilham suas mensagens a partir de suas crenças e do que consideram relevante de compartilhar. Nesse caso, a filtragem escolhida por esses atores, se apropria da demarcação de diferença e da presença de poder de ditar narrativas negativas sobre o “Outro”. Esse sentimento parece que é o denominador comum entre essas pessoas que se conectaram virtualmente. E voltamos a esbarrar na ideia de que as plataformas se apropriam genericamente de determinados discursos e se vendem como “neutras” quando é preciso aplicar sanções frente a situações relacionadas a discursos de ódio, violência, racismo, etc. Falta interesse e agilidade para combater condutas criminosas nesses espaços de interação (Andréa, 2018). Os números que os comentários alcançaram reforçam essa observação, demonstrando que existe, de acordo com o conteúdo que está sendo respondido, a premissa desta inação das plataformas e instituições frente a discursos de ódio nestas plataformas. Nos comentários selecionados e identificados neste trabalho, a grande maioria obteve um alcance numérico expressivo, na casa dos milhares em termos de engajamento, junto das curtidas. A troca interativa é ativa, como notou-se a partir dos retornos nos comentários e reposts da publicação. Os recursos multimodais não se limitavam somente a textos. Com frequência havia emoji nas publicações, que simbolizavam palmas, rostos de palhaço para enfatizar o tom da opinião daquele usuário, acompanhando a mensagem descrita em texto.

As plataformas têm o poder de alterar e decidir a forma com que as informações serão distribuídas. As bolhas formadas nas redes sociais, sob a condução dos algoritmos, legitimam as narrativas dentro dessas ilhas, determinando o que será relevante e ganhará atenção. Os discursos formados nesses espaços demonstram a demarcação existente sobre o lugar considerado para o “outro”. A exclusão é uma estratégia de reafirmar o poder (Foucault, 1999).

Por muito tempo o racismo no Brasil foi tratado como folclore para a sociedade dominante. O racismo sempre foi um problema de fora, alimentado pela

ideologia da democracia racial e o processo de miscigenação que edificou o país. A não responsabilização da branquitude quanto a escravidão, fez com que a população branca não se reconheça como parte do problema. E na formação dos ambientes virtuais essa isenção de culpa não seria diferente. O racismo está imbricado nas tecnologias digitais (Silva, 2019). As configurações das plataformas foram estruturadas na perspectiva do branco como referência (Nakamura, 2008; Daniels, 2013; Broussard, 2018). A materialização do racismo nesses espaços facilmente pode ser confundida, porque os algoritmos não atuam de forma neutra. O algoritmo tem um viés de automatização. Dessa forma, naturalmente excluído o que não é considerado padrão, alimentando a continuidade do branco como modelo de mundo. E as redes sociais online refletem essa similaridade com o offline.

As plataformas potencializam a produção de discursos homogêneos, mas a diferença é que no espaço online a disseminação e o alcance são muito mais rápidos do que as interações offline. Além disso, as pessoas se sentem mais confortáveis para emitir a sua visão de mundo. Aumentando a pluralidade dos sujeitos que estão interagindo nas bolhas. Os assuntos ganham um prazo de validade de repercussão e audiência. E trazendo para a formação dos discursos violentos, a negritude é estigmatizada constantemente na sociedade. São séculos produzindo a não humanidade desse grupo.

Ao observar os comentários sobre os episódios de violência, quando envolvem instituições policiais e chacinas nas periferias, de forma recorrente os comentários formados associavam automaticamente as vítimas ao lugar de punição. Um lugar de pré-julgado, como se as instituições não falhassem e fossem desnecessárias investigações de conduta pelas ações truculentas que foram executadas.

Há uma identificação entre o que estava sendo publicado e o sentimento de ódio contra as vítimas e contra as ações dos policiais. Essas que no tribunal virtual, com base nos comentários em comum, já estavam sentenciadas e julgadas como culpadas pelos juízes sem rostos e de *usernames* anônimos. Para eles, as vítimas não ganharam o benefício da dúvida. A polícia é a representação do Estado, dito isto, legalmente essa instituição deveria, teoricamente, tratar legalmente todos os cidadãos de forma igualitária, sem distinção de classe social, cor de pele, de crença ou outro aspecto de diferenciação. Na prática, os números e índices estatísticos demonstram um tratamento diferente, em especial aos grupos majoritariamente

compostos pela comunidade negra. Há pouca diferenciação no conteúdo gerado por essas interações entre os usuários, mas é perceptível que os comentários das postagens tanto para as chacinas que ocorreram no Rio, quanto em São Paulo, informa que há uma ligação racial na construção dos discursos, que tende a ser mascarado. As manifestações dos discursos são sutis e reforçam a ideologia de superioridade branca.

A produção de padrões na sociedade posiciona os brancos como detentores dos valores que são ausentes para os negros. Os discursos geralmente têm como pano de fundo ferir a honra de quem morreu, duvidar da inocência, pressupor que não houve vítimas e sim criminosos abatidos pela polícia. O trecho publicado pelo usuário sobre a operação no Complexo da Penha no Rio de Janeiro exemplifica isto: “É pra sentir dó?”. Este comentário recebeu 413 curtidas, foi visto mais de 65 mil vezes e teve 3 reposts e 3 respostas diretas na mensagem. A mensagem abre margem para interpretarmos, com um ar de deboche, que aquela vida não é passível de compaixão. O usuário afirma sem provas, que não sente pena, carrega a frieza e falta de empatia. Deixando muito claro nos discursos a marcação de quem são os outros.

Além disso, uma das características nos comentários que me chamaram atenção, para além do que foi citado, é a parabenização pelas mortes identificadas, dando a sensação de que há competição militar entre os Estados do país e que mais pessoas deveriam ser exterminadas. Um usuário escreveu: “Bahia na frente ainda”, em resposta ao post sobre a operação que culminou em 10 mortos no Complexo da Penha, no Rio de Janeiro. No final de julho de 2023, três operações militares na Bahia, causaram 19 mortes em menos de 5 dias. É um número alarmante para pouco tempo de operação e investigação. Todos ocorreram nas periferias de Salvador, dando a entender que são zonas justificáveis para tamanha violência.

A mesma Bahia, que se apresenta como Estado em que a maioria populacional se autodeclara negra, tem um número recorde de mortos em operação policiais e como o comentário dá a entender, neste ranking, a Bahia está na frente e desta forma, as instituições militares do Rio de Janeiro estão perdendo em número de assassinatos. Como não ser bravo com o mundo, se o mundo despreza a vida dos negros? Se esse mundo é violento contra nós, de tal maneira que não se desassocia o genocídio da negritude? Refletindo sobre as ideias do Afropessimismo de Wilderson (2021, p. 54), “a vida humana depende da morte negra para existir e

ser coerente”. As favelas são extensões do período da escravização. A declaração de guerra executa a ideia de eliminar a raça adversária e o Estado cumpre o papel de regular e garantir o direito de matar da polícia brasileira em territórios periféricos, esses espaços são naturalmente criminalizados pela grande mídia. E Nascimento (2019), alerta para sempre lembrarmos, que o massacre coletivo segue atual.

Os negros no Brasil só têm uma opção: desaparecer. Seja aniquilado pela força compulsória da miscigenação e da assimilação ou através da direta morte pura e simples (Nascimento, 2019, p. 42).

Socioeconomicamente, os negros foram excluídos da ascensão e reparação histórica. Marginalizados e atrasados, os números da disparidade econômica não nos deixam interpretar o contrário. O imaginário branco nunca escondeu o desprezo em relação aos negros. É explícito o preconceito de classe e de raça, que quando não está nas entrelinhas o pensamento criminalizatório, está escancarado. É naturalmente atribuído o perfil de criminoso aos negros. Presenciamos o extermínio dos indesejáveis.

Sodré (2015, p. 48) nos ajuda a pensar nessa construção de identidade, que é uma construção simbólica e válida a partir do reconhecimento do outro. O autor explica que, “a identidade ajuda a politizar os conflitos, criando possibilidades de representação das subjetividades junto ao espaço regido pelo espaço”. Pensando sob essa perspectiva, a identidade do negro vive sob constante tensão com a branquitude, para romper com essa lógica determinada por eles. Eles dependem dessa demarcação para sobrepor a diferença e os discursos dos usuários são sinalizações que fazem parte do grupo que sinaliza o diferente. Há uma arbitrariedade presente contra a forma de existência do negro, a negritude vive em constante luta de desatrelamento dos pressupostos negativos que são naturalmente associados para esse grupo. São energias que atrasam, porque é uma corrida desigual, enquanto luta-se pela memória e reputação das vítimas, não consegue acompanhar a velocidade que a disseminação desses discursos alcança. Os sujeitos lidos pela branquitude como diferentes são frequentemente colocados no papel de não pertencimento social, são discursos que visam a subalternidade frente essa relação estrutural de poder, que estruturalmente favorecem os brancos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das maiores dificuldades que encontrei durante a estruturação do projeto foi encontrar uma resposta explícita ao meu problema de pesquisa que era: como o discurso racista aparece nas redes sociais a respeito da população negra envolvendo violência policial no (ex)Twitter? Diante disso, a resposta que encontrei, não é nada simples, mas se autoexplica no tamanho da dificuldade que encontrei neste percurso. A resposta que encontrei foi a desumanização direcionada a nós, negros. Infelizmente vivemos numa sociedade que politicamente é branca, formada por sujeitos que escolhem e acolhem seus pares e quando são confrontados por aqueles que eles denominam como os “outros”, preferem terceirizar o problema à estrutura, ao invés de executar a real mudança.

Durante toda a minha trajetória de vida, enxergava determinadas situações sob a ótica da inconformidade. Aliás, desde que me conheço por gente, esse sentimento esteve muito presente. Quando mais jovem, sem muita referência e acessos acadêmicos, eu não entendia esse incômodo e o que me motivava nesse processo de sentir e estar constantemente sob operação desse sentimento de revolta. Não que hoje esse sentimento tenha diminuído, mas conforme vamos atravessando os processos da vida e trocando experiências com pares, percebemos que a domesticação é uma das características do racismo. Sofremos diariamente diversas formas de violência, em todos os ambientes, online e offline e fica muito difícil reconhecer e identificar as nossas dores. O racismo nos tira a condição de ser humano e está tão atrelado na construção social, que as perguntas seguirão surgindo, muito mais do que as respostas. Naturalmente, sou uma pessoa inconformada e direcionei essa inconformidade para essa dissertação.

Pensar subjetividades e como elas são construídas é perceber que estereótipos negativos facilmente são direcionados a nós, população negra. Quando me refiro a nós, me incluo nesse contexto de significações do olhar que a sociedade lança a mim. A sociedade se autoafirma e válida nos jogos dos signos, como modelo padrão o branco, reafirmando que nós somos, o “outro”, o diferente, o incômodo. Estamos presentes numa sociedade que é ideologicamente “racializada”, que tem nas suas práticas o colonialismo. Uma sociedade que não rompeu com seus preconceitos e pouco esforço faz para combater as discriminações. O racismo é um polvo que se desdobra em muitos braços na sociedade, atuando na privação e na

remoção da humanidade. A violência em si, é uma das ferramentas mais utilizadas para a manutenção de poder e conseqüentemente, o sufocamento das formas de existir e ser para a negritude.

Para responder o problema de pesquisa em sintonia com o objetivo geral, que foi compreender como o discurso sobre a negritude aparece em tweets que falam sobre violência policial, desenvolvi os seguintes objetivos específicos: 1) Identificar os padrões discursivos dos usuários relacionados aos episódios de violência policial no (ex)Twitter; 2) Analisar quais os termos que recorrentemente são utilizados pelos usuários das redes sociais frente às notícias de violência policial; 3) Verificar o tom geral do discurso referentes aos episódios de violência policial contra a negritude.

Para atender o objetivo 1, foi necessário delimitar o corpus de análise. Para isso, inicialmente fiz uma busca na plataforma, pelas das palavras-chave: “Guarujá – SP” e “Complexo da Penha – RJ”, selecionado os comentários mais curtidos que foram publicados na plataforma (ex)Twitter e que e estivessem falando diretamente sobre as operações policiais que ocorreram no Complexo da Penha, no Rio de Janeiro e na Baixada Santista, no Guarujá em SP.

O período da coleta foi de junho a agosto de 2023, o mesmo período em que ocorreram as ações policiais. Foram coletados aproximadamente 20 tweets para análise e como critério para a filtragem dos comentários, escolhi os 5 tweets que contabilizavam mais de dez curtidas, com publicações que tivessem números expressivos de alcance e que esses discursos tratassem sobre as operações no Guarujá (SP) e no Complexo da Penha (RJ).

Para fundamentar a análise que foi feita a partir do que os usuários estavam comentando no (ex)Twitter”, parti do princípio dos cinco domínios da linguagem por Herring (2004) na abordagem CMDA: Estrutura, Significado, Interação, Comportamento Social e Comunicação multimodal. Esta metodologia resultou na construção de dois quadros, com descrições do levantamento inicial no (ex)Twitter e que dizem respeito a ambas as operações policiais acompanhadas. O processo para formação do quadro 2 e 3, iniciou através da busca pelas palavras-chaves: “Operação Escudo”; “Chacina no Guarujá”; “polícia militar”; “Rota” e “Governador Tarcísio”. Entre o resultado gerado, selecionei os 15 comentários mais curtidos que surgiram no período de 30 de julho a 03 de agosto na rede social Ex-twitter. Para o caso do Rio de Janeiro, às palavras-chave foram: “PMERJ”, “Chacina na Penha”, “Operação na Penha”, “bandidagem” e “PM Rio”. Observei os onze comentários

mais curtidos e relacionados a operação policial no Complexo da Penha- RJ, no período de 30 de julho a 04 de agosto, publicados na rede social (ex)Twitter.

Como resultado frente ao objetivo, percebi que os discursos produzidos pelos usuários trazem preconceitos velados, ainda que carregados de estigmas e estereótipos. Pela forma que os discursos são reproduzidos dentro da plataforma, nota-se que eles têm um direcionamento. Mesmo quando não estão verbalizados em palavras, são descritos em imagens e emojis. Isso também é consequência da desumanização que é naturalmente associada aos negros. Quando se é considerado digno de humanidade, se tem empatia. A dor de outro sujeito é reconhecida e durante a construção da dissertação, especialmente nas análises, me deparei com o contrário, em vários comentários analisados. Esse lugar de não humanidade, essa ausência de merecimento, era constantemente afirmada nas interações dos usuários.

Durante a análise dos comentários produzidos pelos usuários nos casos envolvendo a violência policial na plataforma Ex-twitter, notei a presença de dois elementos que foram muito repetidos nas interações: o ódio e a comparação. As palavras utilizadas pelos usuários dentro desses espaços eram bem diretas e incentivadoras da continuidade de realização de ações policiais. Os discursos de ódio presentes nos comentários eram repetidos pelos usuários em um efeito cascata. Quanto mais alcance aquela mensagem tinha, mais curtidas de reconhecimento o post ganhava. Nesse caso retomamos o papel dos algoritmos na disseminação e repetição de determinados assuntos nas bolhas, pouco distribuindo o que é divergente. Os usuários compartilham suas mensagens a partir de suas crenças, do que é comum no seu meio. A filtragem escolhida por esses atores, objetiva a demarcação do que é diferente e o torna vazio de qualidades, legitimando a ideia de que este “outro” pode ser descartável para a sociedade.

Pensando no último objetivo, o tom das mensagens era de total apoio a polícia. Eles não reconhecem a operação como um ato de violência contra o outro. Não enxergam aqueles sujeitos enquanto vítimas. Os juízes virtuais já deram a sentença antes mesmo do veredito das fontes oficiais. Quando acontece operação policial nas favelas e essas ações furam a bolha, sendo noticiadas nas plataformas como aconteceu no Ex-twitter, abre um portal de comentários carregados de valores e entre muitos deles, se encontra o reforço do estigma das favelas como produtores do crime. Se expressa a compreensão de que as instituições policiais devem entrar

nesses territórios, exterminando seja quem for, como se fosse um cenário natural de guerra, onde o inimigo são esses sujeitos diferentes. Percebe-se que os usuários nos comentários não associam a violência como algo causado pelo racismo ou que a desigualdade é o reflexo disso.

A minha principal angústia durante a construção da dissertação era notar que quando as vítimas são meus semelhantes, sempre é automaticamente necessário para quem sobrevive provar que não mereceu morrer. Além disso, como a violência policial é naturalizada e legitimada nos comentários. É particularmente desconfortável ler que a vida do negro vale menos que qualquer outra coisa e ver como o número de vidas ceifadas não chocam. A apatia frente a vida e o aplauso às mortes de quem vive na margem política e territorial. É desconfortável ver a banalização da violência transcrita pelos comentários, os quais tem intenções discriminatórias.

E o pior é que os discursos produzidos nas redes sociais não têm como objetivo pressionar os gestores políticos para que investiguem a conduta dos policiais ou confrontar a homogeneidade das instituições. Ver a inoperância das plataformas virtuais que deveriam regular a propagação de violências, mas que se apropriam genericamente de pautas. Quando é preciso aplicar posições firmes frente a situações relacionadas a discurso de ódio disseminados pelos usuários, se vendem como “neutras”. O mau uso e a não regulamentação das plataformas, reforçam que esses ambientes sejam apenas mais um espaço de violação, livre para a disseminação de preconceitos e práticas discriminatórias, sob as justificativas de que são opiniões inocentes.

Entre os desafios metodológicos que encontrei durante a pesquisa, orientada pelos objetivos, o principal foi identificar os comentários que explicitamente falavam sobre raça. Porque as interações que os usuários descreviam, em todos os comentários selecionados, de alguma forma possuem características que fundamentam esse pensamento baseado em estereótipos, os quais são muito velados em termos de um discurso racial. Muitos tinham o intuito de comparar a negritude a algo negativo. Alimentar o imaginário social da ausência de qualidades, de que os negros são naturalmente violentos, criminosos e vivem à margem, por falta de vontade de querer mudar de vida. Como se não bastassem todas as violências que nos atravessam, sujeitos como os usuários que realizaram os comentários, nos tratam como se fossemos vitimistas e ancorados no discurso da

escravidão. O senso comum racista de que “enxergamos racismo em tudo”, até no que não está sendo verbalizado.

As plataformas virtuais de interação são ambientes complexos para análise, e requerem mais tempo para observar, com maior profundidade, o comportamento dos usuários e suas reações nas bolhas virtuais. Infelizmente, por ser uma pesquisa de mestrado, o curto tempo não nos permitiu expandir a coleta de dados sobre as chacinas no Brasil. Mas acredito que estudos com maior oportunidade de observação dessas plataformas seriam potentes espaços para outros pesquisadores aprofundarem os estudos sobre raça, discurso e plataformas.

Por fim, eu ainda acredito no futuro e por acreditar nele é que me alimento do inconformismo.

REFERENCIAS

ANDRÉA, Carlos d'. **Pesquisando plataformas online** : conceitos e métodos / Carlos d'Andréa. - Salvador : EDUFBA, 2020.

ANDRÉA, Carlos d'. **Rumo a uma plataformização do social**. Medium. Brasil. 17 de julho de 2017. Disponível em: <<https://medium.com/@carlosdand/rumo-a-uma-plataformiza%C3%A7%C3%A3o-do-social-2384f990fbad>>

ACEVEDO, C. R. NOHARA, J. RAMUSKI, C. L. **Relações Raciais na Mídia**: um estudo no contexto brasileiro. Psicologia Política. Vol. 10. Nº 19. p. 57-73. Jan. – Jun. 2010.

ADORNO, S. **Racismo, criminalidade violenta e justiça penal**. Estudos históricos, n. 18, 1996

BENTO, M. A.S. **Pactos narcísicos no racismo**: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. 2002.

BEZERRA, A. C.; COSTA, C. M. da. **Pele negra, algoritmos brancos**: informação e racismo nas redes sociotécnicas. Liinc em Revista, [S. l.], v. 18, n. 2, p. e6043, 2022. DOI: 10.18617/liinc.v18i2.6043. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/6043>. Acesso em: 10 ago. 2023.

BOYD, Danah (2010). **“Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications”**. In: PAPACHARISSI, Zizi (ed.). Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites. Routledge, pp. 39-58.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. **Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016** / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. Universidade de Brasília, Observatório de Saúde de Populações em Vulnerabilidade – Brasília : Ministério da Saúde, 2018.

BRASIL. Decreto- Lei nº 7967 de 18 de setembro de 1945. Dispõe sobre a imigração e colonização. Brasília: Câmara dos Deputados, 1945. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-7967-18-setembro-1945-416614> Acesso em 15 jun. 2022

BROUSSARD, M. (2018). **Artificial unintelligence**: How computers misunderstand the world. MIT Press.

BUTLER, Judith. **Vida precária**. Contemporânea, Jan.–Jun., n. 1, 2011, p. 13-33.

CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo**: um estudo sobre a branquitude no Brasil. 2014. Tese (doutorado) Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho Campus de Araraquara.

CARNEIRO, S. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023

CARNEIRO, S. **Mulheres Negras e Violência Doméstica**: decodificando os números. 1 ed. São Paulo: Geledés Instituto da Mulher Negra, 2017.

CARRERA, F. (2021). **Algoritmização de estereótipos raciais em bancos de imagens**: a persistência dos padrões coloniais Jezebel, Mammy e Sapphire para mulheres negras. *Palavra Clave*, 24(3), e 2433. DOI: <https://doi.org/10.5294/pacla.2021.24.3.3>.

CARRERA, F. (2020). **A raça e o gênero da estética e dos afetos**: algoritmização do racismo e do sexismo em bancos contemporâneos de imagens digitais. *MATRIZES*, 14(2), 217-240. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v14i2p217-240>

CARTA CAPITAL. **O Sorriso Negro de Dona Ivone Lara**. 2021. Matéria disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/o-sorriso-negro-de-dona-ivone-lara/> Acessado em: 20.02.23

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. Volume I. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CERQUEIRA, Daniel. **Atlas da Violência 2021** / Daniel Cerqueira et al., — São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5141-atlasdaviolencia2021completo.pdf> Acesso em: 20.01.23

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre a negritude** / Aimé Césaire; Carlos Moore - Belo Horizonte; Nandyala, 2010

COSTA, Yuri Michael Pereira. **Celso Magalhães e a justiça infame**: crime, escravidão e poder no Brasil Império / Yuri Michael Pereira Costa. - São Leopoldo, 2017. Tese Doutorado em História. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6641> Acesso em 06.03.23

DANIELS, J. (2009). **Cyber racism**: White supremacy online and the new attack on civil rights. Rowman & Littlefield Publishers.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe** / tradução Heci Regina Candiani - 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIJCK, José Van. Confiamos nos dados? **As implicações da datificação para o monitoramento social**. *Matrizes*, v.11, n. 1, jan.- abr. 2017, São Paulo. p. 40

DIJCK, José Van. **The culture of connectivity**: a critical history of social media / José van Dijck. p. cm. 2013

DOMINGUES, P. J. **Movimento Negro Brasileiro**: alguns apontamentos históricos. Scielo. Artigo. *Tempo* 12 (23) • 2007. <https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007>. Acesso em: 22 dez. 2022.

DOMINGUES, P. J. **Movimento da negritude**: uma breve reconstrução histórica. *África, [S. l.]*, n. 24-26, p. 193-210, 2009. DOI: 10.11606/issn.2526-303X.v0i24-26p193-210. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/7404> Acesso em: 10 set. 2022.

DU BOIS, W. E. B. (1920). **Darkwater Voices from within the Veil**. (NY: Harcourt, Brace & Co.) Electronic Text Center, University of Virginia Library (HTML). Disponível em < <https://archive.org/details/darkwatervoicesf00duborich>>. Acessado em 19 set. 2023.

DU BOIS, W. E. B. (2003). **The Souls of Black Folk**. Nova York: Barnes & Noble.

FARIA LOPES, V., & LAINNE DOS SANTOS, K. (2020). “**Mi palabra es afilada y contamina**”: análise lingüístico-discursivo de comentários racistas implicitamente manifestados em Facebook. *Revista De Estudios Brasileños*, 7(14), 63–77. Disponível em <<https://doi.org/10.14201/reb20207146377>>

FAIRCLOUGH, N. (2001). **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

FAIRCLOUGH, N. (2003). **Analysing discourse**: Textual analysis for social research. Londres: Routledge.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1982

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural no Collège de France. 02 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 5ª edição, 1999.

FUNDAÇÃO PALMARES. **População escrava do Brasil é detalhada em Censo de 1872**. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/populacao-escrava-do-brasil-e-detalhada-em-censo-de-1872> Acesso em: 10 fev. 2023.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia - **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira** In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GONZALEZ, Lélia, **Primavera para Rosas Negras** / Coletânea organizada e editada pela UCPA - União dos Coletivos Panafricanistas. 2018

GILLESPIE, Tarleton. **The politics of “platforms.”** *New Media & Society*, n. 3, p. 1–18, 2010, 12 v.

GILLESPIE, Tarleton. **A relevância dos algoritmos**. *Revista Parágrafo*. São Paulo, Brasil, v. 6, n. 1, p. 95-121, jan./abr. 2018. Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5971548/mod_resource/content/1/722-2195-1-PB.pdf> Acessado em jul. 2023

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo. Revista Educação e Sociedade. Julho/Dez, 1997.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós modernidade. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

HALL, Stuart. Cultura e Representação. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HERRING, S. C. **Computer-mediated discourse**. In D. Schiffrin, D. Tannen, & H. Hamilton (Eds.), The Handbook of Discourse Analysis (pp. 612-634). Oxford: Blackwell Publishers. 2001.

HERRING, S. C. **Computer-mediated discourse analysis: An approach to researching online behavior**. In S. A. Barab, R. Kling, & J. H. Gray (Eds.), Designing for Virtual Communities in the Service of Learning (pp. 338-376). New York: Cambridge University Press. 2004.

HERRING, Susan (2013). " Discourse in Web 2.0: Familiar, reconfigured , and emergent". In: **Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics 2011: Discourse 2.0: Language and new media** Washington, Georgetown University Press, pp. 1-25. Disponível em: <<http://ella.slis.indiana.edu/~herring/GURT.2011.prepub.pdf>>. Acessado em jul. 2023.

HERRING, Susan C. **The Coevolution of Computer-Mediated Communication and Computer-Mediated Discourse** Analysis. In: PATRICIA BOU-FRANCH, Pilar Garcés-Conejos Blitvich (Org.). Analyzing Digital Discourse: new insights and future directions. Londres: Palgrave MacMillan, 2019. p. 25-67.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO MARANHÃO. **Autos do processo-crime da Baronesa de Grajaú 1876 - 1877**. São Luís: Procuradoria Geral de Justiça, 2020. Disponível em: https://www.mpma.mp.br/wp-content/uploads/2020/12/Processo_Baronesa_Graja%C3%BA-2Ed.-compactado.pdf Acesso em 15 jun. 2022

LIMA, Carlos de. **Caminho de São Luís: ruas, logradouros, e prédios históricos**. São Paulo: Siciliano, 2002.

_____. História do Maranhão. v.2 (A monarquia). 2. ed. São Luís: Instituto Geia, 2008

LIBAMBOS e gonilhas. [S.l.: s.n.], [entre 1900 e 193-]. 1 cartão-postal, Cópia fotográfica de gelatina e prata, p&b, 8 x 12,4 cm em cartão: 8,8 x 13,8 cm. Disponível em:

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon299056/icon981700.jpg. Acesso em: 6 mar. 2023. Disponível em:

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon299056/icon981700.html. Acesso em: 6 mar. 2023.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. Arte & Ensaios, v. 32, 2016.

MOREIRA, Sonia Virginia. **Análise Documental como método e como técnica**. In: DUARTE, Jorge (Org.); BARROS, Antonio (Org.). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica.. Acesso em: 08 mar. 2023. , 2019

NAKAMURA, L. (2008). **Digitizing race**: Visual cultures of the Internet (Vol. 23). U of Minnesota Press.

NASCIMENTO, Abdias do. 1914- 2011 - **O Genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**/ Abdias Nascimento. – 2. Ed. – São Paulo: perspectiva, 2017

NASCIMENTO, Abdias do, 1914- 2011 - **O quilombismo**: documento de uma militância pan-africanista / Abdias Nascimento. – 3. Ed.rev ; São Paulo: Editora perspectiva ; Rio de Janeiro ; Ipeafro 2019.

OSOBA, Osonde A.; WELSER IV, William. **An intelligence in our image**: The risks of bias and errors in artificial intelligence. Rand Corporation, 2017.

PASQUALE, Frank. **The black box society**. Harvard University Press, 2015

RAMOS, A. **A aculturação negra no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca Pedagógica Brasileira, 1942.

SANTOS, Joel Rufino dos. **A história do Negro no teatro brasileiro**. Rio de Janeiro: Novas Direções, 2014.

SATURNINO, R. R., SOUSA, H., & QIU, J. L. (2021). **Plataformas Digitais na Economia Conectada**: Discurso, Controle, Consumo e Colaboração. Nota introdutória. *Comunicação E Sociedade*, 39, 7–14. [https://doi.org/10.17231/comsoc.39\(2021\).3431](https://doi.org/10.17231/comsoc.39(2021).3431)

SILVA, Tarcízio. **Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais**: microagressões e discriminação em código. VI Simpósio Internacional LAVITS. 2019. Disponível em:<https://www.researchgate.net/publication/333700308_Racismo_Algoritmico_em_Plataformas_Digitais_microagressoes_e_discriminacao_em_codigo>

SILVA, T. (2019, 2-7 de setembro). **Teoria racial crítica e comunicação digital**: conexões contra a dupla opacidade. Artigo apresentado no 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belém, PA, Brasil

SILVA, TARCÍZIO. **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: Olhares afrodiáspóricos** Organização e Edição: Tarcízio Silva; Revisão Ortográfica: Toni C.; Demétrios dos Santos Ferreira; Tarcízio Silva; Gabriela Porfírio; Taís Oliveira; Tradução: Vinícius Silva; Tarcízio Silva; Ilustração de Capa: Isabella Bispo; Diagramação: Yuri Amaral; Consultoria Editorial: LiteraRUA – São Paulo, 2020.

SODRÉ, Muniz – **Claros e escuros: identidade, povo, mídia e cotas no Brasil** – 3. Ed. Atual e ampl. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

RECUERO, R. A Rede é a Mensagem: Efeitos da Difusão de Informações nos Sites de Rede Social. Pelotas, 2012. Disponível em <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/redemensagem.pdf> > Acessado em 22 jun. 2019.

RECUERO, R. Redes Sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2009b.

RECUERO, Raquel. **Mídia social, plataforma digital, site de rede social ou rede social. Não é tudo a mesma coisa.** Medium. Brasil. 09 de julho de 2019. Disponível em: <<https://medium.com/@raquelrecuero/m%C3%ADdia-social-plataforma-digital-site-de-rede-social-ou-rede-social-n%C3%A3o-%C3%A9-tudo-a-mesma-coisa-d7b54591a9ec>>

RECUERO R, SOARES P. **Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da fanpage "Diva Depressão".** Galáxia (São Paulo) [Internet]. 2013Dec;13(26):239–54. Available from: <https://www.scielo.br/j/gal/a/m4kz3SJg8bVWCYBTxcbg6qx/>

RECUERO, Raquel. **Discutindo análise de conteúdo como método: o#DiadaConsciênciaNegra no Twitter.** Cadernos de Estudos Lingüísticos, v. 56, n. 2, p. 289- 309, 2014.

ROUVROY, A., & BERNS, T. (2015). **Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o díspar como condição de individuação pela relação?.** *Revista Eco-Pós*, 18(2), 36–56. <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v18i2.2662>

SAYURI, Juliana. A terrível história da baronesa que torturou e matou um garoto negro de 8 anos no Maranhão, em 1876. **BBC News Brasil.** Toyohashi, 12 de março de 2022. <https://www.bbc.com/portuguese/geral-60492824>. Acesso em 20 fev. 2023

TRINDADE, L. V. P. (2018). It is not that funny. **Critical analysis of racial ideologies embedded in racialized humour discourses on social media in Brazil** (Doctoral dissertation, University of Southampton), UK.

TRINDADE, Luiz Valério P. **MÍDIAS SOCIAIS E A NATURALIZAÇÃO DE DISCURSOS RACISTAS NO BRASIL.** Organização e Edição: Tarcízio Silva; Revisão Ortográfica: Toni C.; Demétrio dos Santos Ferreira; Tarcízio Silva; Gabriela Porfírio; Taís Oliveira; Tradução: Vinícius Silva; Tarcízio Silva; Ilustração de Capa: Isabella Bispo; Diagramação: Yuri Amaral; Consultoria Editorial: LiteraRUA – São Paulo, 2020

VOLCAN, Taiane de Oliveira. **Uma Guinada ao Humor**: A mudança discursiva da Página de Dilma Rousseff no Facebook durante a Copa do Mundo. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2016. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2908-1.pdf>> Acessado em 23.08.23

WILDERSON, Frank B. (1956) Afropessimismo: Frank B. Wilderson III: Editora Todavia, 2021